



Dilza Ramos Bastos

**Em Busca de uma Metodologia
de Análise Documentária para as
Crônicas Jornalísticas de
Carlos Drummond de Andrade**

Niterói

2006

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT

Universidade Federal Fluminense - UFF

DILZA RAMOS BASTOS

**EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE DOCUMENTÁRIA PARA AS
CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Dissertação apresentada ao PPGCI, Convênio IBICT – UFF. Área de Concentração: O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento. Linha de Pesquisa: Representação, gestão e tecnologia da informação, como requisito para Defesa de Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza de Almeida Campos

Niterói, 2006

DILZA RAMOS BASTOS

**EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE
DOCUMENTÁRIA PARA AS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Dissertação apresentada ao PPGCI, Convênio IBICT – UFF. Área de Concentração: O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento. Linha de Pesquisa: Representação, gestão e tecnologia da informação, como requisito para Defesa de Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação.

Aprovada por:

Prof^ª. Dr^ª. Rosali Fernandez de Souza
UFF/IBICT

Prof^ª. Dr^ª. Hagar Espanha Gomes

Prof^ª. Dra. Rosa Inês de Novais Cordeiro

Niterói

2006

*A meu pai por toda sua dedicação,
a minha mãe por sua perseverança
e a minha irmã por seu apoio e carinho.*

*Aos meus filhos e nora,
por seu constante incentivo e compreensão.*

Agradecimentos

A Deus por Sua força para sonhar e realizar.

Este trabalho é fruto de um sonho concretizado em meio a muitos acontecimentos em minha vida e ao redor. Assim, ele não seria realizado sem a compreensão e apoio de grandes amigos.

À minha querida orientadora, por sua amizade, dedicação, paciência e tempo.

À querida Hagar Espanha, por sua amizade e seu apoio em momentos tão decisivos.

À minha querida professora Lídia Freitas, por sua amizade e apreço.

À minha querida amiga e companheira de luta com as crônicas, Eliane Vasconcellos, por seu carinho, incentivo e apoio.

Aos queridos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e aos colegas de mestrado, em profundo reconhecimento.

Às minhas queridas amigas e companheiras de batalha, Irene Brasil, Beatriz Coelho, Conchita Spreng, Judith Kuhn, Lúcia Velloso, por seu incentivo, apoio e compreensão.

A Leonardo Cunha, que mais do que companheiro, em nossa biblioteca, foi um amigo incansável na busca das fontes bibliográficas para esta pesquisa.

Aos queridos amigos e colegas na Fundação Casa de Rui Barbosa, por seu incentivo e torcida.

À Diretora do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa, Ana Pessoa, por seu incentivo e apoio.

Aos meus queridos amigos e verdadeiros irmãos: Silvana Rocha, Antônio Elias e Claudete Queiroz.

RESUMO

O impacto das novas tecnologias nos processos de comunicação científica tem gerado novas necessidades de investigação sobre o processamento documental. No campo da pesquisa em Literatura e História, os sistemas de informação não dão conta da demanda crescente e cada vez mais específica. A crônica tem grande importância para a pesquisa sob vários aspectos, inclusive por sua temática. Contudo, sua análise pode ser uma questão complexa, pois não é possível se propor para a crônica uma estrutura textual, o que exige uma leitura documentária integral. A dissertação apresenta, a partir de revisão da literatura, uma investigação da natureza das crônicas jornalísticas e da análise documentária em suas fases constituintes. Como campo empírico foi analisada a representação da informação no processamento documental da coleção de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*, efetuada em uma unidade de informação especializada. Nessa unidade de informação, especialistas em literatura e profissionais da informação criaram gradativamente alguns procedimentos com intuito de facilitar a análise e o registro dos dados resultantes. Dessa forma, é buscada fundamentação teórica e metodológica para o tratamento de crônicas jornalísticas, de forma a aprimorar sua análise documentária e o atendimento aos atuais usuários, bem como a futuros pesquisadores.

DESCRITORES:

Análise documentária; Crônica; Metodologia.

ABSTRACT

The impact of new technologies on the processes of scientific communication has been generating new needs of investigation on the documental processing. In the research field of Literature and History, the information systems do not meet the needs of the increasing and more specific demand. The chronicle has great importance for research under several aspects, also for its thematic. However, its analysis can be a complex matter, because it's not possible to propose a textual structure for the chronicle, which demands an integral documentary reading. The dissertation presents, starting from literature revision, proposes an investigation of the nature of chronicles and the documentary analysis in its constituent phases. On the empirical field, the information representation in the documental processing of Carlos Drummond de Andrade's chronicles collection, published in the *Jornal do Brasil*, made in an unit of specialized information, will be analyzed. In this unit of information, specialists in literature and information professionals have created gradually some procedures with purpose of facilitating the analysis and the record of the resultant data. Thus, theoretical and methodological fundamentation is sought for the treatment of journalistic chronicles, in order to improve its documentary analysis and the assistance to current users, as well as for future researchers.

DESCRIPTORS:

Documentary analysis; Chronicle; Methodology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Exemplo da primeira estrutura da tabela.....	59
Figura 2: Exemplo da segunda estrutura da tabela.	60
Figura 3: Trecho do índice de termos controlados.....	63
Figura 4: Exemplo de registro, com dados na categoria Índice Vocabular.....	65
Figura 5: Exemplo de ficha do sistema de digitalização.....	67
Figura 6: Imagem do banco de crônicas digitalizadas, constando uma crônica e sua ficha.....	67
Figura 7: Exemplo de registros, em planilha, da análise documental das crônicas na primeira fase.....	79
Figura 8: Exemplo de termo central inadequado.....	80
Figura 9: Exemplo de registro com especificidade temática.....	80
Figura 10: Exemplo de registro com representação temática insuficiente.....	81
Figura 11: Exemplo de registro, na primeira fase, onde se percebe captação da subjetividade.....	82
Figura 12: Exemplo de registro com dados da categoria Discussão demasiadamente sucintos.....	83
Figura 13: Exemplo do registro com conteúdo na categoria Índice Vocabular.....	83
Figura 14: Registro elaborado na primeira fase, que evidencia a categoria Termos Controlados.....	85
Figura 15: Registro elaborado na segunda fase, evidenciando nova denominação de categoria.....	85
Figura 16: Registro elaborado na segunda fase, sem dados na categoria Referências. Nominais.....	86
Figura 17: Registro elaborado na primeira fase, com alguns dados na categoria Índice Onomástico.....	86
Figura 18: Registro elaborado na primeira fase, evidenciando o título da crônica no jornal.....	87
Figura 19: Registro elaborado na segunda fase, acusando mudança no título da crônica.....	87
Figura 20: Registro elaborado na primeira fase, evidenciando o nível de detalhamento	89
Figura 21: Registro elaborado na segunda fase, evidenciando maior detalhamento e padronização.....	89

SUMÁRIO

RESUMO		v
ABSTRACT		vi
1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	6
2.1	Objetivo geral	6
2.2	Objetivos específicos	6
3	A CRÔNICA	7
3.1	Uma visão histórica e conceitual	8
3.2	A crônica e a questão do gênero literário ou jornalístico	13
3.3	As crônicas Carlos Drummond de Andrade, publicadas no <i>Jornal do Brasil</i>...	20
3.4	Considerações finais	24
4	A ANÁLISE DOCUMENTÁRIA	27
4.1	Considerações em torno do conceito de análise documentária	29
4.2	A leitura do indexador	36
4.2.1	A identificação de pontos de acesso	40
4.3	A análise de documentos literários: um ponto em discussão	44
4.4	A crônica jornalística frente à análise documentária	48

5	O ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA (AMLB) E A PESQUISA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	53
5.1	A evolução da análise documentária das crônicas de Drummond.....	56
5.1.1	Primeira fase.....	58
5.1.2	Segunda fase.....	65
6	ESTUDO DA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE DRUMMOND.....	70
6.1	O estabelecimento da amostra.....	70
6.2	Metodologia aplicada e fundamentação teórica adotada.....	74
6.3	Exame da amostra.....	77
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	OBRAS CITADAS	95
	OBRAS CONSULTADAS.....	101
	ANEXO I – Reprodução da capa da obra <i>De notícias e não notícias faz-se a crônica</i>	106
	ANEXO II – Vocabulário controlado e índice.....	107
	ANEXO III – Seleção das crônicas publicadas na obra “De notícias e não notícias faz-se a crônica”.....	118
	ANEXO IV – Estudo da amostra referente aos resultados da análise documentária.....	144

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa buscou investigar a análise documentária de crônicas jornalísticas, tendo em vista identificar procedimentos de análise e representação da informação. Partimos do sentido científico de que analisar a crônica jornalística seria desconstruí-la e reconstruí-la, isto é, descrevê-la para obtermos um conjunto de elementos distintos. “Portanto, tem-se a *dialética da representação* ao se viabilizar o *desdobramento do conteúdo do documento* e ao se necessitar alcançar o *mínimo-máximo de uma perspectiva indexável*” (CORDEIRO, 2000, p. 80).

Desse modo, nossa intenção era compreender o grau de aprofundamento e de seletividade dos dados e as possíveis ligações desses dados que darão significado ao todo como uma reconstrução do objeto. Para tal, fizemos uso, como campo empírico, de um serviço de informação no âmbito da literatura brasileira, que visa melhor atender à demanda de seus usuários. Nele investigamos o processamento da coleção de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*.

Acreditamos que o papel de um serviço de informação é antecipar-se à demanda de seu usuário potencial e, dessa forma, levamos em consideração que ao buscar informações em um banco de dados, o pesquisador se encontra em um estado transitório¹ “caracterizado por um alto grau de indefinição em relação ao assunto” em pauta, estando ainda nebulosas suas próprias interrogações. Ele procura referências que permitam reconstruir seu conhecimento e orientar seu trabalho (SAYÃO 1996, p. 314):

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. (HALBWACHS, 1990 apud SAYÃO 1996, p. 314).

Os processos de comunicação científica vêm sendo impactados pelas tecnologias da informação afetando os sistemas de tratamento, recuperação e disseminação. A velocidade com que os documentos são disponibilizados através de novos instrumentos, principalmente

¹ Segundo Sayão (1996, p. 314), esse estado “é chamado por alguns autores da área de ciência da informação de ‘estado anômalo de conhecimento’”.

os eletrônicos, evidencia que estudos e experiências devem ser implementados tendo em vista atender à amplitude e à complexidade dos conteúdos.

Percebemos que os sistemas tradicionais e as ferramentas de busca não são suficientes para atender à demanda, especificamente em Literatura e História. A questão se enquadra na necessidade de tratamento mais adequado dos acervos o que irá refletir nos conteúdos informacionais. É também de suma importância que o próprio usuário possa estar mais independente para interagir diretamente com o sistema informatizado, já que nesse sistema é realizado um processamento documental que se propõe a minimizar dificuldades decorrentes da falta de precisão e de adequação à demanda informacional.

Hjørland (2002, p. 422), em seu artigo intitulado *Domain analysis in information science: eleven approaches, traditional as well as innovative*, afirma que é preciso dar tratamento diferenciado aos diversos domínios do conhecimento atendendo as suas especificidades. Com base nesta afirmação, pretendíamos refletir sobre a análise documentária no âmbito de documentos literários e verificar a existência de princípios metodológicos que atendessem à representação e à recuperação das informações documentárias.

O que seria relevante para o indexador que tem em vista atender ao pesquisador de crônicas jornalísticas? O que seria relevante analisar? Pensamos que essas questões se referem especificamente ao indexador estar apto e atento aos dados que deve observar, identificar, compreender, selecionar e dar acesso ao público interessado nesse gênero literário. Ressaltamos que o potencial informativo é também percebido através da demanda informacional oriunda de estudantes, professores, escritores, historiadores e do público em geral nos serviços especializados em literatura brasileira.

Ao focar a necessidade de entender a questão da informação como conhecimento em ação e como oferta de sentido em determinados contextos sociais, onde o papel das comunidades de interpretação é decisivo, ganham relevo os aspectos humanos e antropológicos da informação, sua utilização no cotidiano pelas comunidades, tanto no domínio do senso comum, nas mais diversas situações, como no domínio de comunidades científicas e profissionais. (AZEVEDO, 2004, p. 127).

Em nosso estudo, consideramos que compreender e interpretar requeira capacidade de se colocar no lugar do outro, esforçando-se de forma sistemática e metódica, no sentido de conhecer a natureza da crônica jornalística e seu potencial informativo. Buscamos verificar se,

dessa forma, seria possível ao indexador reconhecer intenções, indo também além do texto mediante a observação do contexto sócio-histórico. A princípio, nos pareceu que na compreensão histórica surjam os vínculos concretos das tradições e dos costumes, bem como o que poderá corresponder a eles no futuro. Além disso, consideramos a necessidade de uma postura crítica em relação a idéias contraditórias, em busca de possíveis contribuições ao conhecimento. (AZEVEDO, 2004, p. 130, 132).

Contudo, percebemos que a análise documentária realizada em serviços de informação geralmente se vale apenas da vivência dos envolvidos no processamento dos documentos e no atendimento aos usuários. Algumas vezes podemos encontrar regras de elaboração de informações documentárias, mas faltam ainda maiores estudos que possam tratar da fundamentação teórica e metodológica. Assim, observamos que se isso ocorria em relação a toda tipologia documental no âmbito literário, muito mais poderíamos considerar no caso das crônicas jornalísticas que, geralmente, não contam nem mesmo com um tratamento temático.

Faz-se aqui necessário uma consideração sobre o termo “literatura”. Segundo Gomes ([199-?])², o termo tem um sentido restrito de *belles-lettres* (humanidades), sendo que a importância da literatura propriamente dita não estaria no tema tratado, como é o caso da literatura informativa. O tema de certas obras determinaria sua classificação pela matéria e não em literatura, demonstrando que o conceito de literatura estaria reservado a obras de imaginação que pertençam a diferentes gêneros literários como poesia, prosa de ficção, etc; crítica literária; história e biografia literárias:

Na catalogação da obra literária o tema tratado não é levado em consideração. Basta fazer a catalogação descritiva. Este princípio é válido para as bibliotecas especializadas ou para as acadêmicas. No entanto, experiências em outros países mostram que, numa biblioteca pública geral, ou infantil, o leitor pode pedir ao bibliotecário de referência orientação a respeito de literatura que trate de 'aventura', 'história de índios', ou 'de fadas', e assim por diante. (GOMES, [199-?]).³

Desse modo, o tratamento temático não é considerado relevante de forma generalizada a todas as obras da literatura propriamente dita, mas acreditamos que alguns gêneros sejam exceções dependendo de sua natureza e de seu uso na pesquisa.

² Trabalho sob a coordenação de Hagar Espanha Gomes, disponível em: http://www.conexaorio.com/bit/literatura/que_e_literatura.htm.

³ Disponível em: http://www.conexaorio.com/bit/literatura/cat_descr.htm.

Trazemos assim à discussão o caso da crônica jornalística, por vê-la como fruto do encontro da literatura e do jornalismo (FERNANDES, 2004?) e por percebermos sua importância para a pesquisa, sob vários aspectos, inclusive por sua temática. Contudo, nos parecia que sua análise seria uma questão complexa, pois não poderíamos propor para ela uma estrutura textual como acontece, por exemplo, com os artigos científicos, o que exigiria uma leitura documentária integral.

Em nosso estudo enfocamos dois campos de investigação: a análise documentária e a crônica. A revisão da literatura se pautou e foi desenvolvida como fruto desses dois aspectos.

Estabelecemos que no levantamento da literatura sobre a crônica, iniciariamos por uma vertente histórica, para em seguida apresentar uma perspectiva conceitual e, finalmente, discorrer mais especificamente sobre as crônicas de Carlos Drummond de Andrade, pautando-nos nas abordagens dos seguintes estudiosos: Davi Arrigucci Junior, Antonio Candido, Carlos H. Cony, Afrânio Coutinho, Antonio Dimas, Priscila Fernandes, Arnaldo Jambo, A. P. M. C. Kaimote, Nilma G. Lacerda, Sylvio Lago Junior, Massaud Moisés, Margarida de S. Neves, Valentina da S. Nunes, Letícia Pizaia e Gilberto M. Teles.

Na revisão da literatura sobre análise documentária, apresentamos algumas abordagens sobre a conceituação e a constituição do processo, em suas etapas: leitura documentária, interpretação, síntese e representação, através dos seguintes estudiosos: Harold Borko, Charles L. Bernier, Samuel C. Bradford, Jacques Chaumier, Umberto Eco, John F. Farrow, Anthony C. Foskett, Jean C. Gardin, Birger Hjørland, Peter Ingwersen, Frederick W. Lancaster, Derek W. Langridge e Hanne Albrechtsen. Para enfoque da análise documentária no âmbito dos estudiosos brasileiros, nos valem de abordagens das seguintes estudiosas: Nair Y. Kobashi, Clarinda R. Lucas, Maria dos Remédios da Silva, Mariângela S. L. Fujita, Isabel Maria R. F. Cunha, Rosa Inês de N. Cordeiro, Hagar E. Gomes e Maria Luiza de A. Campos. Procuramos apresentar uma evolução e conceituação do termo “análise documentária”, em relação também ao termo “indexação”, bem como posicionamentos que serviram ao estudo e à fundamentação de uma possível proposta metodológica. Nos norteamos no sentido de identificar autores do século 20 e 21 que apresentam uma abordagem quanto ao olhar do indexador sobre o documento a ser analisado, sua leitura e sua interpretação. Em busca dessa identificação, pesquisamos mediante os termos “análise documentária”, “indexação” e “leitura documentária” na base de dados LISA e em trabalhos do Grupo Temma. Em especial, analisamos o estudo apresentado por Remédios e Fujita

(2004), o que nos possibilitou maior identificação de abordagens diversas, no interesse desta pesquisa.

A partir desta introdução que se constitui no primeiro capítulo da dissertação, apresentamos nosso estudo da seguinte forma:

O segundo capítulo apresenta os objetivos do trabalho, estabelecendo o objetivo geral e os objetivos específicos.

No terceiro capítulo, tecemos considerações sobre a trajetória histórica da crônica e, dessa forma, sua evolução e sua adoção pelo jornal.

No quarto capítulo apresentamos considerações sobre a análise documentária, como resultado da revisão de literatura por nós realizada.

No quinto capítulo falamos sobre o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa, campo empírico para o estudo do nosso objeto de pesquisa.

No sexto capítulo, tendo como base as concepções identificadas nas revisões de literatura sobre a crônica jornalística e sobre a análise documentária apresentadas nos capítulos anteriores, descrevemos nossa investigação do processamento das crônicas de Drummond realizado no AMLB.

No sétimo capítulo, tecemos considerações finais como conclusão de nossas ponderações e constatações, tendo em vista contribuirmos para o desenvolvimento de estudos no âmbito da análise de documentos literários, em especial da crônica jornalística. Desse modo, confirmamos o benefício de alguns princípios e procedimentos identificados nas revisões de literatura em confronto com o trabalho desenvolvido no AMLB.

Ao final da nossa dissertação apresentamos a relação das obras citadas, que foram utilizadas como matéria prima para o desenvolvimento do próprio estudo e dos resultados alcançados. Além disso, apresentamos uma outra relação de obras consultadas, que foram objeto de investigação das diversas possibilidades para chegarmos a uma linha de estudo.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

A pesquisa busca fundamentação teórica e metodológica para a análise documentária das crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*.

2.2 Objetivos específicos

1. Identificar e conceituar a crônica jornalística;
2. Levantar e analisar a literatura existente sobre a base teórica, conceitual e metodológica de análise documentária;
3. Investigar os procedimentos e os resultados da análise documentária das crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*, à luz das bases teórico-metodológicas identificadas para o tema.

3. A CRÔNICA

A crônica jornalística é resultado do encontro do jornalismo e da literatura. Ela é rica fonte de informação para pesquisadores e toma importante lugar nas bibliotecas e arquivos brasileiros. Ela fornece subsídios para uma compreensão de sua época no futuro, tendo como características a boa escrita, a linguagem clara, “o uso sem abuso da ironia [...]; a mobilidade e a argúcia exigidas para o comentário jornalístico realmente denso de interesse; e a integração na linguagem – ágil e viva, no tempo, nos costumes e no senso de atualidade cotidiana” (JAMBO, 1963, p. 4).

Em entrevista, Cony (2004?) afirma que não existem fórmulas para a boa crônica jornalística, contudo, ela depende basicamente da linguagem e da oportunidade, tendo o objeto de informar ou comentar fatos da atualidade, do dia-a-dia da sociedade.

Assim, ressaltamos também o estilo e a vivência intelectual do cronista que credencia sua capacitação perante o leitor, que dessa forma aceitará ou não a emissão de conceitos, julgamentos e definições. O escritor da crônica jornalística registra o cotidiano sem o abuso do tragicômico e sem exageros.

Num depoimento [...] sobre crônica publicado na revista Caros Amigos (agosto/99) [Carlos] Drummond [de Andrade] diz que não é propriamente a crônica que passa, mas o acontecimento que ela reflete que perde a significação. Ele cita o exemplo das crônicas de Machado de Assis [...], que têm mais de cem anos e não perderam a atualidade. [...] como analisa o escritor Jorge de Sá em seu livro *A Crônica*, afinal ‘em tudo que ele escreve existe o jogo de imagens e o fino humor que nos revela o desgaste da vida e sua renovação. Ao narrar o mundo o cronista narra a si mesmo e ambos vencem a passagem do tempo’. (PIZAIA, 2004?).

Ao buscarmos refletir sobre a natureza da crônica jornalística, bem como sobre a denominação que recebeu, intimamente relacionada ao veículo de comunicação que a divulga, procuramos tecer considerações sobre sua trajetória histórica e conceitual.

3.1 Uma visão histórica e conceitual

A palavra ‘crônica’ derivou do grego “chronos” e está estreitamente ligada ao tempo primeiramente histórico de narrativa linear de acontecimentos e posteriormente jornalístico, sofrendo da efemeridade do gênero. Na Idade Média, o termo era usado para designar as obras que narravam os acontecimentos com grande número de detalhes, distinguindo-se daquelas que só se baseavam em histórias propriamente ditas. Em Portugal, o guardião de documentos e escrituras do rei Fernão Lopes foi nomeado “cronysta-mor” do Reino e escrevia em forma de “cronyca” as histórias de conquistas e as virtudes dos reis de Portugal. A partir do Renascimento, o termo foi substituído por “história” e sua estética também foi alterada. A história, ao contrário da crônica, passou a não se valer tanto pelos recursos estilísticos para narrar. Isso talvez justifique porque a carta de Pero Vaz de Caminha, a El-Rei D. Manuel, seja considerada por vários estudiosos, uma verdadeira crônica, pois tem o princípio básico do gênero: registrar o circunstancial. No século XVIII, o termo “crônica” foi retomado para textos que resgatavam sua forma primitiva, ou seja, ostentando características literárias. As crônicas começaram a ser publicadas em jornais, fundindo seu tempo histórico ao tempo jornalístico. Ganharam imortalidade, sendo publicadas em livros, mas permaneceram presas ao tempo jornalístico. Ainda no final do Período Clássico, os primeiros escritores que a adotaram foram os ingleses Joseph Addison e Richard Steele, fundadores do semanário *The Tatler* (1709). Esse periódico continha artigos literários ou políticos, moralistas, que são típicas crônicas. O *La Presse*, jornal popular francês, passou também a publicar a crônica diariamente de forma distinta da parte noticiosa e com a colaboração de muitos escritores célebres do século XIX (FERNANDES, 2004?). Considerando assim a história da crônica, vemos que

na acepção moderna, porém não a de crônica mundana (que se confunde com a mera reportagem de ocorrências sociais da alta roda), a crônica entrou a ser empregada no século XIX: liberto de sua conotação historicista, o vocábulo passou a revestir sentido estritamente literário. Beneficiando-se da ampla difusão da imprensa, nessa época a crônica adere ao jornal, como a sugerir, no registro do dia-a-dia, a remota significação ante-histórica do anuário. (MOISÉS, 1983, p. 245).

A crônica é apresentada como gênero incluído num primeiro grupo dos gêneros literários (ensaio, crônica, discurso, carta, apólogo, máxima, diálogo, memórias), no qual os autores explanam diretamente seus pontos de vista e dirigem-se em seus próprios nomes ao leitor. Num segundo grupo estariam os “gêneros de natureza estritamente literária, aos quais a poética contemporânea reduz a compreensão e o estudo da literatura” (COUTINHO, 1971, p. 109). O significado tradicional do termo ‘crônica’ é: relato de acontecimentos em ordem cronológica. Assim, o sentido primitivo - relato histórico (gênero histórico) - foi mantido por vários idiomas europeus modernos até hoje, exceto pelo português.

A partir de certa época, a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. Ao que parece, a transformação operou-se no século XIX, não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. (COUTINHO, 1971, p. 109).

Publicadas em jornais ou revistas, as crônicas eram comentários de assuntos marcantes, passando assim a denominar a própria seção e o tipo de literatura. A princípio, vemos que o termo ‘crônica’ toma o significado de gênero literário em prosa, “ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas”. No Brasil, ela acompanha o desenvolvimento da imprensa, transformando-se em matéria cotidiana, e assim, inicialmente,

[...] era a crônica, destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares. Quase sempre, visava sobretudo o mundo feminino, criando, em consequência, um ambiente de finura e civilidade, na imprensa, que exerceu sensível efeito sobre o progresso e o refinamento da vida social brasileira. (COUTINHO, 1971, p. 111).

Por essa razão, é considerado compreensível que os primeiros cronistas sejam poetas bem como, sejam também os primeiros romancistas, se bem que o romance urbano era um desenvolvimento natural da crônica. O próprio folhetim⁴ era uma crônica, uma novela ou um romance que, quando publicado em jornal, revelava finura de observação, ironia piedosa e

⁴ Texto literário, especialmente novelas ou trabalhos de crítica de literatura e artes, geralmente impressos na parte inferior da página de um jornal, em fragmentos ou em capítulos, ou sendo publicados como pequenos cadernos compostos de oito páginas.

cética, e explicitava a visão do mundo do folhetista, como nos seus romances e nos seus contos.

A crônica brasileira propriamente dita começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) em folhetim no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (2 dezembro 1852). Também no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro assinou ele o folhetim semanal até 1854. É o advento dos românticos. (COUTINHO, 1971, p. 112).

A partir daí, ainda no século XIX, destacam-se nomes brasileiros, tais como: José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, França Júnior e Araripe Júnior. Ao final do século, o gênero sofre transformações, sendo também alvo da crítica naturalista por misturar a fantasia e a realidade. A crônica assume um teor artístico, com sensível predominância do parnasianismo.⁵ Registra-se também a atuação de Raul Pompéia e de Coelho Neto, além da participação e influência de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão nos jornais brasileiros. Já Olavo Bilac introduz uma novidade que deu a suas crônicas uma aparência de ensaio, ao concentrar seus comentários em determinado fato, acontecimento ou idéia, seguindo-o também Constâncio Alves. O parnasianismo mantinha a crônica quase sempre no rigor da forma, enquanto os simbolistas condicionavam os fatos a divagações de caráter subjetivo.

A crônica, em sua origem, pretendia-se “registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato” (NEVES, 1992, p. 82). Contudo, na virada do século XIX para o século XX, a crônica incorpora o reconhecimento da subjetividade do narrador.

A crônica social moderna foi iniciada, no Brasil, por Paulo Barreto, cronista com vocação jornalística e que tem sua obra considerada como “a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante” (COUTINHO, 1971, p. 116). Barreto, popularizado sob o pseudônimo de João do Rio, acreditava que a crônica poderia ser o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro, bem como o cronista social imitaria o operador cinematográfico. Entretanto, as crônicas de Barreto conciliaram esplendidamente o jornalismo e a literatura, e se adaptaram ao ritmo acelerado da vida contemporânea, como uma caricatura do mundo social.

⁵ Doutrina dos parnasianos, que se configurou pela reação destes poetas contra o lirismo romântico, passando a cultivar uma poesia erudita e impessoal, caracterizada por grande apuro da forma.

Com a Semana da Arte Moderna, em 1922, inaugura-se o modernismo e a crônica toma nova feição. Na época, as revistas ilustradas vinham apresentando encantadoras crônicas, das quais se destacam as de Álvaro Moreyra, cronista que influenciou os jovens da geração modernista, tais como: Antônio de Alcântara Machado, Berilo Neves, Osório Borba Genolino Amado, Benjamin Costallat, Henrique Pongetti, Gilberto Amado, Agripino Grieco e Vivaldo Coaracy.

Embora seja temerário estabelecer-se um vínculo de geração ou escola, entre cronistas, não há dúvida de que foi a atmosfera de renovação pós-1930 que favoreceu o desenvolvimento desse gênero sob novos e múltiplos aspectos, com Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Peregrino Júnior, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Odilo Costa Filho, Raimundo Magalhães Jr., Luís Martins, Pedro Dantas, Guilherme Figueiredo, Sérgio Milliet, Joel Silveira, José Lins do Rego, Brito Broca, Raquel de Queirós, Eneida, Elsie Lessa, Lúcia Benedetti, Cecília Meireles, Helena Silveira, Dinah Silveira de Queirós, Aderson Magalhães, Gustavo Corção, [...] Fernando Sabino, Ledo Ivo, Paulo Mendes Campos, José Conde, Almeida Fischer, Saldanha Coelho, Antônio Olinto, José Carlos Oliveira, Antônio Maria e Sérgio Porto. (COUTINHO, 1971, p. 119).

Ao buscar estabelecer uma classificação para os cronistas brasileiros, Coutinho (1971) considera os diferentes tipos de crônicas e propõe assim as seguintes categorias:

- a) a *crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim. [...]
- b) a *crônica metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens. [...]
- c) a *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado. [...]
- d) a *crônica-comentário* dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou díspar. [...]
- e) a *crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre ele comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal. (COUTINHO, 1971, p. 120).

Contudo, chama a atenção que essas categorias propostas não devem ser vistas como rígidas separações entre os tipos, mas que oferecem traços de identificação, sendo possível se perceber que alguns cronistas são ecléticos, o que também é próprio da natureza da crônica: a flexibilidade, a mobilidade e a irregularidade. Assim, a crônica de Carlos Drummond de

Andrade é classificada como metafísica, por se constituir de reflexões filosóficas ou meditações sobre o homem ou sobre o cotidiano. Justifica também que nesta categoria são colocados Drummond e de Machado de Assis em razão desses escritores encontrarem “sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreter filosoficamente”.

Outra abordagem referente a uma possível tipologia de crônicas é feita por Moisés (1983, p. 250) que propõe, em relação ao caráter literário, a crônica-poema e a crônica-conto, “conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo”.

As fronteiras entre uma crônica e um conto não estão ainda claramente definidas, para se permitir uma separação segura e válida nas possíveis classificações. Nem a história das duas espécies literárias pode servir como base da ampla significação que lhes conferem hoje a crítica e o historiador da literatura. [...] O que se pode observar no estudo histórico das literaturas, de que a brasileira, bem como as suas manifestações provincianas, oferecem numerosos exemplos. Antes do aparecimento do conto, como tal definido e estruturado, o que se percebe é uma forma de literatura em transição: opiniões pessoais se misturando com elementos de ficção e observações científicas, como é comum na nossa literatura colonial. (TELES, 1969, p. 95).

Contudo, podemos considerar que na crônica-poema, a poesia se instala no perímetro da crônica em razão da conjunção de um motivo singelo surgido no cotidiano com a sensibilidade do cronista que se coloca como porta-voz dos leitores. Assim, na crônica-poema ressalta-se o “eu”, enquanto na crônica-conto a ênfase está no não-eu, isto é: no acontecimento para o qual o cronista direciona sua atenção. Na crônica-conto o escritor não está alheio ao acontecimento, mas o acontecimento é que requer o seu historiador. O fato se constitui em uma dificuldade para o cronista, pois esses dois limites – o território da poesia e o território do conto – podem ser ultrapassados.

Espremida entre o rigor informativo e a liberdade verbal, a crônica condensa a tensão narrativa exemplar, cuja fidelidade ao histórico está constantemente ameaçada pela liberdade criativa. Diante do cronista, o fato se desfolha, se desventra e, eventualmente, se torna tão ambíguo quanto a própria linguagem que o moldou. Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano. (DIMAS, 1974, p. 49).

Embora existam críticas à crônica por seu caráter efêmero e por atestar fatos deformados segundo seu narrador, é considerado que ela metamorfoseou-se e se instalou no periodismo. Contudo, diz-se que ela não perdeu sua essência, constituindo-se repositório que permite avaliar as concepções apresentadas pelo cronista. A crítica parece também se equivocar ao considerar tão somente a matéria-prima verbal sem distinguir jornalismo de literatura, e, dessa forma, não seria licito comparar a crônica jornalística ao texto poético.

3.2 A crônica e a questão do gênero literário ou jornalístico

Buscando compreender a natureza da crônica e sua luta por garantir seu espaço e permanência, nos deparamos com o claro posicionamento de um de seus estudiosos. Segundo Dimas (1974, p. 46), a crítica recebida pela crônica, se mostra arrogante desdenhando a produção cronista do intelectual sem justificar suas afirmações objetivamente, se bem que essa crítica pode vir do próprio autor da crônica. Tal fato poderia ser em razão do “desconhecimento do conjunto global da matéria ou ainda no hábito distorcido de desvalorizá-la face aos grandes romances ou grandes poemas”.

Atualmente, a crônica jornalística é vista de forma diferente da crônica histórica estando mais ligada ao jornalístico (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987). Isso porque, como vimos, além do aspecto histórico, ela tem teor de verdade com aspectos de intimidade e humanidade. Contemporaneamente, na crônica é buscada a organização ficcional do texto tendo em vista escapar ao caráter efêmero do jornal, isto é, a crônica contemporânea ultrapassa a função objetiva e se apropria de elementos da narrativa ficcional, tratando o fato diferentemente da forma dispensada ao texto jornalístico. É também ressaltado que ao tecer sobre o pequeno acontecimento cotidiano, o cronista contemporâneo tem a possibilidade de reorganizar e redimensionar os fatos subjetivamente, oferecendo novos ângulos de interpretação (KAIMOTE, 2004).

Entretanto, a crônica possui ingredientes próprios da literatura, o que determinará sua proximidade da literatura ou da reportagem (MOISÉS, 1983). Possuindo características singulares que não obedecem a estruturas predeterminadas como em outros tipos de textos, a palavra lhe serve como matéria-prima, tanto quanto na literatura.

Dentro das páginas de um jornal, pejudadas de informações rigorosas, a crônica funcionaria como descanso para o leitor, na medida em que ela se constrói a partir de um evento qualquer, porém moldada numa linguagem que **tende para** a ambigüidade, **tende para** a plurivocidade. Por isso, quando Eduardo Portella assegura que “a ambigüidade é a sua lei”, situamo-nos melhor perante uma construção verbal, cujos limites roçam pelo Jornalismo e pela Literatura e que por essa mesma razão, embora estampada em páginas efêmeras, é passível de participar em livro. (DIMAS, 1974, p. 48-49).

Nela há liberdade de imaginação e descontração, transcendendo o fato ao interpretá-lo em contexto maior e vasculhando-o em sua essência. Ela pode estar inserida em um meio de comunicação efêmero, mas é passível de participar em livro.

Dimas (1974, p. 49-50) questiona sobre a razão do estudo da crônica, ao afirmar que se deve ir além da busca da literariedade no discurso cronístico. Ele pergunta: “Qual sua importância dentro dos estudos de literatura? Por que não o deixamos para os estudiosos do jornalismo?”. Sua ponderação a respeito da questão nos parece girar em torno da própria natureza da crônica.

Desse modo, inicialmente, consideramos que a premência na criação da crônica resulta em texto não rigoroso, onde o cronista não faz uma prolongada reflexão, e sim flui naturalmente como um brotar de sua visão do mundo — como um desnudamento. Fato e interpretação são mesclados e soldados, compondo uma tessitura tensa que poderá tornar-se ficção pura. Por essa razão, seria possível através de um exame severo da produção do cronista, se levantar

determinadas linhas-mestras que informam sua ideologia, enquanto ‘**tomada de posição** filosófica, política, estética, etc., em face da realidade’? No seu relativo à vontade, não seria a crônica um veículo generoso para identificar as matrizes ideológicas que se ocultam sob sua retórica? Por outro lado, a exumação e o estudo de extensa colaboração jornalística [...] não poderia servir como auxiliar no sentido de consolidar, retificar ou alterar o perfil intelectual do escritor já ‘estabelecido’? (DIMAS, 1974, p. 49).

Poderíamos tentar descobrir as influências recíprocas entre o jornal e a literatura contemporânea, contudo, não é cabível que acreditemos ser a inovação da narrativa que a crônica apresenta, um desejo de atrair o leitor com finalidade essencialmente comercial.

Segundo Coutinho (1971), as crônicas, de forma geral, apresentam alguns problemas quando são noticiosas e se constituem em reportagens disfarçadas, tornando o fato um

pretexto para o cronista em suas divagações. Sua linguagem precisa ser atual para refletir o espírito da época, pois a língua corrente é a mais viva expressão da sociedade humana no tempo. Ela precisa contar com a capacidade de simpatia humana do cronista, tendo este um estilo com tendência para as formas simples, com tom comunicativo, de conversa e de bate-papo, mantendo permanentemente a possibilidade de diálogo entre o cronista e o leitor. Além disso, o cronista deve evitar o tom dogmático que o afastaria dos leitores que não partilham de seus princípios, de outra forma, sendo hábil em fazê-los aceitar suas idéias de forma não percebida. A independência do cronista é também um aspecto a se considerar, pois a crônica se distingue pelo individualismo pressupondo liberdade e desembaraço.

Desse modo, a questão sobre a crônica jornalística pertencer à literatura ou ao jornalismo é vista como polêmica, pois alguns estudiosos consideram que a permanência do gênero na literatura somente seria possível ao estar no livro, contudo, na opinião de outros, a crônica deveria permanecer em sua origem – o jornal.

Em suma, para caracterizar a crônica é mister ressaltar de um lado a sua natureza literária, e do outro a natureza ensaística. Pelo primeiro traço, ela se distingue do jornalismo, o que é importante, porquanto a crônica é um gênero literário mais ligado ao jornal; mas, enquanto o jornalismo (artigos, editoriais, tópicos) tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito (de 'finesse'), de sua graça, de suas faculdades inventivas. [...] A integração da crônica se dá quando ela atinge a transcendência literária. Então ela se torna um gênero literário autônomo, tal como ocorre na literatura brasileira, em que ela substitui o *essay* dos ingleses. (COUTINHO, 1971, p. 122-123).

Entretanto, a crônica é considerada por Candido (1992, p. 16-17) como um gênero menor – em suas palavras: “Graças a Deus”. Ele se justifica dizendo que por ser assim, a crônica fica perto de nós, se ajustando à sensibilidade de todo o dia. Ela ajuda a estabelecer e restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas, sendo amiga da verdade e da poesia de forma mais direta e fazendo uso do humor. Sem pretensões de durar, acaba conseguindo transformar a literatura em algo íntimo e, transferindo-se do jornal para o livro ela durará mais do que imaginava.

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias [...]. (CANDIDO, 1992, p. 16).

A crônica brasileira consolidou-se nos anos 30, e tanto em Rubem Braga quanto em Carlos Drummond de Andrade é observado um traço não “raro na configuração da moderna crônica brasileira: no estilo, a confluência da tradição [clássica], com a prosa modernista”. Entretanto, Rubem Braga é considerado como o único cronista puro ou quase puro, sendo que os demais escrevem como se a crônica fosse o seu veículo predileto.

Especificamente, no caso das crônicas cariocas é possível considerá-las documentos, por refletirem um tempo social de transformações vivido pelos cronistas contemporâneos. São elas como imagens desse tempo e narrativas do cotidiano, consideradas como construções e não meramente dados, de forma que atingem um número maior de leitores devido ao seu estilo literário próprio e ao suporte de sua difusão – o jornal.

Sem dúvida a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre prazer e ofício para o historiador que se aventure a explorar essa particular documentação. Talvez seja esse o melhor argumento que justifique, por um lado, a decisão de lidar com um *corpus* documental tão abundante quanto polimorfo e, por outro, a pretensão de buscar um horizonte de sentido convergente para o conjunto das crônicas deste tempo, pretensão essa tanto maior quanto com mais ênfase se sublinhe, de início, a certeza de que cada autor jamais teve a intencionalidade de buscar, com sua produção enquanto cronista, um todo coerente. (NEVES, 1992, p. 77).

Mas devido ao seu estilo de apresentar a informação, a crônica do início do século 20, no Rio de Janeiro, provocou dúvidas em muita gente quanto à veracidade do seu relato, servindo assim “como mais um argumento para desacreditar o cronista junto aos jornalistas e junto aos escritores”. Contudo, atualmente assistimos ao seu renascimento, como um estilo que aquece e condimenta a informação, “numa linguagem que ultrapassa os princípios básicos do Que, Quando, Como, Onde e Por que” (DIMAS, 1974, p. 49-50).

O leitor de hoje pode não perceber o vínculo que a crônica tem com sua origem, isto é, ser ela uma forma do tempo e da memória, como um meio de representação temporal dos eventos passados: “lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu

lugar”. Sua origem, no Brasil, teve influência européia, mas com desenvolvimento próprio extremamente significativo, constituindo-se em gênero literário, sobretudo pela participação de grandes escritores brasileiros. Hoje, a crônica é vista de forma diferente da crônica histórica, sendo assim mais ligada ao jornalismo, mas para o leitor atual, ela tem “teor de verdade íntima, humana e histórica”. O cronista está agora voltado aos fatos do cotidiano, como um comentarista, mas percebe-se também, como no caso de Carlos Drummond de Andrade um retorno ao narrador rigoroso e preciso de fatos históricos. (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987, p. 51-54).

A crônica pode reescrever a trajetória do país a partir de fatos e situações que possam estar ocultos ou ignorados pela história oficial, vinculando, dessa forma, o elemento histórico e o jornalístico. O cronista pode assim reter a memória do país refletindo-o e atando, por meio da ficção, sua história remota e recente, bem como usar sua obra como meio de entendimento da história.

Para o cronista contemporâneo, segundo a maior parte dos críticos, a busca pela organização ficcional do texto seria uma maneira de escapar ao caráter efêmero do jornal, como se a perenidade fosse um aspecto intrínseco ao literário. [...] Assim como a crônica histórica ultrapassou essa função objetiva ao se apropriar de elementos da narrativa ficcional, a crônica contemporânea, ao tomar para si os mesmos elementos, parece ter configurado uma outra forma de tratamento do fato, diferente daquele dispensado pelo texto jornalístico. Desse modo, na crônica o foco de interesse não seria tanto o assunto, o fato sobre o qual escreve o cronista, mas sim a maneira como ele constrói o texto. Essa pode ser uma das razões para que seu tema principal se tenha tornado o pequeno acontecimento cotidiano, o qual não tem importância factual para o jornal. Assim, o cronista contemporâneo se aproximaria do cronista histórico não apenas em seu projeto inicial de registrar os fatos, mas também na possibilidade de reorganizá-los por meio de um olhar subjetivo, redimensionando-os e proporcionando novos ângulos de interpretação sobre os mesmos. (KAIMOTE, 2004, p. 110-111).

Segundo o escritor Luis Fernando Veríssimo, a fugacidade é uma característica da crônica, entretanto, Lago Junior (2001?) afirma que as crônicas podem ser também reunidas em ensaios, originando um livro e perdendo seu caráter fugaz:

[...] a crônica possui algumas acepções que são distintas do ensaio, principalmente quando tem feição jornalística, retratando ou não o cotidiano efêmero ou com textos de qualidades literárias perduráveis. Noutras palavras, Luís Fernando Verissimo observa que ‘talvez a grandeza da crônica esteja na sua fugacidade’ (*Cult*, abril 2001). Um mestre de crônicas,

Veríssimo observa que elas são um exercício de estilo, de humor, de clarividência, e mesmo de reflexão e do que denomina ‘cultura de curto prazo’. As crônicas não só de Veríssimo como de outros grandes cronistas têm origem circunstancial, e nem por isso deixam de se inserir no contexto das posições e preocupações do autor. De outro ângulo, Affonso Romano de Sant’Anna considera que, ‘por ser um gênero entre o jornalismo e a literatura, a crônica pode usar da sedução da palavra literária para obter uma resposta imediata que o só o jornalismo dá’ (*O Globo*, 28/02/2001). Wilson Martins diz que ‘a crônica é a literatura do jornalismo’. [...] A crônica, às vezes, não tem caráter fugaz, oscilando entre numerosas categorias de expressão, da poética à humorística, do conto à análise dos fatos políticos e demais matérias jornalísticas. (LAGO JUNIOR, 2001?, p. 8-9).

Tanto o jornalista quanto o historiador tem o verbo como matéria-prima, distinguindo-se um do outro pelo fato de que o primeiro tem sua palavra imediatamente levada ao conhecimento da opinião pública, envolvendo-se de certa forma nos acontecimentos. Contudo, ambos lidam com arquivos humanos e utilizam linguagem própria.

Entretanto, ressaltamos o posicionamento de Moisés (1983, p. 246-249) ao afirmar que para bem entendermos a crônica, é necessário refletirmos o jornal “como veículo de informação e cultura”. Para ele, o jornal possui duas categorias de texto lingüístico: aquele que informa os acontecimentos do dia e aquele que não se prende ao cotidiano. O autor pode assim escrever para o jornal ou apenas nele publicar. Dessa forma, existe a matéria própria do jornal, que é efêmera e passível de esquecimento, e aquela que poderá ser originada de outra fonte, mas que utiliza o jornal como um recurso de maior divulgação. A crônica “move-se entre ser *no* e *para* o jornal”, pois inicialmente é destinada a ser nele lida, entretanto, difere da matéria jornalística que visa meramente informar.

O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, [...] reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe filtre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito. [...] O tom de reportagem, de História presente, é dado pela linguagem, predominantemente referencial, destinada antes a comunicar uma informação que a expressar os produtos da fantasia criadora. A metáfora continua a prevalecer, é certo, mas em grau elementar, próximo do da prosa de ficção, com a diferença fundamental de que, encerrada a crônica, o fragmento transcrito não acusa qualquer sentido metafórico mais amplo. (MOISÉS, 1983, p. 247-248).

Mas, a crônica escapa de ser uma reportagem graças a ingredientes próprios da literatura, ressaltando-se dentre eles o humor. Ela tenderá para o jornalismo ou a literatura, dependendo de indícios de reportagem ou indícios literários, o que acarretará sua maior ou

menor efemeridade. Questiona-se assim, se “transferi-la para o livro, como se tem feito nos últimos anos, significa preservá-la de esquecimento e atestado de valor”.

Em tese, o fato de a crônica estar voltada para o cotidiano fugaz e endereçar-se ao público de jornal e revista, já é uma limitação; fruto do improviso, da resposta imediata ao acontecimento que fere a rotina do escritor ou lhe suscita reminiscências caladas no fundo da memória, a crônica não pressupõe o estatuto do livro. Todavia, a crônica merece a atenção que lhe vem sendo dispensada ultimamente não só porque apresenta qualidades literárias apreciáveis mas porque, e sobretudo, busca subtrair-se à fugacidade jornalística assumindo a perenidade do livro. (MOISÉS, 1983, p. 248).

Ao levarmos em consideração o posicionamento de que ao permanecer nos periódicos a crônica não é passível de exame, bem como, que “o tratamento crítico de um texto literário implica, via de regra, o livro”, consideramos também que “somente por exceção é que um poeta bissexto ou cuja obra esteja dispersa pela imprensa pode ganhar direito a ser estudada e criticada”.

A crônica somente ganhou a consideração dos críticos e historiadores da Literatura no instante em que, ultrapassando as barreiras do seu veículo original, conheceu a forma de livro. Decerto que subjacentemente se observa um círculo vicioso, pois o interesse dos leitores e críticos é que determina, em primeira instância, que os editores se aventurem a reunir em volume as crônicas mais aplaudidas. Mas, em segunda instância, concretizado o projeto do livro, é este que determina sistematizar a atenção antes episódica ou a serviço de “nobilitar” uma atividade digestiva, marcada pelo signo da pressa e da subjetividade. (MOISÉS, 1983, p. 249).

Podemos assim observar que a crônica pode apresentar características/qualidades, tais como: subjetividade (COUTINHO, 1971; NEVES, 1992; DIMAS, 1974; KAIMOTE, 2004; MOISÉS, 1983); flexibilidade, mobilidade e irregularidade (COUTINHO, 1971); falta de rigor textual (DIMAS, 1974); linguagem atual (COUTINHO, 1971); tom comunicativo (COUTINHO, 1971); linguagem predominantemente referencial (MOISÉS, 1983); liberdade (COUTINHO, 1971; DIMAS, 1974); desembaraço (COUTINHO, 1971); humor (CANDIDO, 1992; MOISÉS, 1983; LACERDA, 1979); ironia (LACERDA, 1979); sátira (LACERDA, 1979); intimidade (CANDIDO, 1992); teor de verdade íntima, humana e histórica (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987); fugacidade (VERÍSSIMO apud LAGO JÚNIOR, 2001?).

3.3 As crônicas Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*

Nas palavras de Teles (1979, p. 181-184), para se conhecer um escritor como Carlos Drummond de Andrade deve-se fazê-lo “de dentro para fora, com pretensões, talvez, expressionistas”:

Tratando-se de um escritor para quem *toda história é remorso*, não há de ser nos traços biográficos ou nas pinceladas inexpressivas que se encontrará a dimensão de sua personalidade essencialmente criadora. Mas é contemplando as palavras que escreveu, e até lutando com elas, que se pode perceber através da aparência objetiva e social de sua obra — e através também da ironia que a recobre — a transparência do subjetivo e pessoal que se oculta nesse temperamento que se diz *triste, orgulhoso* [...]. (TELES, 1979, p. 181).

Desse modo, nos detemos, especificamente, nas crônicas de Drummond publicadas no *Jornal do Brasil*, que constituem a última produção de sua carreira jornalística, sendo assim sua despedida de contribuições feitas a periódicos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Falar de suas crônicas é também falar do cronista — um escritor que, “sem fazer concessões de técnica ou linguagem”, atrai “desde a massa de leitores universitários ao mais obscuro leitor provinciano”. Por essa razão, pensamos assim compreender o grande interesse de pesquisadores na obra do escritor, baseando-nos também na opinião sobre a possibilidade de Drummond ter se tornado mais popular graças a sua participação em jornais e revistas, sobretudo no *Jornal do Brasil*.

Drummond publicou no *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*, regularmente durante 15 anos, entre 2 de outubro de 1969 e 29 de setembro de 1984, sempre as terças, quintas e sábados. Ao despedir-se em sua última crônica, intitulada *Ciao – Há 64 anos cronicando por aí*, Drummond discorre, na 3ª pessoa do singular, sua trajetória como testemunha de um tempo vivido. Ele demonstra assim sua concepção de seus próprios textos publicados nos diversos periódicos em sua trajetória de vida: sua atenção ao momento presente e aos seus leitores, bem como a convicção de liberdade de imaginação (NUNES, 1994):

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento desse contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao – adeus sem melancolia mas oportuno. Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de onze presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um, bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a 2ª Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um e que são certamente as melhores. Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa, não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam. (ANDRADE, 1984).⁶

Conforme anteriormente expomos, Coutinho (1971, p. 120) classifica a crônica de Drummond como metafísica, em razão do escritor nela meditar e dissertar filosoficamente, sempre que oportuno. Desse modo, Drummond caracteriza-se pela multiformidade por agregar tudo o que desejava chamar de crônica: crônica-poema, crônica-aforismo, crônica-traduições, crônica-fotos, crônica-diário, crônica-charge, crônica-entrevistas, crônica-cartas etc.

Segundo seus biógrafos, entre os aspectos da personalidade do cronista ressalta-se também o cuidado em efetuar procedimentos arquivísticos no seu arquivo pessoal, contudo, Drummond não foi um escritor preocupado com destaques de forma na publicação de seus textos no jornal. Certa vez ele comentou que, ao chegar no *Jornal do Brasil*, sua idéia era dar as suas crônicas o título de *Tempo*, contudo, os jornais dariam relevo ao nome dos cronistas e não se interessariam por seus muitos pseudônimos.

Segundo Nunes (1994), quanto aos aspectos gráficos dessas crônicas, é possível se observar que os textos que compreendem o período de 1969 a 1970 foram impressos, com raras exceções, próximos às margens das páginas internas, estando a coluna⁷ identificada pelo nome completo do cronista, destacando-se o nome Drummond, em caixa alta, negrito e impresso dentro de um retângulo. Entre 1971 e 1978, o título da crônica é contornado por um retângulo e a identificação da coluna é feita pelo nome completo do cronista em negrito e em

⁶ Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 29 set. 1984.

⁷ A coluna é o espaço determinado de publicação sistemática da crônica em um periódico – a coluna daquele cronista. (GUIMARÃES, 2004).

caixa baixa, acompanhado, entretanto, pelo nome Drummond, em caixa alta e tipo gráfico menor, sendo assim um duplo registro do nome do escritor. No último período, 1979 a 1984, o nome Drummond que acompanhava o nome completo do cronista é deslocado para o final do texto. Em algumas ocasiões, as crônicas são acompanhadas de fotos e/ou ilustrações em celebração a datas comemorativas de cunho religioso e popular, bem como fazem homenagens a pessoas e fatos ligados ao momento histórico. A maioria das ilustrações é de autoria de Lizerati, entretanto, são também encontrados traços de Di Cavalcanti, Alvarus, Chico Caruso, Gérson de Souza e A. Bouts.

A coluna de Drummond ganhou caráter especial no *Caderno B* e os destaques gráficos se acentuaram a partir de 1980. Como veículo de divulgação cultural, a coluna dá notícias de produções editoriais, recomendando e antecipando lançamentos, fazendo menção a livrarias, editoras e escritores. Ela é também palco de experiências políticas e sociais, faz uso de cartas do cronista e de terceiros, homenageia escritores em datas de aniversário, e se refere com ironia a políticos. Drummond transgrediu ao modelo tradicional do que se chamava “crônica”, por seu caráter irônico e lúdico, pela produção paródica ou criativa, mesmo ao lançar farpas e reclamar soluções.

Posturas clássicas como a do cronista-historiador e a do cronista-intelectual-iluminista, recorrentes na produção em questão, também não afastam Drummond da opção por textos mais leves e inventivos. [...] A variedade com que ele elabora essas modalidades de crônica acaba por circunscrever a diferença drummondiana. (NUNES, 1994, p. 27).

Podemos assim dizer que nas crônicas de Drummond, publicadas no *Jornal do Brasil*, coexistem o poeta e o cronista, indo do banal à transcendência. Nelas, de forma dominante, é encontrada a consciência do *ser* humano, muitas vezes utópica, mas sem arroubos. Demonstram também a consciência de responsabilidade social e a busca de soluções para os dilemas do século XX:

[...] a solidão do homem, o seu sepultamento de corpo vivo nos inumamos edifícios, a sua marcha para uma degradação moral e espiritual, sua ação bélica despropositada, seu caráter predatório irracional, tudo não escapa a este homem que toma como ofício refletir acerca de sua espécie e das contradições que a afligem. (LACERDA, 1979, p. 253).

Outra característica marcante é a missão de repórter do cronista. Os textos apresentam reportagens de uma época e de um determinado instante, sendo hábeis registros dos modismos. As amargas constatações provocam um maior uso do humor, da ironia e da sátira.

Assim, os percalços de mundo desenvolvido – o consumismo, o culto ao supérfluo, a poluição, o desastre ecológico, a ineficiência da linguagem, os desencontros a povoar o mundo, o desamor egoísta, a redutora visão de cifras e números, a artificialidade da vida – todos esses aspectos vão encontrar à pena do cronista a lírica remissão, a salutar tomada irônica, a resgatadora visão humorística. (LACERDA, 1979, p. 257).

Na crônica de Drummond há um traço comum reconhecido na configuração da moderna crônica brasileira: ela deixa “de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada”, mantendo assim um ar de despreocupação, inclusive em relação a possíveis conseqüências. Entretanto, ela é profunda quanto ao “significado dos atos e sentimentos do homem”, bem como sua crítica social é de grande alcance. (CANDIDO, 1992, p. 17).

A impressão do leitor é de divertida simplicidade que se esgota em si mesma; mas por trás está todo o drama da sociedade chamada de consumo, muito mais iníqua num país como o nosso, cheio de pobres e miseráveis que ficam alijados da sua miragem sedutora e inacessível. (CANDIDO, 1992, p. 18).

Ao refletir e construir a cena com humor lírico e maestria a crônica de Drummond oferece sempre muita riqueza para o leitor explorar, pois sendo leve e acessível, pode comunicar mais do que estudos intencionais. “Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação” (CANDIDO, 1992, p. 20).

Podemos assim dizer que, da crônica de Drummond emana uma transcendência do acontecimento que pode ser assimilada mediante uma simples leitura. Isso porque, pela conversa descontraída aflora essa transcendência, não requerendo uma “análise exigente e vertical de uma complexa questão” (MOISÉS, 1983, p. 250-158).

Tudo em flagrantes, notações velozes, traços de humour que tira dos acontecimentos, ou de si mesmo, a lição raramente amarga, e sempre de fraterna simpatia pelo ser humano e seu desamparado companheiro de aventura, o animal. Ao lado da sátira aos absurdos e descaminhos que comprometem o exercício de viver, Drummond compraz-se em inventar estórias [...](ANDRADE, 1974, contracapa).

Diante das abordagens estudadas, nos parece que Drummond intenciou perpetuar algumas de suas crônicas publicadas originalmente no jornal, se bem que a crônica jamais se desvincula do jornal, pois, sendo este a sua origem, “marca-lhe o rosto bifronte qualquer que seja o espaço físico que ocupe”. Inevitavelmente, o cronista seleciona os textos que sua autocrítica e a crítica alheia lhe sugerem estarem aptos a enfrentar o desafio do tempo. Entretanto, verificamos também em nossa investigação que a tentativa de se preservarem as crônicas ao publicá-las em livro é questionada, devido a imanente fugacidade que possuem. Nessa seleção, estaria o cronista agindo pelo ditame de sua consciência tendo em vista refugar os textos menos satisfatórios em prol da precária sobrevivência dos textos escolhidos. Todavia, outras seleções mais profundas acabam sendo posteriormente por ele realizadas e, ao final, poucas crônicas resistiriam à análise por terem escapado de sua condição ao se aproximarem do território da poesia ou do espaço do conto – seus extremos.

3.4 Considerações finais

As abordagens estudadas nos apresentam dados relevantes para conhecermos a natureza do nosso objeto de estudo. Assim, iniciamos por descobrir a possibilidade de distinção entre a crônica jornalística e a crônica literária. Desse modo, é dito que a primeira tem função de informar ou comentar os fatos do cotidiano, e a segunda possui maior amplitude e linguagem mais pessoal e apurada.

Sendo nosso foco a crônica jornalística, vimos que nela há liberdade de imaginação e descontração, vasculhando a essência dos fatos num contexto maior. É dita jornalística por ser o jornal o seu veículo original, podendo também ser transposta ao livro.

Além disso, podemos destacar dentre suas muitas características, as seguintes: jogo de imagens; fino humor; reflexão; posicionamento filosófico, político, estético, etc.; falta de rigor textual; linguagem atual e predominantemente referencial; tom comunicativo com

possibilidade de diálogo entre cronista e leitor. Quanto à metáfora, seu uso continua a prevalecer, mas em grau elementar não tendo maior amplitude de sentido.

Parece-nos, então, que a crônica contemporânea, através do olhar subjetivo do cronista, pode registrar, reorganizar e redimensionar os fatos, o que proporcionará novos ângulos de interpretação.

Especificamente, quanto à obra de Carlos Drummond de Andrade, no *Jornal do Brasil*, percebemos que não seria suficientemente satisfatório para compreendermos o fazer cronista, buscarmos tão somente os traços biográficos do seu autor. Devemos sim analisar com maior profundidade suas palavras em busca da transparência do subjetivo e pessoal, apesar da crônica “drummondiana” parecer tão objetiva e social.

Drummond foi um cronista atento ao seu tempo e aos seus leitores, comovendo, distraíndo, fazendo sorrir, escrevendo de forma a meditar e filosofar sempre que oportuno e, por essa razão, sua crônica é também classificada como metafísica. Podemos, assim, considerar que ela seja vista como multiforme, por agregar: poema, aforismo, traduções, fotos, diário, charge, entrevistas, cartas etc., entretanto, seu autor não demonstrava preocupação pela forma de apresentação. Os textos são leves e inventivos caracterizando um estilo próprio.

A crônica jornalística de Drummond apresenta-se como um veículo de divulgação cultural e como palco de experiências políticas e sociais que demonstram a consciência, a responsabilidade social e a busca por soluções para o seu século. Nela é possível se perceber o repórter que registra uma época e seus modismos, disfarçando-se pela aparente conversa fiada, porquanto, a crônica “drummondiana” se constitui em rica fonte para exploração do leitor, por ser acessível e muito comunicativa.

A crônica jornalística de Carlos Drummond de Andrade possui as características marcantes do estilo do seu autor, caracterizando-se pela narração precisa de fatos históricos. Contudo, se diz ter Drummond transgredido ao modelo tradicional do que se chamava “crônica”, devido ao caráter irônico e lúdico, à produção paródica ou criativa, mesmo ao protestar. Desse modo, sua produção apresenta posturas clássicas recorrentes do cronista-historiador e a do cronista-intelectual-iluminista, mesmo com leveza e invenção.

Desse modo, acreditamos essas crônicas sejam passíveis de serem analisadas. Muito mais, se nos basearmos na própria intenção do cronista em perpetuar algumas de suas crônicas publicadas originalmente no *Jornal do Brasil*, selecionando-as para publicação em livro, o

que foi realizado sob o título *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (ANDRADE, 1974) (ver Anexo I).

[Na obra,] Drummond procura estabelecer, a partir do título, um conceito de crônica: ela é feita de notícias (o real comentado) e de não-notícias (a livre imaginação do cronista). Obedecendo a esta concepção, o autor montou o livro como um jornal: a coluna política, o editorial sobre assunto sério, as páginas de assuntos da cidade, polícia, sociedade, moda, economia, saúde, ecologia, caderno infantil... até os anúncios classificados. Mais a fantasia. (ANDRADE, 1974, contracapa).

Apresentamos um pouco da trajetória histórica da crônica, de modo que pudéssemos compreender sua evolução e sua adoção pelo jornal. Nos detemos um pouco na polêmica sobre colocá-la no campo da literatura ou do jornalismo, para em seguida nos ocuparmos em conhecer sua natureza, o papel que procura desempenhar como veículo de informação e algumas tipologias que seriam possíveis, segundo seus estudiosos.

Tendo em vista realizar nossa investigação a partir de uma amostragem, buscamos também identificar as características da crônica jornalística apresentadas por estudiosos também da obra de Carlos Drummond de Andrade e, especificamente, de sua produção cronista.

No próximo capítulo, apresentaremos nossa revisão de literatura sobre a análise documentária. Inicialmente falaremos sobre sua conceituação, para em seguida abordarmos a leitura documentária e o estabelecimento de pontos de acesso. Finalmente, nos deteremos no processamento de documentos literários e, em especial, na análise documentária da crônica jornalística.

4 A ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Os modernos sistemas documentários vêm se tornando, cada vez mais, sistemas altamente flexíveis quanto ao seu desempenho em analisar, formatar, estocar e recuperar a informação. Nesses sistemas a preocupação não é mais oferecer um produto acabado, mas sim itens padronizados e relacionados para viabilizar produtos personalizados, isto é, viabilizar o atendimento às necessidades informacionais de uma clientela potencial.

Isso pressupõe que sejam conhecidas as necessidades da comunidade usuária, bem como quais procedimentos deverão ser estabelecidos para o processamento e a recuperação da informação, tendo em vista o atendimento a essas necessidades. Podemos assim dizer que o que se almeja em um sistema documentário é a captação do conteúdo informativo do documento de forma a traduzi-lo em uma linguagem que seja intermediária entre o usuário e o documento. Os procedimentos devem ser sistemáticos e capazes de evitar a improvisação.

Para tal, ressaltamos a importância em se conhecer o objeto em questão, pois o tipo de documento interfere no processo de análise. Observamos que no caso da crônica jornalística, conhecer sua natureza é primordial, conforme anteriormente abordado (capítulo 3.2), pois ela apresenta uma estrutura diferente dos textos acadêmicos e científicos.

Vemos que a tarefa de analisar envolve a interpretação e a representação dos conteúdos informacionais. Parece-nos complexo que o indexador identifique e exprima o pensamento do autor, com fidelidade, reconhecendo o potencial informativo e, até mesmo, indo além das possibilidades de demanda conhecida. Ele poderá prever também possíveis ligações das informações identificadas com outros assuntos ou dentro de outros contextos. Assim, buscamos conhecer o processo de análise documentária segundo abordagens de destacados estudiosos.

A análise documentária é vista por alguns teóricos como sinônimo de indexação, outros vêm a indexação como uma etapa da análise documentária. Entretanto, considerando que “a indexação surgiu com a atividade de elaboração de índices”⁸ (SILVA; FUGITA, 2004, p. 138), podemos observar que na elaboração destes índices já estavam envolvidas ações de

⁸ “Como instrumento de armazenagem e recuperação da informação, o índice tem sua origem quando o homem ao se preocupar em tornar mais acessível a informação registrada num documento resolve ordená-la de alguma forma” (GOMES; GUSMÃO, 1983, p. 12).

análise, seleção e representação, isto é, a análise documentária seria um processo global de elaboração de informações documentárias. Com o intuito de compreendermos esse processo, buscamos diversas falas de autores que nos permitam desvendar o trabalho do indexador, como leitor, interprete, construtor e mediador entre o leitor usuário e o sistema informacional.

Ao escrever sobre a “indexação alfabética por assunto”, capítulo de sua obra “Documentação”, Bradford (1961) amplia o significado do termo indexação ao evidenciar a análise de documentos. Ele afirma que o indexador deve trabalhar com o conteúdo para não ocultar alguma informação que não esteja explícita em palavras, como por exemplo, no título.

Albrechtsen (1993, p. 223) apresenta também três concepções que julgamos relevantes para nossa investigação:

A fim de ter uma estrutura de referência clara para discutir análise de assunto e indexação, [Albrechtsen estipula] um modelo de concepções de análise de assunto e indexação. O modelo [...] cobre três diferentes concepções ou ponto de vista [...]: A concepção simplista (i) estipula assuntos como entidades objetivas absolutas que podem ser derivadas como abstrações lingüísticas diretas de documentos ou resumidas como figuras matemáticas, usando métodos de indexação estatística. De acordo com esta concepção, a indexação pode ser completamente automatizada. A concepção orientada para o conteúdo (ii) envolve uma interpretação adicional do conteúdo de documento que vai além da estrutura léxica e às vezes da estrutura de superfície gramatical, que é o limite dentro do qual a concepção simplista (i) opera. A análise de assunto do conteúdo do documento envolve identificação de temas ou assuntos que não são explicitamente declarados na superfície textual de um documento, mas eles são prontamente percebidos por um indexador humano. Conseqüentemente isso envolve uma maior abstração indireta do documento propriamente. A concepção orientada para a demanda (iii) estipula dados de assunto como instrumentos de transferência de conhecimento, conseqüentemente apontando para localização pragmática da informação. De acordo com esta concepção, documentos são criados para comunicar conhecimento, e dados de assunto, conseqüentemente deviam ser talhados para funcionar como instrumentos para mediar e tornar este conhecimento visível para quaisquer possíveis pessoas interessadas. (ALBRECHTSEN, 1993, p. 220-221, tradução nossa).

Todavia, a estudiosa conclui que a concepção orientada para o conteúdo é útil ao treinamento e ao trabalho do indexador, por ser uma técnica estabelecida para tal, mas, da mesma forma que a concepção simplista, ela é unilateral ao evidenciar a representação dos documentos ou das coleções e não considerar os possíveis usos. Também a concepção orientada para a demanda atende à transferência e disseminação de conhecimento, contudo, quanto a sua meta de “tornar este conhecimento visível para quaisquer possíveis pessoas interessadas” (ALBRECHTSEN, 1993, p. 221, tradução nossa), pode ser utópica. A questão

está em como o indexador irá distinguir o grau de prioridade dos assuntos e como ele irá assim assegurar a visibilidade nos sistemas de recuperação da informação no futuro. A responsabilidade imposta ao indexador também é alvo de reflexão, tendo em vista o seu julgar ou mediar as qualidades de um documento para usuários potenciais.

Na análise, especificamente na leitura documentária, o conceito de compreensão é fundamental. “Gadamer diz que, compreender não é contemplar, pois a auto-alienação na contemplação não aproxima o investigador da realidade histórica” (apud MINAYO, 2002, p.86). Entretanto, as idéias do autor precisam ser identificadas, o que pode não ser fácil através das palavras do texto. Os conceitos precisam ser entendidos para que assim, seja composta a representação de suas idéias e, posteriormente, serem recuperadas em um sistema de informação.

4.1 Considerações em torno do conceito de análise documentária

Como mencionamos, a análise documentária é entendida sob diferentes pontos de vista em relação ao que ela compreende. Identificamos pelo menos três posturas diante da questão, ou seja: 1. define a análise documentária como sinônimo de indexação; 2. define análise documentária como um processo maior, estando a indexação nela inserida; 3. define a análise documentária englobando aspectos de descrição física e temática. Dessa forma, fazemos a seguir algumas considerações em torno dos aspectos apresentados sobre o conceito de análise documentária. Estes pontos a serem discutidos não aparecem na literatura da área de forma tão didática como será apresentado.

Análise documentária como sinônimo de indexação

No primeiro entendimento, a análise documentária é a própria indexação, pois estudiosos pensam ser ela um processo constituído de etapas operacionais que visam à representação do conteúdo informacional e, conseqüentemente, a elaboração de índices (SILVA; FUJITA, 2004, p. 136-137). Nesse processo, a análise de assuntos vem a ser a etapa

inicial, e a denominação desta etapa, segundo Langridge (1989), tem o mesmo significado do termo “análise de conteúdo”.

As características significantes de um documento primeiro devem ser determinadas e isto é o que nós queremos dizer por análise de assunto. Isto não é uma conclusão inteiramente satisfatória visto que a palavra ‘assunto’ é ambígua e o processo sempre foi tomado para incluir alguns itens que não seriam incluídos em qualquer definição de assunto. Durante o projeto Cranfield Indexing Research a expressão ‘análise de conteúdo’ foi usada como uma alternativa mais satisfatória. Porém, a ‘análise de assunto’ está tão bem estabelecida, que devo manter o seu uso. (LANGRIDGE, 1989, p. 5-6, tradução nossa).

Na obra *Indexing concepts and methods*, Borko e Bernier (1978) afirmam que a indexação é um processo de análise e de expressão do conteúdo informacional, concordando com a definição apresentada na Norma ANSI 1968:

Indexação é o processo de analisar o conteúdo informacional de registros do conhecimento e expressar o conteúdo informacional na linguagem do sistema de indexação. Isso envolve: 1. Selecionar conceitos indexáveis em um documento; e 2. Expressar estes conceitos na linguagem do sistema de indexação (como entradas de índice); e uma lista ordenada. (BORKO; BERNIER, 1978, p. 8, tradução nossa).

Os autores enfatizam que os assuntos devem ser constituídos somente pelas idéias principais representadas, discutidas ou tratadas em um discurso. Assim, nem todas as idéias expressadas em um trabalho seriam, necessariamente, assuntos considerados, pois alguns conceitos estariam simplesmente mencionados ou usados como exemplos no documento. Na verdade, um assunto é um enfoque principal e não um tema periférico.

Contudo, para Lancaster (1993, p. 10), é necessário muito mais do que saber os princípios da indexação. O indexador precisa conhecer também os interesses e as necessidades da comunidade usuária do sistema informacional e, sua atuação terá forte influência nos resultados obtidos. Dessa forma, percebemos que o estudioso direciona a ação do indexador a uma comunidade usuária conhecida, que permite que se saiba de seus interesses informacionais previamente, o que nos parece diferir da concepção orientada para a demanda, de Albrechtsen (1993, p. 220-221), pois a autora acredita que o sistema de informação deva atender a qualquer pessoa interessada (ALBRECHTSEN, 1993, p. 221).

[Para Lancaster, relevância] refere-se à relação entre enunciados de necessidade de informação e fontes potenciais de informação. [...] Essa relação é subjetiva, uma vez que diferentes pessoas tomarão diferentes decisões a respeito de quais itens são relevantes para quais enunciados ou em que medida eles são relevantes para esses enunciados. (LANCASTER, 1993, p. 306).

Desse modo, é considerado por Lancaster (1993, p. 75-77) que a indexação seja realizada com base mais no senso comum e na intuição, e que fatores ligados ao indexador, ao vocabulário, ao documento e ao processo influenciarão a qualidade da indexação. Contudo, se concentra na explanação minuciosamente sobre todos os fatores que influenciam um sistema de recuperação da informação, o estudioso examina especificamente aqueles fatores correspondentes à indexação no que tange à possibilidade de falha na análise conceitual ou na tradução, apresentando assim os seguintes tipos:

- *Falhas de análise conceitual*: “1. Deixar de reconhecer um tópico que se reveste de interesse potencial para o grupo usuário atendido. 2. Interpretar erroneamente de que trata realmente um aspecto do documento, acarretando a atribuição de um termo (ou termos) que sejam inadequados” (LANCASTER, 1993, p. 77).
- *Falhas de tradução*: “1. Deixar de utilizar o termo mais específico disponível para representar um assunto. 2. Empregar um termo que seja inadequado para o conteúdo temático devido à falta de conhecimento especializado ou por causa de desatenção” (LANCASTER, 1993, p. 77).

Destacamos assim, nas abordagens estudadas nesse primeiro entendimento de análise documentária, as questões referentes à representação da informação como expressão do conteúdo informacional.

Análise documentária como um processo maior que inclui a indexação

No segundo entendimento, no qual a análise documentária é um processo maior, a indexação corresponde à fase de representação dos conteúdos identificados numa primeira fase de análise. Isso se dá mediante o uso de linguagens documentárias, tendo em vista a recuperação da informação (SILVA; FUJITA, 2004, p. 136-137).

Dessa forma, a análise documentária é definida como “um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação” (GARDIN et al., 1981, p. 29).

Um texto científico é um objeto construído, cuja função é tornar conhecidas as teses, em sentido amplo (explicações, teorias, interpretações, comentários) que carregam e se apóiam todas ao mesmo tempo em um determinado conjunto de fatos observados em um domínio particular de pesquisa. (GARDIN et. al, 1987, tradução nossa).

Tomando como base essa linha de pensamento, Chaumier (1988a, p. 63; 1988b, p. 54, tradução nossa) considera a indexação a parte mais importante da análise documentária e, dessa forma, o valor de um sistema documentário dela dependerá: “uma má indexação ou uma indexação insuficiente representa 90% de causas essenciais de aparição de ‘ruídos’ ou de ‘silêncios’, por ocasião de uma pesquisa. Os 10% restantes serão devidos a causas mecânicas”. O conhecimento do conteúdo do documento é feito mediante uma rápida leitura ou uma leitura diagonal, com mais atenção em passagens com maiores possibilidades de informação, tais como o título, subtítulo, introdução etc. O analista deve interrogar-se sobre a pertinência dos conceitos por ele identificados, para o usuário, o que constitui uma importante regra de seletividade. Entretanto, ele não deve limitar os conceitos identificados e sim, selecionar todos aqueles que serão úteis aos objetivos do sistema de informação (CHAUMIER, 1988a, 65; 1988b, p. 56, tradução nossa). Além disso, a tradução dos conceitos escolhidos pelo analista deve seguir a linguagem documentária utilizada no serviço de documentação.

Percebemos nessa abordagem a preocupação com a identificação da informação necessária ao usuário, conforme ressaltado por Albrechtsen (1993, p. 220-221) ao afirmar que o documento deve ser um instrumento mediador de comunicação do conhecimento, isto é: tornar o conhecimento visível a quaisquer possíveis interessados. Da mesma forma, vemos que o posicionamento de Chaumier (1988a; 1988b) também se coaduna com uma das três concepções apresentadas por Albrechtsen (1993) – a concepção orientada para a demanda, na qual os dados de assunto seriam instrumentos de transferência de conhecimento, o que consideramos se aplicar à linguagem documentária.

Desse modo, à luz das concepções apresentadas nesse segundo entendimento de análise documentária, podemos colocar que é possível vê-la como um amplo processo de elaboração de informações documentárias. Assim, nela são identificadas as fases de análise,

síntese e representação do conteúdo informacional, estando a leitura documentária incluída na fase de análise.

A elaboração de informações documentárias “supõe a transformação de um objeto (documento) em um outro objeto (informação documentária) por meio de operações de análise e de síntese” (KOBASHI, 1994, f. 22-23), e dela dependerá, em muito, a recuperação da informação. Além disso, o conteúdo de um documento é determinado de acordo com as necessidades informacionais dos usuários, e a tematicidade será sempre o conteúdo relevante (SILVA; FUJITA, 2004, p. 150).

Cunha (1989) entende também a análise documentária como um conjunto de procedimentos voltados a expressar o conteúdo de textos ou documentos, entretanto, desenvolvido, em três momentos determinantes: “a leitura, a segmentação e a representação em linguagens documentárias do texto ou documento analisado, sendo que os dois primeiros momentos [...] constituem a análise do texto da qual depende intrinsecamente a representação – metatexto” (CUNHA, 1989, p. 18).

Seu modelo tem como função analisar como o autor/produzidor passa de um conjunto de observações dadas à sua interpretação, e analisar também como são montados os discursos em Ciências Humanas. Os parâmetros teóricos baseiam-se na Lógica, na Filosofia e na Lingüística, da seguinte forma: retoma questões de Gardin, sobre a proximidade com outros tipos de análise de conteúdo; sistematiza algumas noções de Lingüística (relações sintagmáticas e paradigmáticas; distinção entre linguagem, língua e fala; estudos distribucionais e de ocorrência; gramática transformacional; gramática de casos); e ressalta a importância dos procedimentos formais que explicitam as relações lógicas efetuadas na análise documentária, bem como, no aspecto ideológico, questiona o mito da neutralidade da leitura. A operacionalização do modelo propõe uma desmontagem sistemática dos textos para, primeiramente, compreender como o autor organiza o seu discurso, de forma a identificar teses e hipóteses. Em segundo lugar, uma metodologia é aplicada, tendo em vista saber onde está a informação, mediante a identificação das macro-proposições semânticas e traços descritivos.

Na macro-proposição semântica, um novo texto resultante da representação da essência do texto base é gerado mediante o apagamento ou generalização das proposições irrelevantes ou redundantes, e construção de novas proposições relacionadas semanticamente. Isto é, um metatexto é construído pelo leitor através de seleção, condensação e geração (processo controlado de apagamento de informações irrelevantes e de retenção e sumarização

de conteúdos relevantes). O traço descritivo é composto por enunciados selecionados e que serão objeto de interpretações realizadas pelo analista mediante a observação dos mecanismos presentes no texto. E o enunciado de estado é “uma abstração, no sentido de mínimo semântico atribuível a enunciados atualizados e lexicalizados de forma aberta”. (KOBASHI, 1989a, 54-55).

Todavia, o trabalho documentário necessita estabelecer ações mentais estruturadas, que possam se constituir em estratégias para maior eficácia na identificação das partes significativas de um texto (macro-proposições semânticas). Os parâmetros propostos não são suficientes para serem aplicados em *corpus* distinto daquele usado por Cunha em seu modelo. São, portanto, equívocos: isolar enunciados de estado e enunciados de fazer, pois significa fazer a análise de textos através de marcas linguísticas tomadas isoladamente; e a associação pragmática de conceitos que pertencem a princípios epistemológicos divergentes conduz à realização da análise da significação de discursos pelo isolamento de dados de manifestação e não de imanência (KOBASHI, 1989b, p. 33, 56).

Em relação, especificamente, à análise de assunto, vemos que uma das mais importantes etapas da indexação, bem como a indexação ser reconhecida como a parte mais importante da análise documentária, sob o ponto de vista dos sistemas de informação. Dessa forma, a recuperação da informação é dependente da identificação dos conceitos mais pertinentes, sendo esse processo, de grande complexidade. São distinguidas a tematicidade⁹ intrínseca (aboutness) como inerente ao conteúdo documento, e a extrínseca (meanings) sendo o significado para o usuário do sistema. A autora afirma que o estudo da literatura aponta para a conclusão de que “a identificação de conceitos depende da tematicidade do texto e está atrelada à leitura do indexador e às suas concepções de análise de assunto adquiridas pela sua formação, objetivos e políticas de indexação” (FUJITA, 2003, p. 85). Em outras palavras, o trabalho de análise de assunto se constitui nas operações de identificação e seleção, tendo em vista o conteúdo do documento e a demanda, de forma a preservar o contexto. Para tal, é necessário que se compreenda a leitura do indexador, mediante o estudo da interação de suas variáveis: o texto, o leitor e o contexto.

Chama-nos à atenção nas abordagens apresentadas nesse entendimento, que é relevante a ação consciente do indexador em relação à estrutura textual, à tematicidade e ao conhecimento das necessidades informacionais de uma clientela potencial.

⁹ Briquet propõe o termo “atinência”, na tradução da obra *Indexação e resumos*, de Lancaster (2004, p. 13).

Análise documentária como um processo que visa à descrição física e intelectual do documento

No terceiro entendimento, a análise documentária é vista de forma ampla, referente à descrição física e temática, isto é, ela trata dos aspectos de forma e de conteúdo do documento. Numa primeira fase, a análise descritiva ou bibliográfica trata do aspecto físico ligado ao suporte, e na segunda fase é dado tratamento temático com fins de representação (SILVA; FUJITA, 2004, p.137).

Desse modo, vemos que o tratamento da informação constitui-se na execução de operações seqüenciais sistemáticas sobre os dados, visando descrever dados objetivos e intelectuais do documento e requerendo a determinação de pontos de acesso:

O documento como uma unidade material possui pontos de acesso de duas naturezas, ou seja, aspectos objetivos/físicos e aspectos subjetivos/intelectuais. Os aspectos objetivos são aqueles relacionados à autoria; data; local entre outros que não necessite de um processo de interpretação para a identificação do ponto de acesso; já o aspecto subjetivo, como o próprio nome evidencia prescinde de uma análise interpretativa de seu conteúdo informativo, apresentando como ponto de acesso à temática contida no documento. Esta temática pode tratar de assunto tópico, de uma pessoa, de uma instituição ou mesmo de um local. (CAMPOS, 2006, p. 19).

Segundo Campos (2006), o indexador terá ações de análise, interpretação, síntese e representação dos aspectos físicos e intelectuais. Assim, podemos observar que, quanto aos aspectos físicos, o objetivo é verificar possibilidades de entrada mediante padronização dos dados o que permitirá o intercâmbio de informações no qual, especialmente, incluímos a recuperação da informação nos sistemas informatizados. Quanto aos aspectos intelectuais, o objetivo do indexador é identificar e representar a tematicidade do documento.

Visando [minimizar]¹⁰ uma subjetividade inerente ao próprio processo, os procedimentos de representação temática devem se apoiar em diretrizes bem definidas que se configuram a partir do planejamento da indexação, determinada por uma política baseada no tripé: usuário; organização/instituição; documento. (CAMPOS, 2006, p. 24).

¹⁰ Segundo a autora, este é o verbo correto para a afirmação, diferentemente como impresso na publicação.

4.2 A leitura do indexador

Ao considerarmos que o tratamento de um documento visa identificar o potencial informacional e representar esse documento, partimos da concepção de que o indexador terá de efetuar, inicialmente, a análise. O primeiro passo do processo de análise é a leitura documentária, que é vista também como o meio para a determinação do assunto. No âmbito da questão apresentada, vemos que Foskett (1973, p. 23) faz considerações sobre a falta de tempo do indexador para uma leitura do documento na íntegra, pondo em dúvida se haverá sempre possibilidade de compreensão correta do conteúdo:

Os indexadores são humanos, e também os usuários. Ambos, portanto, são passíveis de errar. [...] Os erros repercutirão sobre a relevância, pois obteremos respostas erradas; também prejudicarão a revocação, pois nos escaparão itens que tínhamos de encontrar. (FOSKETT, 1973, p. 12).

Por essa razão, recomenda que sejam lidas apenas algumas partes previamente determinadas, o que ele chama de “atalhos”. Nesse sentido, sugere também uma forma de serem percebidas as linhas de raciocínio do autor, para um aprofundamento na indexação.

A abordagem nos parece de cunho mais técnico e não evidencia preocupação quanto aos aspectos de um leitor-indexador e quanto aos princípios a serem observados. Além disso, dependendo da natureza do documento, é possível ou não se estabelecer atalhos, pois em certos tipos de documentos tal procedimento não seria viável. Acreditamos que esse seja o caso da crônica jornalística, pois não vemos possibilidade de nela serem considerados atalhos, por ser constituída de uma única narrativa. Ela não possui partes que contenham informações sobre si e que possam constituir fontes de informação para a sua descrição e, desse modo, serem determinadas atalhos, como é o caso do livro que possui folha de rosto, introdução, prefácio, etc. Por essa razão caberia a busca por outras questões que envolvam a leitura documentária.

Assim, ao almejarmos compreender mais claramente o que constitui essa habilidade necessária ao indexador durante a análise do documento, percebemos que Lancaster (1993, p. 5-8, 20-22) aborda a questão da leitura do indexador ao discorrer sobre a prática da indexação.

Ele também se preocupa com as restrições de tempo e com a quantidade de documentos a serem tratados, considerando que dificilmente o indexador poderá realizar integralmente a leitura do documento.

Lancaster esclarece que um item bibliográfico é identificado e recuperado mediante termos estabelecidos como pontos de acesso, pelo indexador. Contudo, aspectos lógicos lingüísticos e cognitivos podem interferir no processo de indexação, o que requer habilidade na análise e seleção dos conceitos em um contexto. Portanto, a leitura do indexador, na perspectiva de uma primeira fase de análise, está condicionada aos objetivos e ao contexto do sistema de informação, tendo finalidades profissionais e pragmáticas. Na leitura e na análise conceitual do documento, são selecionados os conceitos identificados, de acordo com o grau de interesse que está diretamente associado às necessidades informacionais dos usuários. A determinação do tema implica em decidir do que o documento trata, não sendo esta ação fácil de se demonstrar.

Podemos então afirmar que na leitura o indexador visa buscar reconhecer todos os tópicos que possam ser de interesse potencial para os usuários, bem como buscar interpretar corretamente os aspectos do documento tendo em vista atribuir termos adequados e específicos que os representem, evitando, desse modo, termos inadequados por falta de conhecimento especializado ou por desatenção.

Nesse sentido, vemos também que Farrow (1991, p. 151) considera a leitura documentária uma primeira abordagem entre leitor-indexador e o texto, com vista a identificar e selecionar os conceitos. Assim, pretendendo alcançar uma compreensão do texto, os objetivos da leitura conduzem o olhar do indexador a focalizar esse texto em sua totalidade, isto é, leva o leitor-indexador à plena consciência da razão de sua leitura. Contudo, a compreensão do leitor-indexador tem também implicações referentes à pressão do tempo, ao propósito focado apenas no processo documental, à elaboração de resumo subsequente, e à atuação em um âmbito estreito, podendo levar à repetição que conduz a um trabalho automático.

Percebemos também, que a questão é abordada por estudiosos brasileiros, que se baseiam em uma linha teórica que tem como base os estudos desenvolvidos por Gardin. Essas abordagens põem em dúvida a garantia de se representar o sentido real do texto e, desse modo, o texto é visto como mecanismo que fornece instruções para sua leitura e interpretação. Por essa razão, acredita-se que o indexador deva ter conhecimento da estrutura textual e vise uma estratégia de leitura, além de conhecer os contextos sociocognitivo, físico e psicológico,

de modo a participar das decisões que envolvem o processo de indexação. É também considerado que tradicionalmente o leitor-indexador atue com base em sua experiência, intuição e familiaridade com o assunto do documento, como uma operação técnica que tem sua fundamentação em mitos da objetividade e da neutralidade. Ele acredita que seja possível representar fielmente o conteúdo dos textos, mediante a determinação do assunto e a tradução dos conceitos selecionados para a composição de uma linguagem documentária, entretanto, faltam-lhe critérios a serem observados em sua tarefa (KOBASHI, 1989a, p. 47).

Desse modo, nos detemos também nesses posicionamentos. Conforme Lucas (1997), questiona-se a garantia da equivalência de sentido entre o texto-fonte e a sua representação, bem como devem ser observados outros fatores que implicam nas operações de análise e síntese:

Os três planos que se cruzam no funcionamento da indexação produzem equívocos, ambigüidades; isto é, no funcionamento da indexação temos: a) o título do artigo e seu resumo (o original e o que aparece na base de dados), b) o thesauros, e c) a comunidade usuária da base de dados. Estes três planos são atravessados pelo sujeito que realiza a indexação, sujeito este que, atravessado pelo real, pela história, pela língua, atua como intérprete, dentro de suas condições de produção específicas, dentro de sua interdiscursividade. O indexador é também um intérprete - lê o texto, conclui do que trata, busca os descritores que melhor representem a sua interpretação. Parret (1988) escreveu que a interpretação, ao nível da leitura ou de comentário caracteriza-se como um esforço de estruturação de uma riqueza inicial e inesgotável; resultando num novo texto, fonte ele próprio de novas interpretações, criador de intertextualidade e, por outro lado, o lugar da interpretação na metalinguagem, vinculado a sua vocação científica, é o da estabilização dos conteúdos, do artificial, do arbitrário. [...] o indexador enquanto busca os sentidos que representem os textos, e realiza a escolha dentre os descritores que indicam os assuntos (descritores estes já previstos nos thesauros, nas linguagens documentárias, entendidas como metalinguagem) é um sujeito afetado pelo interdiscurso, pelo jogo da repetição e do mesmo. (LUCAS, 1997).

O texto é considerado um mecanismo que fornece instruções para se delinear a imagem de leitor modelo e que também prescreve um leitor modelo capaz de delinear a imagem de autor modelo — um jogo de estratégia. Entretanto, a relação entre autor modelo e leitor modelo não seria de fidelidade, podendo ser conflituosa. O modelo fundamentado nessa inter-relação entre autor modelo e leitor modelo, pode ser importante para a análise documentária por contribuir para a determinação do grau de leitura e interpretação de um texto a ser analisado. O texto tem assim capacidade e potencialidade comunicativas,

constituindo-se de “ditos” e “não ditos”, sendo que quanto ao segundo aspecto, o leitor tem a possibilidade de colaborar (KOBASHI, 1989b, p. 41).

A leitura, apesar da individualidade do ato realizado, é um *ato social* porque existe um processo de comunicação e de interação entre o leitor e o autor do texto, ambos com objetivos estabelecidos anteriormente dentro do contexto de cada um. Apesar de, aparentemente simples e tão natural, o processo de leitura possui uma complexidade que está subjacente porque depende do processamento humano de informações e da cognição de quem lê, de um texto elaborado por um autor e do contexto de ambos, o que determina os objetivos da leitura. (FUJITA, 2004).

O indexador deve ter conhecimento da estrutura textual, pois isso permitirá que ele formule uma estratégia facilitadora da leitura e da compreensão do conteúdo, além de agilizar o próprio processo de leitura. Entretanto, “existe uma lacuna quanto ao conhecimento disponível sobre o processo de leitura e sua influência nos resultados de representação temática da informação” (FUJITA, 2004). O indexador deve, portanto, ter conhecimento detalhado de seu contexto sociocognitivo e também participar das principais decisões quanto às políticas, aos procedimentos e às regras. Quanto ao contexto físico, o leitor-indexador é também favorecido se estiver consciente das condições materiais e da estrutura organizacional dos sistemas de informação. Quanto ao contexto psicológico, ele deve conhecer os objetivos da leitura documentária, o que determinará suas intenções e procedimentos, como estratégia para em seguida representar adequadamente o texto em função do conteúdo e da demanda da comunidade usuária.

Desse modo, acreditamos que fatores pragmáticos possam influenciar a interpretação do potencial informativo de um documento, pois

a leitura-indexadora produz um metassentido (intermediação da produção de sentido [...]) que é o resultado da articulação entre conjunto de documentos (considerando aspectos não-temáticos e temáticos), conjunto de usuários (perguntas dos leitores), conjunto unidade-organizacional (fatores e contexto relacionados ao planejamento do SRI que se trabalha). (CORDEIRO, 2000, p. 79).

Assim, visando à representação do documento em um sistema de recuperação da informação, a leitura do indexador deve nortear-se pelos seguintes princípios:

a) *Princípio da margem de segurança* [...] o indexador procura resgatar dos documentos informações não-temáticas e temáticas, que possam representá-los no nível descritivo e temático no SRI, sem *equivocos de interpretação*. [...]

b) *Princípio do acesso coletivo* [...] o indexador promove o acesso coletivo à informação, fazendo com que a indexação perca na profundidade mas ganhe em abrangência. [...] Pragmaticamente, o profissional da informação, no momento da leitura do documento individual, de forma diferente do analista de texto de outros campos de estudo (teóricos da interpretação textual), além de pensar na interação dos *conjuntos*, lê somente partes do documento e tenta dar uma visão do todo da obra, procurando de alguma forma, a sua categorização. [...]

c) *Princípio da coincidência* [...] O indexador tenta intermediar e combinar o conteúdo do universo de documentos com o conteúdo das perguntas dos leitores, ou seja, o universo de usuários. [...] O indexador, ao fazer a análise e, conseqüentemente, a síntese do documento, irá traduzi-lo tendo como principais variáveis-limitadoras e direcionadoras a LD¹¹ e perfil dos usuários.[...]

d) *Princípio da polirrepresentação* [...] Deve-se considerar que: a recuperação da informação faz parte de um processo comunicacional interativo, (estando, portanto, inserida e sujeita a um contexto situacional; as necessidades dos usuários em relação aos documentos são mutáveis, fazendo com que um documento deva ser múltiplo-indexado, para permitir a busca por diferentes pontos de acesso. [...] Diante da variabilidade das necessidades, tem-se analogicamente múltiplas representações (pontos de acesso) do documento. CORDEIRO (2000, p. 82-86).

A leitura pressupõe assim a possibilidade de múltiplas representações que se configuram no que se denomina de pontos de acesso, abordados a seguir.

4.2.1 A identificação de pontos de acesso

O potencial informativo é tradicionalmente analisado em seus aspectos temáticos e, algumas vezes, em seus aspectos formais. O indexador tem, portanto, o compromisso de agir com consistência, não limitando esse potencial, ao contrário, ampliando-o. Esse posicionamento é claramente defendido por Cordeiro (2000, p. 79-80), com base nas afirmações de Hjørland (1997, p. 41) e, desse modo, é considerado que o indexador deva buscar a polirrepresentação, ou seja, deve resgatar todos os pontos de acesso possíveis indexando conteúdo e forma, mediante interpretação que resulta no metassentido.

¹¹ Linguagem documentária.

O conceito de polirrepresentação procura representar a corrente necessidade de informação do usuário, estados de problema e conhecimento e tarefa de domínio de trabalho ou interesse na forma de estruturas contextuais de causalidade. Ao mesmo tempo, isso implica que devemos aplicar métodos diferentes de representação e uma variedade de técnicas de RI [recuperação da informação] de origem cognitiva e funcional diferentes para os objetos de informação no espaço de informação. Os objetivos são melhorar o acesso intelectual a fontes de informação e, simultaneamente, prover o sistema de RI com uma plataforma contextual enriquecida que possa suportar a busca de informação do usuário. (INGWERSEN, 1996, p. 4, tradução nossa).

Portanto, podemos dizer que o conteúdo do documento deve ser indexado mediante desmembramento e desdobramento do assunto/contéudo, de modo que apresente os aspectos particulares que possibilitam sua decomposição. Assim, na análise da informação, devem ser investigados: o objeto da análise; o processo de produção de um item de informação; a definição no contexto; e a intencionalidade do documento, considerando-se a coleção na qual ele está inserido, bem como os objetivos organizacionais do serviço de recuperação da informação e as necessidades informacionais de usuários potenciais.

Em especial, quanto à investigação do processo de produção, vemos que, dependendo do tipo do documento, não existe uma preocupação quanto a sua trajetória de elaboração (CORDEIRO 2000, p. 80-81). Entretanto, consideramos nesse questionamento, que alguns documentos literários tem sua natureza ligada a tratamentos documentários distintos, como, por exemplo, a crônica. Em arquivos pessoais, elas podem ser manuscritos ou documentos publicados em livros ou periódicos, sendo assim objeto de processamento da arquivologia ou da biblioteconomia. Em qualquer dos casos, sendo esse gênero literário objeto de estudo e pesquisa, há de contar com investigação e análise de sua trajetória de produção, por ser objeto da própria análise literária¹².

Especificamente, quanto a tematicidade do documento, não parece ser fácil a tarefa de estabelecer um método de análise. Hjørland (1992, p. 176) apresenta inicialmente a problemática questionando: “Quais são os critérios objetivos para determinar o assunto? Se assuntos não são percepções ou ‘idéias’ nas mentes de algumas pessoas, o que mais eles podem ser? O que é entendido pela declaração ‘documento A pertence à categoria temática X’?”.

¹² Segundo Moisés, análise literária é a desmontagem do texto literário com vistas a conhecer as partes que o estruturam, precedendo sempre as demais fases de aproximação do texto literário: a crítica literária, a historiografia literária e a própria teoria literária. Nela, considera-se a existência de ingredientes comuns a qualquer obra literária, e outros que são específicos de cada gênero ou espécie.

Ao expor o ponto de vista realista e materialista sobre o assunto de um documento, Hjørland (1992, p. 181-187) afirma que as coisas existem objetivamente e têm propriedades objetivas, refletindo a visão subjetiva (do autor) dos assuntos que estão sendo tratados, tendo assim propriedades objetivas. Portanto, essas propriedades têm potencial cognitivo ou informativo, conquanto o leitor seja capaz de identificar declarações falsas e verdadeiras. Dessa forma, as propriedades de um documento são toda declaração verdadeira que se possa dizer sobre esse documento, isto é: reflexão do documento, representação ou tratamento de uma parte da realidade/consciência e imaginação humanas.

Com base nas questões apresentadas por Hjørland (1992), a caracterização dos documentos pode ser feita em grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se tem, como por exemplo: linguagem (frequência e estrutura das palavras), forma, tipo de papel, encadernação, tipografia etc. Contudo, as propriedades se tornam visíveis no uso do documento, não sendo, entretanto, possível uma profunda descrição do conteúdo somente pela formalização da linguagem. Desse modo, para identificarmos as propriedades, deve haver uma argumentação explícita, prova ou probabilidade, não sendo passível de automatização, e sim altamente dependente de condições particulares.

Os assuntos são os potenciais epistemológicos de documentos e um potencial é uma possibilidade objetiva. Assim, a descrição de assunto é um prognóstico de potenciais futuros, que pode ser baseado nos julgamentos positivos como também nos julgamentos negativos. O pré-requisito relevante na descrição de assunto é a maturidade no julgamento, e não um tipo especial de método. Dessa forma, conclui-se que o usuário deva entrar no universo do sistema de recuperação da informação e entender a sua lógica.

Nessa linha de pensamento, o teórico questiona quais seriam as propriedades do documento que entrariam na descrição de assunto. Para ele, a interpretação do usuário é dependente do grau de antecipação da descrição de assunto, indo ao encontro de suas necessidades. Assim, o propósito da análise de assunto é determinar se um documento tem potencial epistemológico em relação a usuários futuros de uma categoria ou um dado conceito. O esclarecimento de uma questão apresentada pelo usuário determina que coisas, processos, documentos etc. são relevantes.

Na descrição do assunto é feita a avaliação que se constitui em priorizar e, conseqüentemente categorizar os potenciais do documento. Nela ocorre o discernimento ou a compreensão de quais futuros problemas poderão ocasionar o uso do documento, com base na concepção de que “qualquer documento possui um número infinito de propriedades” e que as

propriedades “que são fundamentais para um contexto não necessitam estar em outros”. Portanto, uma descrição bem sucedida pode alcançar um retrato preciso do item, mas não é completa, pois seria infinitamente extensa, bem como desnecessária porque para o conhecimento científico ou para os propósitos humanos práticos, a descrição detalhada do todo significativo e insignificante é sem sentido. O conhecimento do significativo, o geral, o necessário e o típico. A descrição pura de documentos sem conexão com outros modos de cognição como hipótese, prognose etc. pode somente extrair as propriedades mais triviais e superficiais do documento.

É necessária uma teoria epistemológica que facilite o desenvolvimento de conhecimento na direção da substância de coisas. Tal teoria distingue-se em nítido contraste a concepções que são baseadas em pesquisa e análise de assuntos como um algoritmo, um “truque” ou um método a priori. Isto é sem dúvida o método que devia ser uma reflexão da essência do objeto. (HJORLAND 1992, p. 188-189).

Assim, os assuntos não são meramente estruturados em um modo estreitamente instrumental, mas devem ter uma essência íntima com a realidade. Portanto, as categorias de assunto devem refletir aspectos significantes e gerais da realidade.

Deste modo uma análise de um assunto é propriamente, em sua maior profundidade, uma parte do processo científico de aquisição de conhecimento. Esta análise é dependente de fatores contextuais, inclusive do volume existente de literatura e o sistema de seus pontos de acesso. (HJORLAND 1992, p. 188-189).

Especificamente, quanto à representação temática, consideramos também em nosso estudo a divisão apresentada por Campos (1998, p. 48): o tratamento do assunto em macrounidades e microunidades de informação¹³. Na primeira, não seria exigida a leitura de um documento monográfico, pois a partir do título ou do sumário se pode identificar suficiente informação. Entretanto, na segunda divisão, o exame é complexo, exigindo do indexador conhecimento mínimo do assunto, isto é, domínio de conceitos básicos da área em pauta para que haja uma indexação em profundidade. Dessa forma, é discutida a atuação do indexador, em razão do exame do documento – a leitura documentária: “é preciso saber identificar, rapidamente, as macroestruturas de uma microunidade de informação para

¹³ O termo “macrounidade de informação” é conceituado como o documento que trata um assunto de maneira abrangente, geral, sob vários aspectos. E “microunidade de informação” como o documento que trata de um tópico em profundidade (p. 45).

identificar o assunto do documento”, sendo isso uma tarefa mais difícil no caso das Humanidades, “onde o conhecimento tem uma natureza diferente e não se pode propor uma estrutura predeterminada para o texto”. As autoras se referem à análise do conteúdo do documento, quando o indexador apreenderá “a mensagem contida nos registros do conhecimento”. Essa análise tem como resultado o resumo, a indexação e a classificação.

Como explanado em nossa problemática, a análise documentária de obras literárias tem produzido apenas o enquadramento dos documentos em categorias, tais como: obra literária propriamente dita; crítica literária; antologias e coletâneas; traduções e adaptações. Constatamos em nosso estudo que outros fatores foram considerados importantes, dentre estes a tematicidade e identificação de citações.

Apresentamos, a seguir, o que da revisão de literatura sobre análise documentária traremos para o caso específico das crônicas jornalísticas.

4.3 A análise de documentos literários: um ponto em discussão

Ao considerarmos que o tratamento da informação refere-se a diversos tipos de documentos, o que poderá situar-se no âmbito da biblioteconomia ou da arquivologia, observamos que uma obra literária poderá fazer parte de um acervo bibliográfico ou arquivístico, como, por exemplo, a crônica, fazendo parte de um ou de outro tipo de acervo, conforme vimos anteriormente na abordagem de Cordeiro (2000). Desse modo, se a crônica estiver publicada em livro ou periódico poderá fazer parte de um acervo bibliográfico, entretanto, se permanecer originalmente manuscrita, datilografada ou mesmo digitada e sem publicação, poderá fazer parte de um acervo arquivístico. Esse tratamento não é rígido e poderão existir situações nas quais encontraremos a obra sob a guarda de uma biblioteca ou arquivo, por razões de cunho institucional¹⁴, como no caso dos arquivos pessoais.

¹⁴ Como descrito no Capítulo 3, um exemplo de caso é a coleção de crônicas jornalísticas de Drummond, que se constitui de recortes do *Jornal do Brasil* e que está sob guarda e tratamento do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, em razão do órgão possuir o fundo documental do escritor e não existirem manuscritos da coleção do JB.

Outra questão a ressaltarmos refere-se à padronização de entradas e citações realizada na representação da descrição dos aspectos físicos do documento, que conta com regras consolidadas nacional e internacionalmente. Contudo, a análise e representação dos assuntos tratados,

dentro das técnicas documentais, não pode contar com normas que verdadeiramente apóiem a objectividade da análise do documento, determinem, com precisão, a decisão correcta a tomar perante as opções colocadas pela *representação dos conceitos*, de forma a garantir a sua coerência e conferir uniformidade aos instrumentos de pesquisa disponibilizados ao universo utilizador. (MENDES; SIMÕES, 2002, p. 11).

Mendes e Simões (2002, p. 11), consideram que isso ocorra na prática corrente da indexação devido à multiplicidade e diversidade de casos que não podem ser enquadrados em uma tipologia com regras para ela específicas, o que resulta em possibilidades de opção e de interferência negativa de subjetivismo do indexador.

Entretanto, com base na afirmação de Teles (1979, p. 185), estudioso da análise literária e conhecedor da obra de Carlos Drummond de Andrade, a leitura é o caminho mais curto para se compreender uma obra, não uma simples leitura, mas sim uma leitura reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra. Consideramos que a opinião colocada se refere à contextualização da obra, por acreditarmos que seja necessário primeiramente conhecer a situação desta obra dentro da história literária e entender a época de sua criação. Dessa forma, nos parece que ele aponta para esse fator como primordial para iniciarmos nossa pesquisa, ao afirmar especificamente que para abordarmos a obra de Drummond precisamos nos informar sobre o modernismo brasileiro e sua continuidade. Nos parece que a preocupação do estudioso é deixar claro como seria possível conhecer o valor da obra de Drummond, entretanto, ele nos alerta a observar também como o indexador lançará seu olhar sobre o documento a ser analisado na leitura documentária:

Drummond conseguiu imprimir sobre estruturas tradicionais a graça, a diafanidade, a poesia e o mistério dos contos modernos, criando uma atmosfera de penumbra em que a linguagem mais sugere que descreve, e em que o leitor se vê obrigado a participar da obra para tentar descobrir as suas mais íntimas intenções. (TELES, 1979, p. 195).

Como ponto de partida para aplicarmos os conceitos levantados na revisão de literatura ao caso das crônicas jornalísticas, tomamos a abordagem de Eco (1997, p. 46, 50-

51) sobre as teorias de interpretação voltadas para o leitor. Ele afirma que existem critérios para limitar a interpretação, de outra forma poderíamos nos deparar com um “paradoxo meramente lingüístico”. “Se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado”.

Poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas e sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. (ECO, 1997, p. 48).

No âmbito da literatura, a classificação da ficção repousa em problemas singulares, pois o caminho para se distinguir o fato de sua interpretação não é rigoroso e, desse modo, nada poderá ser julgado como definitivo no texto antes de se observar convenções interpretativas. Portanto, “nem todos os elementos da ficção são igualmente carentes de características objetivamente identificáveis” e poderíamos assumir que alguns deles “são passíveis de serem analisados com razoável segurança”. Tais elementos são assim denominados de “categorias de dados fundamentais em ficção” (BEGHTOL, 1994, 126 apud HAYES, 2001, p. 74, tradução nossa) e definidos como:

1. Personalidades, inclusive narrador(s): seres que existem, atuam, e/ou participam no mundo imaginário; 2. Eventos, inclusive atos e/ou eventos humanos e não humanos: Ocorrências e/ou acontecimentos no mundo imaginário; 3. Espaço: Lugares e/ou locais geográficos no mundo imaginário; e 4. Tempos : unidades temporais no mundo imaginário (BEGHTOL 1994, 129, tradução nossa).

Em razão das abordagens apresentadas, consideramos válido que sejam identificados possíveis critérios que possam ter sido estabelecidos por indexadores de crônicas jornalísticas, de forma pessoal ou participativa em uma equipe de trabalho, tais como a leitura e a interpretação mediante conjectura sobre a intenção do texto ou por estabelecimento de categorias de informação. Porquanto, a indexação do conteúdo do documento deve apresentar os aspectos particulares desse documento.

Podemos assim considerar que na análise das crônicas jornalísticas, inicialmente, devam ser investigados: sua natureza; seu processo de produção; sua definição no contexto; sua intencionalidade; os objetivos organizacionais do serviço de recuperação da informação que tem sua guarda; considerando-se também as necessidades informacionais de usuários

potenciais desse serviço (CORDEIRO, 2000, p. 80). Almejando-se dar acesso coletivo à informação, o indexador deve ser também mais abrangente, procurando categorizar o documento.

Nesse intuito, ressaltamos também o posicionamento de Hjørland (1992, p. 187) ao esclarecer que a avaliação do indexador é a priorização e categorização dos potenciais informativos. Isso se dá pelo discernimento e previsão de questões de pesquisa, considerando-se a infinidade de propriedades dos documentos. Assim, é preciso que o indexador busque descrever o significante, geral, necessário e típico.

Portanto, tendo como base as abordagens dos estudiosos em literatura por nós apresentados, consideramos que nosso embasamento estaria consolidado mediante as abordagens de Hjørland (1992; 1997), Campos (1998; 2006) e Cordeiro (2000). Essas abordagens nos pareceram mais adequadas à realidade dos documentos literários e, especificamente, à crônica jornalística.

Nesse sentido consideramos inicialmente os princípios apresentados por Hjørland (1992; 1997). Para o estudioso, não é possível uma profunda descrição do conteúdo somente pela formalização da linguagem, bem como a caracterização dos documentos poderá ser feita em grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se tem. Assim, o indexador deverá possuir maturidade no julgamento para descrever os assuntos do documento, o que constitui um prognóstico de potenciais futuros baseado nos julgamentos positivos ou julgamentos negativos, se bem que o potencial de informação de um documento seja uma possibilidade objetiva. Isto é, para que o indexador identifique as propriedades do documento, deve haver uma argumentação explícita, prova ou probabilidade, altamente dependente de condições particulares, não sendo esse processo passível de informatização, entretanto, as propriedades que são fundamentais para um contexto não necessitam estar em outros. Especificamente, em relação à temática do documento, é considerado também que o propósito da análise de assunto seja determinar se um documento tem potencial epistemológico em relação a usuários futuros de uma categoria ou um dado conceito.

Desse modo, para Hjørland (1992; 1997), o usuário deve compreender a lógica do sistema de recuperação da informação, mas este sistema deve antecipar-se mediante a descrição da tematicidade dos documentos, indo ao encontro das necessidades dos usuários.

Acreditamos assim que a atuação do indexador se dá por ações de análise, interpretação, síntese e representação dos aspectos físicos e intelectuais (CAMPOS, 2006).

Isto é, deverá ampliar o potencial informativo do documento resgatando todos os pontos de acesso possíveis e indexando forma (polirrepresentação) e conteúdo (CORDEIRO, 2000), como denominados por alguns estudiosos os aspectos físicos e intelectuais.

Finalmente, podemos também nos valer da abordagem de Cordeiro (2000). Para ela a leitura-indexadora produz um metassentido, resultado da articulação entre conjunto de documentos (considerando aspectos não-temáticos e temáticos), conjunto de usuários (perguntas dos leitores), e conjunto unidade-organizacional (fatores e contexto relacionados ao planejamento do sistema de recuperação da informação). Desse modo, devem ser investigados: o objeto da análise; o processo de produção de um item de informação; a definição no contexto; e a intencionalidade do documento, considerando a coleção, os objetivos organizacionais do sistema de recuperação da informação e as necessidades informacionais de usuários potenciais.

4.4 A crônica jornalística frente à análise documentária

Ao observarmos o processamento de documentos em arquivos e bibliotecas, geralmente nos deparamos com discussões que envolvem o estabelecimento de diretrizes e de procedimentos, como uma polêmica referente ao nível de aprofundamento e abrangência da contextualização dos temas identificados, tendo em vista duas medidas: representar tão somente a temática constante no documento, posição mais defendida pelos bibliotecários, ou, ir além dessa temática explícita, isto é, buscar outras ligações no contexto dos temas em pauta, que, conseqüentemente, resultariam em outros termos e nomes representantes de uma tematicidade potencial. Percebemos que a segunda posição é uma demanda maior por parte de alguns arquivistas e, assim, conforme abordagens estudadas, pensamos que essa questão vai de encontro ao apresentado por Hjørland (1992) e Cordeiro (2000). De fato, isso nos parece importante porque especificamente no caso das crônicas jornalísticas de Drummond, o cronista cria uma atmosfera na qual a linguagem sugere, induzindo o leitor a participar da obra (TELES, 1979, p. 195). Acreditamos que se esse leitor é o indexador, ele terá que atuar como um descobridor das intenções do cronista, conseqüentemente contextualizando a partir do texto em busca de identificar e fornecer maior potencial informativo do que aquele que

poderá estar mais claramente explicitado. Nos parece assim que a questão se aplica à crônica, pois como já mencionamos nela há liberdade, transcendendo o fato ao interpretá-lo em contexto maior e vasculhando-o em sua essência (DIMAS, 1974).

Independentemente de considerarmos a análise documentária como sinônimo da indexação ou concordarmos que ela seja um processo maior no qual a indexação esteja incluída, acreditamos que ela se constitua em análise e expressão do conteúdo informacional do documento (BORKO; BERNIER, 1978) e que, primeiramente, as características significantes desse documento devam ser determinadas (LANGRIDGE, 1989). Entretanto, segundo Kobashi (1994, f. 8), a tradição aponta uma atitude, por parte dos indexadores, baseada em critérios pessoais muitas vezes apoiados no bom senso, na experiência, na formação pessoal, ou mesmo no hábito, não pautada em uma sistemática estabelecida por uma política de indexação consistente teórica e metodologicamente.

Em suma, para a análise da crônica jornalística se faz necessário descrevê-la em seus aspectos físicos e em sua tematicidade. Quanto à descrição física, dados tais como, data de publicação, título, citações, organização do texto, ilustrações etc, constituem matéria de pesquisa que, em muitas vezes, fazem real diferença na investigação e confronto de dados realizados pelo pesquisador. Em outras palavras, a descrição física é relevante no cruzamento de informações durante o processo de busca, podendo até mesmo fornecer um dado fundamental para a solução de uma questão, com sustentação efetiva. Quanto ao conteúdo temático da crônica, podemos observar que o mesmo precisa ser identificado pelo indexador durante o processo de análise, de forma a julgar sua importância para um público potencial, isto é, precisa identificar o potencial informativo que emana dos temas tratados pelo cronista. O conteúdo temático deverá ser selecionado e representado, tendo em vista sua recuperação.

Portanto, naquilo que se coloca como análise documentária, a crônica jornalística de Carlos Drummond de Andrade pode se fundamentar teoricamente no conhecimento de sua natureza, na identificação das categorias de informação através de seus aspectos físicos e intelectuais, no conhecimento de seu contexto e intencionalidade, e nos objetivos do serviço de informação em razão das necessidades informacionais da clientela e dos usuários potenciais.

A natureza da crônica jornalística caracteriza-se pela subjetividade do narrador; por clareza de linguagem; por simpatia e estilo simples, comunicativo, direto e pessoal; por liberdade e desembaraço ao descrever os fatos do cotidiano. Desse modo, ela apresenta a visão do cronista transparecendo intenções mediante narrativa lírica, irônica e humorística.

Portanto, consideramos que os elementos que constituem a crônica jornalística são passíveis de serem identificados mediante características objetivas e, assim, podem ser analisados com razoável segurança. Esses elementos podem ser vistos como categorias de informação referentes à forma e ao conteúdo, e nessas categorias podem ser alocados eventos, personalidades, espaços e tempos identificados através da leitura documentária, a partir da qual se dá a interpretação do conteúdo informacional com vista a sua representação.

Os estudos teóricos procuram abordar como se daria a avaliação do indexador com vistas a interpretar o texto e elaborar as informações documentárias pertinentes. Desse modo é colocado que as propriedades do documento precisam ser identificadas, priorizando-se e categorizando-se potenciais informativos mediante discernimento e previsão de demanda. Consideramos assim que, na avaliação, sejam identificados os subsídios fornecidos pela própria crônica, isto é, os subsídios para que sua época seja compreendida no futuro.

Verificamos também que o processo implementado pelo indexador da crônica jornalística requer leitura reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário, como também sobre os aspectos e características que poderão categorizar a crônica, o que exige maturidade de julgamento, e por essa razão, concordamos que essas ações não sejam passíveis de informatização.

Ainda no que concerne à natureza da crônica jornalística, seus estudiosos afirmam ser ela portadora de verdade íntima e histórica, se mostrando rica fonte temática e rica fonte de significativas citações para a pesquisa em diversos campos do conhecimento.

Em relação ao seu conteúdo, percebemos em algumas abordagens teóricas a preocupação em ressaltar que é necessário minimizar a subjetividade inerente ao processo de análise, sendo considerado também que devem ser estabelecidos procedimentos de representação apoiados em diretrizes bem definidas. Para tal, o planejamento da indexação deve configurar essas diretrizes, norteando-se por uma política baseada no usuário, na organização/instituição e no documento. Isso significa que o indexador não pode agir tão somente com base em sua experiência, intuição e familiaridade com os assuntos tratados no documento, como se fosse uma operação técnica, mas sim refletir sobre a essência do documento. Ele deve ter em vista polirrepresentar a crônica de maneira que estabeleça variados pontos de acesso, o que evidenciará também os fatores contextuais.

Acreditamos assim que o processo de análise documentária deve nortear-se pela natureza das crônicas jornalísticas, pelas necessidades informacionais dos usuários potenciais,

e pelos objetivos organizacionais do serviço de informação. Portanto, norteando-se por uma política de indexação, deve-se priorizar e categorizar os potenciais informativos, descobrindo as intenções do cronista em seu contexto, intenções essas sugeridas pela linguagem. Contudo, o julgamento feito pelo indexador dependerá do grau de importância atribuído aos itens analisados, grau esse sinalizado nos propósitos estabelecidos.

Desse modo, como súmula do estudo que realizamos em busca de possíveis critérios para a análise de documentos literários, o que caberia também à crônica jornalística, podemos considerar os seguintes princípios a serem observados:

- A natureza do documento deve ser conhecida.
- A política de indexação deve ter como base o usuário, a organização/instituição e o documento, configurando critérios bem definidos que minimizem a subjetividade do processo de análise.
- Os pontos de acesso devem ser estabelecidos a partir da caracterização do documento e em grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se tem e com as propriedades do documento, estas visíveis através do uso desse documento.
- A leitura documentária deve ser integral e exige conhecimento da obra de seu autor e domínio de conceitos básicos da área em pauta, de forma a permitir a identificação das macroestruturas de informação pelas quais os assuntos são identificados.
- O indexador deve proceder a uma leitura interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, a partir do conhecimento do contexto e da intencionalidade do documento.
- Ao proceder a avaliação, o indexador deve discernir e prever questões de pesquisa, considerando as propriedades do documento, de forma a descrever o significativo, o geral, o necessário e o típico.
- Os aspectos físicos e intelectuais do documento devem ser identificados, para o estabelecimento dos pontos de acesso.

- Os aspectos físicos e intelectuais devem ser analisados, interpretados e representados, de modo que os aspectos particulares e o potencial informativo sejam identificados.
- O indexador deve buscar polirrepresentar o potencial informacional identificado.
- A descrição da temática do documento deve se configurar um prognóstico de potenciais futuros e, para tal, o indexador deve ter maturidade de julgamento.

5 O ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA E A PESQUISA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) é a concretização de um sonho do próprio Carlos Drummond de Andrade. O poeta afirmava ser necessário um centro de documentação que se dedicasse à preservação da literatura brasileira e manifestou seu desejo em suas crônicas:

Velha fantasia deste colunista – e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irrealidade – é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...]. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço.¹⁵ (ANDRADE, 1972).

Assim, em 28 de dezembro de 1972, a Fundação Casa de Rui Barbosa instala em sua sede à Rua São Clemente o Arquivo-Museu idealizado pelo poeta. A realização fez com que Drummond escrevesse contando como tudo começara:

A idéia nasceu nas conversas de sábado que alguns escritores amigos de Plínio Doyle costumam ter em sua biblioteca de Ipanema. Américo Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, logo lhe apreendeu o interesse e decidiu torná-la realidade. [...] Maximiano de Carvalho e Silva, diretor do Centro [de Pesquisas], apaixonou-se pelo assunto, e em poucos meses, com a superintendência de Irapoã Cavalcanti de Lira, diretor da Casa, montou o pequeno arquivo-museu que, tudo indica, amanhã será grande e prestará bom serviço.¹⁶ (ANDRADE, 1973).

¹⁵ Andrade, C. D. de. Museu: Fantasia?. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

¹⁶ Andrade, C. D. de. Em São Clemente, 134. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4. jan. 1973.

O Arquivo-Museu de Literatura (AML), assim denominado em sua criação, foi instalado no sobrado da velha mansão de Rui Barbosa e passou a receber diversas colaborações para formação de seu acervo. Desse modo, chegavam documentos que familiares de ilustres escritores doavam com o propósito também de preservação, fossem peças isoladas ou mesmo arquivos em sua íntegra. O próprio Drummond, em 7 de maio de 1984, doou a maior parte de seu acervo pessoal, demonstrando assim sua consciência e preocupação com a informação, o que fica claramente evidenciado também pela ordenação de seu arquivo.

Em 1986, foram publicados inventários analíticos do acervo, como parte das novas ações implementadas com a finalidade de facilitar o acesso às informações e melhorar o atendimento prestado aos pesquisadores, e, em 1994, foi implantado um sistema de recuperação da informação automatizado.

Atualmente, o AMLB reúne em seu acervo 83 arquivos privados de escritores brasileiros e uma coleção de documentos avulsos. Seu acervo museológico é composto por cerca de 1200 peças de natureza diversa, sendo móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, peças de indumentária, esculturas, pinturas, caixas de música etc. que pertenceram a escritores brasileiros ou que estão a eles relacionados.

Por seu valor intrínseco, esses objetos justificam sua incorporação ao AMLB como documentos que enriquecem a compreensão da personalidade de seus possuidores, servindo de pontos de referência e fontes para a reflexão indispensável à recomposição do seu mundo, ficcional e não ficcional. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2001, p. 9).

Dentre os valiosos documentos desse acervo encontra-se a coleção de crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no *Jornal do Brasil*, objeto de crescente pesquisa. Em busca de soluções para aprimorar o processamento documental desse material, de forma a atender aos usuários com maior rapidez e especificidade, foram tomadas medidas que promoveram melhorias na elaboração das informações documentárias e, conseqüentemente, no sistema de recuperação da informação.

Para melhor compreendermos as medidas tomadas por esse Centro e as razões que as provocaram, buscamos conhecer a evolução das ações implementadas e os procedimentos estabelecidos gradualmente pela equipe atuante. Essa equipe foi mantida permanentemente

durante as duas fases do trabalho, sendo que, na segunda fase, foi acrescentado um novo membro – uma profissional em literatura, especializada no gênero crônica. Assim, da equipe participavam profissionais com formação em literatura, letras e biblioteconomia, que atuavam como indexadores. Buscando esse conhecimento, utilizamos documentos, tais como folhetos, inventários e artigos que descreviam a história e o desenvolvimento de trabalhos realizados pelo AMLB em sua trajetória, além de realizamos entrevistas com a coordenadora e com uma das indexadoras. Além disso, contamos com a nossa própria vivência no apoio ao AMLB, quando na tomada de decisões de cunho técnico e metodológico. Visando também complementar o conhecimento sobre nosso campo empírico de pesquisa, recorreremos a trabalhos de estudiosos de Carlos Drummond de Andrade e de sua obra.

Constatamos assim que a iniciativa de se trabalhar num nível de maior profundidade o acervo de crônicas de Drummond¹⁷ ocorreu porque pouco da produção jornalística do escritor foi publicado em livros, estando ainda dispersa nos jornais, e também, muito da popularidade alcançada provém de sua atuação como cronista. A obra poética do escritor tem sido alvo de organização e publicações, o mesmo não acontecendo com sua produção em prosa.

As crônicas, gênero em que Drummond se tornou, também, um dos mais notáveis na literatura brasileira, constituem a parte mais considerável de sua prosa, não só pela maior frequência, como pela originalidade expressiva, pela captação do flagrante diário e pelo superior tratamento de humor e de ironia com que — um dos raros no país — vai transformando em literatura os acontecimentos do dia a dia, dos mais sublimes aos mais ridículos. (TELES, 1979, p. 188).¹⁸

Sendo a missão da Fundação Casa de Rui Barbosa preservar, divulgar e dar acesso ao patrimônio cultural sob sua guarda, essa instituição detentora do arquivo privado de Drummond e considerando também que escritor está intimamente ligado à história do AMLB, decidiu que era de suma importância dar acesso a essa coleção, facilitando os estudos

¹⁷ “**Por que crônicas?** No que diz respeito à sua obra poética a editora Aguilar recentemente publicou toda a sua poesia em um único volume organizada pelo também poeta e estudioso da obra de CDA, Gilberto Mendonça Teles. A Record vem republicando isoladamente todos os livros do nosso homenageado e a coleção Archives, da Unesco, publicará em breve a edição crítica dos 10 primeiros livros, ou seja, de *Alguma poesia*, de 1930, a *Lição de coisas*, de 1962, preparada por Julio Castañon Guimarães. O mesmo não acontece com sua produção em prosa. A maior parte desta produção não foi publicada em vida e encontra-se dispersa pelos jornais. Por esta razão o AMLB resolveu iniciar o seu trabalho de consolidação da obra ‘drummondiana’ pelas crônicas publicadas em periódicos.” (VASCONCELLOS; BASTOS, 2005, p. 81)

¹⁸ Teles (1979, p. 193) esclarece também que o termo prosa “está sendo utilizado no seu sentido comum, de oposição à poesia [...]”. O autor também ressalta que, “a crônica domina toda a prosa de Drummond, chegando a insinuar-se pelo conto, retirando-lhe algumas vezes o poder de fabulação, perpassando leve pelos ensaios e agregando-lhes um conteúdo bastante subjetivo e emocional”.

desenvolvidos pelos usuários internos e externos. Assim, a promoção desse acesso requisitava um processamento documental que atendesse aos diversos tipos de demanda.

Pela vivência no atendimento aos usuários, constatou-se que as crônicas jornalísticas constituíam uma importante fonte de pesquisa, não somente para o meio acadêmico, como para outros usuários, tais como, escritores e roteiristas. Tomando como base a afirmação de Sayão (1996, p. 314), anteriormente por nós mencionada, observamos que esses pesquisadores buscavam, provavelmente, nas crônicas, pistas ou referências pelas quais eles pudessem reconstruir seus conhecimentos ou que os orientassem em seus trabalhos. Parece-nos assim que pretendiam confirmar, negar ou completar informações previamente obtidas e ainda obscuras.

Desse modo, a iniciativa de aprofundar e aperfeiçoar o processamento das crônicas jornalísticas partiu da vivência no atendimento aos pesquisadores, de procedimentos adotados para o tratamento documental, e da visão dos profissionais envolvidos no processamento e na recuperação da informação. Percebemos nessa experiência, um exemplo da concepção apresentada por Esteban Navarro (1999 apud SILVA; FUJITA, 2004, p. 138): “o processo de indexação se constrói a partir do exame tanto da atividade que é realizada durante o exercício dessa técnica, como também em um sistema de informação documentária”.

5.1 A evolução da análise documentária das crônicas de Drummond

Inicialmente pretendia-se que as informações contidas nas crônicas de Drummond fossem recuperadas mediante uma forma simplificada de pesquisa utilizando como pontos de acesso a data de publicação e o título da crônica. No entanto, a continuidade dos trabalhos trouxe novas idéias. Alguns pesquisadores da própria instituição e usuários externos passaram a notar que havia maiores possibilidades de recuperar as informações por eles desejadas, com maior rapidez e especificidade, o que provocou novas ações para identificação de outras necessidades dos usuários, bem como o estabelecimento de novos pontos de acesso à crônica jornalística. Porquanto, a gradativa análise do material deixava também evidente a oportunidade de se registrar novos dados que se apresentavam relevantes para o atendimento ao público. Gradativamente crescia também a demanda oriunda de pesquisadores do meio acadêmico.

A análise documentária da coleção de crônicas de Carlos Drummond de Andrade foi implementada com maior segurança, na medida em que determinados procedimentos eram estabelecidos em consenso entre os membros da equipe de trabalho, observando-se regras de descrição bibliográfica e orientações sobre a identificação e representação da tematicidade, em razão direta à natureza da crônica e à demanda informacional percebida pelo Arquivo-Museu. Essas orientações não se constituíam em procedimentos estabelecidos em documentos internos, mas articuladas informalmente no trabalho participativo dos indexadores que constituíam a equipe, conforme já explanamos. Contudo, essa equipe mantinha-se bem informada sobre qualquer mudança sugerida nas ações técnicas e normativas. Constatamos que as decisões eram tomadas com base na experiência desses indexadores e também durante o processo de indexação no qual se procedia a leitura documentária, o estabelecimento de descritores e a normalização de nomes. Ressalta-se que a crescente experiência permitiu também a melhor identificação de temas e citações, o que significa diferenciar o que o texto trata, daquilo que apenas é nele mencionado. Visava-se assim oferecer informações organizadas e normalizadas que dessem à pesquisa maior especificidade, evitando duplicidade de formas e resultados negativos.

O processamento de 2304 crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no *Jornal do Brasil*, foi realizado pelo AMLB em duas fases distintas.

Na primeira fase, foi efetuada a estruturação de uma tipologia de informações em razão das necessidades informacionais percebidas na interação com os usuários internos e externos. Essa tipologia foi estabelecida em uma tabela para o registro dos dados resultantes do processamento e sofreu algumas mudanças que configuraram uma nova tabela ao final dessa fase.

Na segunda fase, inicialmente, os indexadores revisaram os resultados anteriormente obtidos, tendo em vista verificar e consolidar as informações registradas. Em seguida, as crônicas foram digitalizadas compondo um banco de documentos eletrônicos que permite a busca aleatória tanto no texto integral quanto na ficha catalográfica que acompanha cada uma das crônicas digitais. O conteúdo dessa ficha é constituído por dados extraídos da tabela de registro do processamento efetuado na primeira fase, isto é, foram digitadas nas fichas as informações resultantes da análise documentária já implementada. Contudo, a ficha não apresenta uma estrutura de campos próprios de uma base de dados informatizada e sim apenas denomina a tipologia de informações. Portanto, o banco de imagens textuais não tem estrutura própria de campos de informação e sim apresenta, em forma de ficha, uma área como um

editor de texto, permitindo assim a localização das palavras aleatoriamente, da mesma forma como a busca de palavras no texto digital.

Desse modo, percebemos que não existia um manual de procedimentos nem um metadados, que formalizassem a tipologia de informações estabelecida na primeira e na segunda tabela, bem como na ficha catalográfica que acompanha o documento digital no banco de imagens textuais. Assim, não havia uma explicação formal sobre o conteúdo de cada tipo de informação na ficha. Por essa razão, para que fosse possível compreendermos o desenvolvimento dessa estrutura e analisarmos os dados resultantes, procedemos nossa investigação mediante observação direta dos registros e entrevistas com a equipe atuante.

5.1.1 Primeira fase

Na primeira fase, as ações estavam voltadas ao estudo da estrutura da crônica; ao estabelecimento das primeiras orientações a serem seguidas na análise e na representação das informações levantadas; ao registro dos dados resultantes; e à adequação dos dados obtidos, tendo em vista as necessidades informacionais. Nesse período, a equipe era composta por profissionais com as seguintes funções e formação acadêmica: uma museóloga e doutora em literatura, que coordenava o trabalho; uma doutora em literatura e estudiosa da obra de Drummond, que procedia a análise dos documentos; uma profissional graduada em letras, que dava apoio na análise mediante pesquisas e normalização de dados; e uma bibliotecária, que orientava o grupo em questões referentes à padronização da descrição bibliográfica e ao tratamento temático. Além desses componentes, a equipe contava com o apoio de alguns auxiliares, alunos de cursos de literatura e de letras, que atuavam em necessidades pontuais de pesquisa, para a elucidação de questões referentes à normalização de nomes ou à confirmação de informações.

O planejamento do trabalho demandou discussões entre os membros da equipe, bem como adequações a partir da ponderação de questões específicas que geralmente se referiam à forma de registro dos dados resultantes do processo, à identificação e normalização de nomes constantes nos textos, e à temática das crônicas. Como vimos, a maioria dos profissionais

envolvidos possuíam capacitação no âmbito da literatura e de letras, o que demandou orientação em procedimentos de descrição bibliográfica e de análise e representação da tematicidade dos documentos. Assim, o trabalho foi planejado e ajustado sob a orientação da coordenadora, por sua formação em museologia, e com a colaboração da bibliotecária, tendo em vista uniformizar as ações, garantindo também dados normalizados. Na verdade, os membros da equipe tinham vivência como pesquisadores e alguma experiência no atendimento aos usuários, contudo, nem todos possuíam capacitação específica para elaborar informações documentárias, demandando assim uma orientação e acompanhamento referentes à análise que realizariam, bem como referentes à representação das informações levantadas.

As primeiras questões discutidas pela equipe eram relativas à quais características físicas seriam passíveis de identificação e de registro. Para tal, foi criada uma primeira tabela (Fig. 1), ainda em forma primária, para a alocação dos dados de acordo com a tipologia de informações nela configurada. Essa tabela foi alterada gradualmente para melhor atender ao desenvolvimento da análise documentária das crônicas, resultando na criação de novas colunas e significando um acréscimo na tipologia de informação, ou mesmo, alterações em suas denominações. Percebemos que, na verdade, cada coluna da tabela constituía uma categoria de informação, seja para descrição física do documento, como também para descrição de alguns aspectos intelectuais. Ao se perceber que seria necessário mais do que o registro da data de publicação e do título da crônica, para se identificar informações pertinentes, foram criadas também, gradativamente, as colunas: Características, Tema Central, Discussão, Índice Onomástico e Índice Vocabular. Desse modo, como resultado dessa primeira organização, constituiu-se uma tabela com a seguinte configuração:

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
26.10.71	Coração segundo	Carlos Drummond de Andrade se presentifica na crônica.	Ciência	Coração é substituído por um que sofre menos.	Assis, Machado de; Bandeira, Manuel; Ramos, Graciliano; Meirelles, Cecília; Assis, Machado; Andrade, Carlos Drummond de.	
25.3.72	Umbigo no cotidiano	Cita a obra <u>The curves of life</u>	Moda	Moças com o umbigo de fora.	Ghyka; Matila, C; Cook, Sir Thomas	J'ai rêvé dans la grotte où nage la sirène.

Figura 1: Exemplo da primeira estrutura da tabela.

Posteriormente, sentindo a equipe que as crônicas continham uma variedade temática, foi criada a coluna Termos Controlados, o que acarretou uma volta às primeiras crônicas com o intuito de melhor analisar os conceitos nelas contidos. A representação da tematicidade era ainda, nesse momento, um exercício para a equipe, que na segunda fase dos trabalhos efetuará uma revisão e validação também com a participação de novo membro na equipe, confirmando ou não a pertinência dos descritores para cada documento. Desse modo, a tabela passa a ter a seguinte configuração:

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
26.10.71	Coração segundo	Carlos Drummond de Andrade se presentifica na crônica.	Ciência	Coração Sofrimento Sentimento	Coração é substituído por um que sofre menos.	Assis, Machado de; Bandeira, Manuel; Ramos, Graciliano; Meirelles, Cecília; Assis, Machado; Andrade, Carlos Drummond de.	
25.3.72	Umbigo no cotidiano	Cita a obra <i>The curves of life</i>	Moda	Moça Umbigo	Moças com o umbigo de fora.	Ghyka; Matila, C; Cook, Sir Thomas	J'ai rêvé dans la grotte où nage la sirène.

Figura 2: Exemplo da segunda estrutura da tabela.

A equipe buscava organizar a estrutura dos dados com base também em sua experiência no atendimento aos usuários, o que facilitava a tomada de decisões relativas às formas pelas quais as informações eram buscadas. A equipe sabia das dificuldades de busca e de resultados negativos que ocorriam por falta de padronização das informações ou por falta de maiores recursos informáticos que facilitassem a busca livre em texto eletrônico. Assim, logo foi percebido também que a normalização de certos dados seria importante, mesmo considerando-se que, em alguns casos, a informação está na forma narrativa, como, por exemplo, as notas formuladas pelo indexador que expõem discursivamente o fato ou a questão central abordada pelo cronista.

Tendo em vista melhor compreendermos como a equipe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira organizou suas estratégias para o tratamento das crônicas jornalísticas de

Drummond, buscamos saber também o que havia motivado a criação de cada uma das colunas das tabelas criadas para o registro da análise efetuada, por supormos que tal medida pudesse ser uma atitude não tão consciente por parte do grupo, mas com a finalidade de estabelecer categorias de informação. Assim, passamos a denominar como categorias as colunas da tabela, buscando compreender também as mudanças ocorridas durante o desenvolvimento dos trabalhos.

Logo notamos que as duas primeiras categorias, **Data** e **Título**, tinham razão explícita e clara importância para a identificação e localização das crônicas jornalísticas, pois constatamos, inclusive, que a denominação e intenção das mesmas não sofreram alterações, estando presentes de igual modo no trabalho final.

A primeira categoria, denominada **Data**, refere-se ao dia, mês e ano de publicação da crônica no *Jornal do Brasil*. Essa data de publicação constitui um primeiro ponto de acesso para busca do documento, sendo utilizada também para ordenar a coleção cronologicamente, na armazenagem física, em suporte papel e também em meio digital posteriormente adotado.

A categoria **Título** refere-se especificamente ao título individual de cada crônica, como se apresenta publicada no jornal.

A criação da categoria **Características** visou o registro de aspectos específicos de cada crônica, que as diferenciasse das demais. Isto é, na categoria estariam registradas as particularidades de cada crônica, como, por exemplo: sua publicação também em livro; configurar-se em um diálogo, carta, retrato etc; características textuais a serem ressaltadas, etc. Não existindo, entretanto, um padrão para definir com precisão o que na verdade consistiria tal categoria.

A categoria **Tema Central** surge na primeira tabela, sendo mantida também na segunda tabela na primeira fase. Inicialmente, acreditava-se que seria possível indexar cada crônica por um único tema que representasse o contexto maior do documento, apesar da equipe entender que seria uma difícil tarefa. Logo após, foi percebido que classificar as crônicas em uma única classe temática, mesmo que essa classe refletisse uma abrangência maior, não atenderia adequadamente à demanda dos usuários, visto que as crônicas poderiam apresentar uma multiplicidade temática que não se conjugava, necessariamente, em um único descritor. Todavia, ressaltamos que é possível encontrarmos algumas crônicas que se ocupam somente de um tema, por motivos especiais, como por exemplo, o futebol, entretanto, a grande maioria delas tem temática variada.

Pelas razões expostas sobre a categoria **Tema Central**, foi criada paralelamente a categoria **Termos Controlados**, que passou a receber os termos levantados a partir da identificação dos vários conceitos existentes na crônica, com o objetivo de representar especificamente toda a temática possível. Os indexadores pretendiam identificar do que a crônica tratava, agora não somente seu principal assunto, mas outros assuntos por eles considerados secundários, mas vistos como importantes para questões de pesquisa. Podemos constatar este fato no último exemplo, na figura 2, onde vemos o descritor Moda, alocado na categoria **Tema Central** e os descritores Moça e Umbigo, alocados na categoria **Termos Controlados**.

Ressaltamos que as duas categorias, **Tema Central** e **Termos Controlados** passaram a coexistir na análise documentária, na segunda tabela criada ao final da primeira fase. Mais tarde, mesmo a equipe considerando que os termos da primeira categoria poderiam, futuramente, serem úteis para elaborar uma classificação da coleção, grande parte do seu conteúdo foi absorvida pela categoria **Termos Controlados**. O objetivo era obter uma melhor especificação na segunda categoria, o que não invalidava a primeira, apenas se ampliava a especificidade incluindo-se também os temas secundários abordados. O procedimento tinha como base a percepção de que o cronista poderia falar de outros temas como uma “desculpa” ao abordar o principal assunto da crônica. Entretanto, caso ocorresse hierarquia entre os conceitos representados, significando se manter termos específicos e o termo genérico com relacionamentos gênero-espécie ou todo-parte, optava-se pelo descritor mais genérico.

Todavia, os indexadores perceberam a necessidade de controle do conteúdo dessa categoria. Desse modo, foi gradativamente elaborado um vocabulário controlado que incluía também os nomes que se constituíam assunto da crônica (Fig. 3). Contudo, esse vocabulário passou a ser também um índice remissivo porque indicava a data de publicação que, desse modo, tornava possível a localização dos registros e a localização física das próprias crônicas. Esse mecanismo foi criado porque os dados da indexação não se encontravam em campos de base de dados informatizada e sim em tabela produzida em editor de texto que oferecia tão somente um primeiro ponto de acesso – a data de publicação da crônica. Isso demandava a busca aleatória dos dados através do editor de texto, utilizando-se o recurso denominado Localizar. Além disso, foi considerado importante se reunir para cada termo ou nome as datas de publicação das crônicas a eles correspondentes, evitando-se utilizar o recurso de localização do editor de texto, que não atende com especificidade das categorias de

informação, e sim localiza o termo ou nome desejado aleatoriamente. Conseqüentemente, os resultados de uma busca aleatória não garantiriam uma recuperação específica dos assuntos.

- CEDAE USE **COMPANHIA ESTADUAL DE ÁGUAS E ESGOTOS (RJ)**
- CÉDULA USE **PAPEL-MOEDA**
NA Use o descritor indicado (remissiva) para designar a cédula como o papel representativo de moeda de curso legal. Veja nota do termo autorizado (papel-moeda). Ref. Aurélio
- **CÉDULA ELEITORAL**
 (13.5.82)
- **CELEBRIDADE**
 (24.9.76 – 6.11.76 – 1.10.77)
- **CEMITÉRIO**
 (9.4.77 - 16.4.81)
- **CENSO** VT CENSOR
 CENSURA
NA Conjunto de dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado, nação, etc., com todas as suas características. Ref. Aurélio
 (8.8.70 - 18.8.70 - 1.9.70 - 10.8.71 - 8.5.76 - 18.8.79 - 4.9.80)
- **CENSOR**
NA Use o descritor para designar o funcionário público encarregado da revisão e censura de obras literárias ou artísticas, ou da censura aos meios de comunicação de massa: jornais, rádio, etc. Ref. Aurélio
 (17.2.70)
- **CENSURA**
 (19.9.70 – 21.3.72 - 12.10.76 - 1.2.77 - 17.9.77 - 29.5.80 - 4.9.80 - 10.9.81)

Figura 3: Trecho do índice de termos controlados.

O vocabulário apresentava, em sua parte inicial, uma sucinta legenda que explicava as denominações para o estabelecimento de relações entre os termos e nomes, bem como a forma de apresentação da data de publicação da crônica (ver Anexo II).

Podemos assim observar que havia o propósito de serem identificadas algumas relações associativas e hierárquicas, se bem que em número de casos bastante reduzido. Conforme relatado pela coordenadora do AMLB, esse pequeno número se explica pelo que foi acordado na equipe, que estipulava identificar relações somente quando fossem relevantes em razão da complexidade do texto analisado. Desse modo, percebemos que não se estabelecer todos os relacionamentos foi uma decisão conjunta, entretanto, ficando dependente do julgamento de cada indexador, e, conseqüentemente, a escolha dos

relacionamentos que seriam finalmente identificados, o que nos parece ser uma questão de agilização do trabalho em prejuízo do seu aprofundamento. Além disso, ressaltamos também que nem todos os descritores estão conceituados, bem como termos e nomes se apresentam conjuntamente em uma única ordem alfabética. Contudo, ressaltamos que todos estes são assuntos das crônicas, caso contrário, estariam em uma listagem referente às citações e denominada Onomástico.

A categoria **Discussão** destinava-se a um breve comentário sobre o acontecimento narrado pelo cronista, tendo assim papel significativo ao facilitar também o estabelecimento dos descritores na categoria **Termos Controlados**. Desse modo, o comentário registrava a interpretação do indexador e se constituía em uma síntese na forma narrativa.

Conforme nos foi relatado, inicialmente, a categoria **Índice Onomástico** foi criada para alocar os nomes de pessoas homenageadas nas crônicas, contudo, os indexadores logo perceberam que havia maior amplitude de nomes mencionados pelo cronista. Desse modo, não somente foram considerados os nomes pessoais, mas também os nomes corporativos, de eventos, e geográficos. Além disso, os nomes não eram referentes somente a homenagens, e sim a casos variados, como, por exemplo, personagens da narrativa. Verificou-se também que havia necessidade de melhor reconhecer e diferenciar aqueles que fossem não somente citados no texto, e sim se constituíssem assunto na crônica, sendo, desse modo, alocados na categoria **Termos Controlados**.

Os indexadores se convenceram também da necessidade de normalizar os nomes que pudessem ser corretamente identificados, com o objetivo de constituírem padrões que evitassem duplicidade de forma e perda de informação. O fato possibilitou se constatar que a digitalização das crônicas não seria suficiente para a recuperação da informação, apesar de ser um importante meio de acesso a formas variantes encontradas nos textos. O estabelecimento de uma única forma garantiria a identificação e recuperação dos nomes, dentre formas variadas pelas quais pudessem se apresentar em cada texto, como por exemplo, nomes comuns de pessoas do cotidiano descrito, prenomes, pseudônimos ou mesmo apelidos adotados entre amigos escritores.

Finalmente, verificamos que o estabelecimento da categoria **Índice Vocabular** teria um objetivo especial que não foi alcançado, não sendo assim utilizada na segunda fase. Isso porque, no início dos trabalhos pretendia-se conhecer e registrar as incidências vocabulares nas crônicas, isto é, quantas vezes o cronista havia utilizado determinados termos ou expressões. A idéia foi abandonada por dois motivos: houve mudança de planejamento para

os recursos informáticos a serem instalados, não sendo no novo plano previsto efetuar o levantamento das incidências na forma imaginada; e a decisão de se adotar um sistema de digitalização possibilitou a recuperação dos termos de forma aleatória.

Ressaltamos que esse controle de incidências não tem relação a se identificar o assunto do documento, ou, melhor dizendo, saber do que o documento trata. As incidências seriam identificadas com outra finalidade, relacionada à análise literária. Podemos perceber isso, através dos dados encontrados na primeira tabela. Encontramos assim, palavras em português e em outros idiomas, expressões e frases completas (Fig. 4). Não nos deteremos nesta questão por ter sido a idéia abandonada na segunda fase dos trabalhos, bem como por constatarmos que um sistema de documentos digitais atenderia ao desejado pelos pesquisadores.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
27.4.71	Calça Literária	Crônica publicada em livro	Moda	ROUPA ESTAMPADA ESCRITA	Roupas estampadas. Tentativa de leitura nas roupas escritas	Pelé; Pessoa, Fernando; Hendrix, Jemi; Janaína, Dona; rainha do mar; Bilac; Cecília, Alves, Castro.	“Vou-me embora pra Parságada” “ Amor é fogo que arde sem se ver”
10.6.71	Conversa de morango		Cotidiano	JUNHO MORANGO	Junho é o mês dos morangos; novas propriedades são atribuídas aos morangos.		Sucre vanillé; forêt; chateau; porcelaine; dentelle

Figura 4: Exemplo de registro, com dados na categoria Índice Vocabular.

5.1.2 Segunda fase

Na segunda fase os resultados da indexação foram revisados, confrontando-se cada registro da planilha com a respectiva crônica, principalmente, em seus aspectos intelectuais. O objetivo era avaliar a eficácia dos dados para a recuperação das informações, tanto pela busca nas próprias planilhas, como através do vocabulário controlado. Desse modo, nos casos negativos ou duvidosos questionava-se a pertinência dos dados, o que implicava uma nova leitura e análise mais profunda, bem como em algumas alterações. Para essa revisão, foi acrescentada à equipe uma outra profissional em literatura, que procedia junto a uma das indexadoras uma nova leitura e validação das informações.

Como anteriormente mencionamos, a própria planilha de registro da análise documentária, independentemente, da existência do índice de termos controlados, já permitia facilmente a localização de uma crônica por sua data, pois nela os registros estavam ordenados cronologicamente, isto é, o primeiro ponto de acesso era a data da crônica, que ordenava os registros. Outra forma primária de se buscar nessa planilha os dados desejados era de certo modo aleatória, pois utilizava o recurso de localização de palavras oferecido pelo software editor de texto *Word*, no qual o arquivo eletrônico havia sido construído. Logicamente essa forma não se comparava a uma base de dados configurada por campos e índices relacionalmente estruturados, contudo, naquele momento, a forma implementada já contribuía em muito para um futuro trabalho totalmente informatizado. Obviamente, tendo uma ordenação alfabética e numérica, o vocabulário controlado oferecia uma seqüência lógica de termos que indicavam as crônicas pertinentes, através da data de publicação. Assim, contava-se com duas formas de busca: por palavras de forma aleatória em toda a tabela de registro da análise documentária e através do vocabulário que direcionava ao registro específico da crônica, na planilha.

Desse modo, a segunda fase se caracterizou principalmente pela maior segurança da equipe no exame da tematicidade das crônicas, bem como pela digitalização da coleção. A equipe encontrava-se melhor capacitada e experiente na identificação dos conceitos e no estabelecimento da forma verbal que os representassem, consolidando o vocabulário produzido a partir da categoria **Termos Controlados**. Nesse trabalho de revisão e consolidação, a equipe contou também com um novo membro, uma doutora em literatura e estudiosa da crônica.

Ao serem as crônicas digitalizadas nesta segunda fase, foi estabelecido também um segundo formato (Fig. 5 e 6) para registro dos dados de análise, no próprio banco de imagens textuais. Mesmo considerando a possibilidade de busca aleatória no texto integral, esse novo formato possui uma ficha catalográfica de registro de cada documento digital que consideramos uma simplificação dos dados oriundos da tabela de registro da análise realizada na primeira fase dos trabalhos. Isso nos motivou a verificar se, nesse sistema, o trabalho teria perda significativa de informações processadas ou se as supressões se justificavam por estar disponibilizado o texto integral, o que faremos no próximo capítulo desta pesquisa. Contudo, sabemos que o AMLB estuda a possibilidade de incluir os dados completos que estão na tabela, em base de dados que possua ampla estrutura de campos e que poderá interagir com o banco de imagens das crônicas.

Descrição/Indexação (Banco de Crônicas Digitais)
Título: Calça literária
Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de
Periódico: Jornal do Brasil
Data: 27.4.71
Assunto: Roupa estampada; Escrita; Poema.
Ref. nominais:
Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.

Figura 5: Exemplo de ficha do sistema de digitalização.

The screenshot displays the DocReader application window. The main area shows a scanned page of a newspaper article by Carlos Drummond de Andrade, titled "MAIS UM ENVOLVIDO EM WATERGATE". The article text is partially visible, showing a dialogue between Drummond and a man named Mr. Sirica. To the right, a "Texto Digitado" (Digitized Text) window displays the article's metadata, which matches the information in Figure 5. The interface includes a menu bar, a toolbar with search and navigation icons, and a status bar at the bottom.

DocReader - [Drummond] - Pasta: Década de 70

Arquivo Editar Imagem Ferramentas Ajuda Total de Ocorrências:8

24% 100%

watergate Pesquisar Ocorrências 1/8 1973

Texto Digitado

Título: Mais um envolvido em Watergate
 Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de
 Periódico: Jornal do Brasil
 Data: 17.5.73
 Assunto: Política; Watergate.
 Ref. nominais: PORTER, Herbert, 1885-; KISSINGER, Henry, 1923-; SABINO, Fernando, 1923-2004; NIXON, Richard M. (Richard Milhous Nixon), 1913-1994; DEAN, James, 1931-1955; ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987; SIRICA, Mr.; SLONAN JUNIOR, Hugh, Mr.; BRANDÃO, João; NEVES, Davi, 1938-1994; STRACHAM, Gordon, Mr.
 Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Comprometido em Watergate".

Carlos Drummond de Andrade

MAIS UM ENVOLVIDO EM WATERGATE

Acordo assustado. Telefones tocando a essa hora?

— Mr. Drummond? I beg your pardon. Da parte de Mr. Sirica. Mr. Sirica deseja conversar com senhor about case Watergate. Pode tomar avião para Washington immediately?

— Como? Watergate? Que tenho eu com isso?

— Venha. Mr. Drummond. Aqui explicaremos tudo. Necessária sua presença.

— Não vou sair nenhuma. Que é que o senhor está pensando?

— Sorry, Mr. Drummond. Eu não peço. Cumpro ordens. Seu nome está no processo. Depoimento de Mr. Dean III muito comprometedor.

— Excuse aqui, ô sen. Brimodeira tem hora.

— Não estou brincando. Os papéis. O café.

— Que café? Que papéis? Não coloque nenhuma Mr. Dean III nem II nem I.

— Mr. Dean entregou papéis para senhor guardar na vótre em Brasil.

— Ele estava bebado quando disse isto.

— Mr. Hugh Sloan Jr. admite ter entregado 50 mil dólares a Mr. Dean para enviar papéis a South America.

— Eu não sou South America, até pronto em contrário.

— Mais precisamente: a Mr. Drummond, ex país de South America.

— Não sou o único disso sobremente na América do Sul.

— Acontece que dinheiro foi entregue a Mr. John Brandão, amigo íntimo de Mr. Drummond, invariavelmente com papéis top secret.

— Recentemente, seu amigo muito chegado de João Brandão, suas ele não me deu nem papéis nem dólares de estúpido alguma.

— Mr. Brandão procurado pela CIA, ainda não encontrado.

— Puidera. Ele nunca é encontrado em casa, na rua ou no trabalho.

— Mr. Brandão vive em estúpido espacial, perhaps?

— Não senhor. Vive por aí, como eljo.

— Eljo? Que licha é esse?

— Um este fantástico, identificado com os poderes do ar, do fogo, da terra.

— Interessante. Um superestúpido, I suppose?

— Nada disse. Um ser inteligente.

— Ainda disse que esse ser inteligente e aéreo recebeu 50 mil dólares do Tesouro americano, e veio aqui de papéis sigilosas, para entregar a Mr. Drummond.

— E há prova de que recebi uns coitês e outros?

— Sim, há prova. Mr. Herbert Porter, que trabalhava no Departamento de Comunicações de White House, confessou ter em seu poder cópia de Mr. Drummond a Mr. Dean III ocasião recebimento da mensagem. Em cópia.

— Nunca em minha longa vida passei tela para indivíduo que se chamasse Herbert Porter.

— Claro. Mr. Porter, em cópia, chamava-se Sugarman.

— Melão Doc? Vê lá se eu se me corresponder com um cara chamado Melão Doc. Dou-me ao respeito.

— Não é só, Mr. Drummond. Também Mr. Kissinger.

— Não vá botar o Dr. Kissinger neste emburruado.

— A questão é que ele já está. Mr. Kissinger fez esforços desesperados para recolher os seus papéis e arquivo de Mr. Porter.

— E daí?

— Mr. Porter fugiu com arquivo, mas este foi apreendido por mandato de Mr. Sirica. Wandering Jew, codinome de Mr. Kissinger, aprovou várias vezes na entrega de papéis remetidos por Mr. Dean III a Mr. Drummond.

— Faltou só dizer que o Dr. Kissinger me transmitiu aquilo do Presidente Nixon para eu guardar a sete chaves os papéis e queimá-los em emergência, grazie, pois não?

— Exactly. Este apelo caríssimo. Senhor acaba de confessar que está implicado até rate de cabelos em caso Watergate.

— E o Presidente Nixon também, né?

— Lembrado informar que Mr. President foi convidado a depor na próxima semana. Só o senhor não quer ir? Venha, Mr. Drummond. Pense, me de telefonos de Mr. Fernando Sabino e Mr. Davi Neves, também sob suspeitas. Estiveram em New York passado abril e almoçaram com Mr. Gordon Stracham, cantora granada. Alá, vossa conversa agora também granada. Mr. Sirica dará inconvênientes todos três para depor o salvo qualquer ameaça. Good night, Mr. Drummond.

— Pelo sim pelo não, estou tirando meu passaporte. Mr. Sabino e Mr. Neves que se cuidem. Se as minhas de processo chegarem até a nós, não dou um dólar furado pelo segundo mundo de Mr. Nixon.

Figura 6: Imagem do banco de crônicas digitalizadas, constando uma crônica e sua ficha.

Portanto, nesta fase, nem todas as informações contidas na tabela inicial migraram para a ficha catalográfica que acompanha as imagens textuais. Na tabela, encontramos as categorias: **Data**; **Título**; **Características**; **Tema Central**; **Termos Controlados**; **Discussão**; **Índice Onomástico** e **Índice Vocabular**. Enquanto que na ficha do banco de crônicas digitalizadas (Fig. 4, 5), encontramos as categorias: **Título**; **Autor**; **Periódico**; **Data**; **Assunto**; **Referências Nominais** e **Observações**.

Em razão da forma aleatória de busca do sistema digital, a ordem das categorias pode ser modificada. Assim, percebemos que a ficha é iniciada pela categoria **Título**, que apresenta o mesmo conteúdo existente na primeira fase. Seguem a ela duas novas categorias: **Autor** e **Periódico**, que não se justificariam nas tabelas de análise da primeira fase, por não se prever, naquele momento, o tratamento de outra coleção em periódico diverso e também de outra autoria.

Percebemos também que o conteúdo da categoria **Assunto** é uma nova denominação da categoria **Termos Controlados**, contudo, essa alteração se deu após a revisão e consolidação dos termos e nomes controlados no vocabulário.

A categoria **Data** não sofreu alterações nesta fase, entretanto, como dissemos, ela não é mais o primeiro ponto de acesso na ficha, o que seria desnecessário.

As demais categorias, a princípio nos pareceram substituições, mas foram motivadas por adequações significativas, como veremos em nosso estudo, no próximo capítulo. Entretanto, ressaltamos que a categoria **Discussão**, existente na primeira fase, não é encontrada na ficha instituída na segunda fase, apesar de ter sido utilizada na revisão da análise documental que visou conferir a pertinência dos dados que comporiam a categoria **Assunto**. Isso porque, como já mencionamos, a categoria visava auxiliar e garantir a adequação dos termos e dos nomes estabelecidos na categoria ainda denominada **Termos Controlados**, na segunda tabela da primeira fase, que representavam a tematicidade das crônicas. Além disso, a categoria **Índice Vocabular**, não é encontrada nesta ficha, devido às razões por nós já apresentadas quando a descrevemos na primeira fase.

Referências Nominais é uma nova denominação da categoria **Índice Onomástico**, contudo, o conteúdo existente na primeira fase está em processo de normalização, para então migrar para a ficha catalográfica do documento digital.

Observações é também uma nova denominação da categoria **Características**. Notamos que as mudanças nela ocorridas foram em razão dos indexadores terem constatado

que alguns dados anteriormente registrados tornaram-se desnecessários, devido ao acesso direto ao texto no sistema digital. Os demais dados, que ainda eram indispensáveis por conjugarem informações interpretativas e não representadas pela linguagem natural do texto, foram mantidos.

Em relação à organização da coleção nesse banco de imagens textuais, instituído na segunda fase, vimos que as crônicas estão ordenadas também cronologicamente, agrupadas por décadas. A eficácia da recuperação das informações vem sendo testada pelo AMLB durante o atendimento às pesquisas, visando correções e melhorias.

6 ESTUDO DA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE DRUMMOND

Ao estudarmos a análise documentária das crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade, buscamos compreender o desenvolvimento do processo e os resultados obtidos, para que fosse possível verificarmos a existência de critérios instituídos pelos indexadores durante o processamento dos documentos. Nesse sentido, percebemos também que seria necessário inicialmente verificarmos a possibilidade de identificação e de estabelecimento de uma tipologia de pontos de acesso para as crônicas jornalísticas, que fosse justificável à demanda informacional, isto é, que servisse aos propósitos da elaboração e busca de informações relevantes. De igual forma, precisávamos buscar também os princípios norteadores do fazer da análise documentária, tendo como campo empírico o trabalho desenvolvido no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).

Não almejávamos reduzir a conclusão da nossa pesquisa a um conjunto de regras que seriam aplicáveis em qualquer circunstância, mas sim buscávamos refletir sobre um melhor caminho teórico e possivelmente metodológico à natureza do objeto de estudo – a crônica jornalística. Por essa razão, iniciamos o trabalho com um estudo sobre a natureza da crônica e uma revisão dos estudiosos da análise documentária. Essa investigação direcionou nosso olhar sobre a evolução das ações de análise, interpretação e representação das informações documentárias realizadas de maneira espontânea por profissionais envolvidos tanto no planejamento e organização do trabalho, como em sua execução.

Para tal, estabelecemos, a partir da própria seleção de Carlos Drummond de Andrade, uma amostra das crônicas processadas.

6.1 O estabelecimento da amostra

Para compormos um conjunto de registros referentes aos dados resultantes da análise documentária realizada no AMLB, como amostra para a investigação, consideramos fundamental a intencionalidade do cronista em perpetuar sua obra, ao transferir suas crônicas jornalísticas para o livro. Desse modo, constituímos um conjunto de registros a partir de uma

seleção de crônicas publicadas no livro *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (ANDRADE, 1974).

A obra teve sua primeira edição em 1974¹⁹, constituindo-se de crônicas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no *Jornal do Brasil*, no período de 1970 a 1974, selecionadas pelo próprio cronista (ver Anexo I). Através de uma pequena apresentação da editora é justificada a forma gráfica de apresentação: seria sua montagem como um jornal – em colunas²⁰. Contudo, a apresentação dos textos não segue uma ordem cronológica, como também não é esclarecido qual tenha sido o critério para o arranjo das crônicas dentro de cada divisão.

Desse modo, o próprio Drummond, participando da estruturação de sua obra, nos apresenta divisões do próprio jornal, que denominaremos categorias. Consideramos essa estrutura por categorias um importante critério a ser por nós utilizado na seleção de uma amostra de estudo.

Descrevemos a seguir as 20 categorias estabelecidas no livro e a quantidade de crônicas nelas alocadas:

1. **Nacional** (2);
2. **Internacional** (1);
3. **Política** (1);
4. **Editorial** (1);
5. **Cidade** (6);
6. **Comportamento** (12);
7. **Gente** (4);
8. **Sociedade** (1);
9. **Moda** (3);
10. **Artes & Letras** (8);
11. **Cultura & Ensino** (4);
12. **Saúde** (2);
13. **Ecologia** (5);
14. **Montanhismo** (1);
15. **Consumo** (6);

¹⁹ Edição publicada em vida, pois Drummond veio a falecer em 1987.

²⁰ Segundo o Dicionário Houaiss, o termo no jornalismo refere-se a “seção geralmente assinada e que ocupa uma coluna (acp.12) ou um grupo de colunas (acp.12) numa publicação”.

16. **Polícia** (3);
17. **Economia & Mercado** (2);
18. **Caderno Infantil** (1);
19. **Classificados** (3);
20. **Festas** (2).

A partir desses dados, foi possível obtermos uma melhor visão dos campos temáticos abordados por Drummond e definidos na publicação em livro, e, assim, reconsideramos nossa pretensão em analisarmos os registros de cinquenta crônicas da coleção, como havíamos previsto no projeto da pesquisa apresentado na qualificação. Decidimos então estabelecer um método de seleção próprio para formar um subconjunto para análise, o que resultou em trinta e quatro registros. Esse quantitativo de registros é dado a partir da publicação no livro, pois no livro o cronista considerou como uma única crônica algumas daquelas publicadas separadamente no jornal, como se fossem capítulos de um acontecimento, como é o caso da crônica intitulada *Duas mulheres*. Desse modo, a aplicação do método resultou também em dois grupos de crônicas, selecionadas a partir dos seguintes critérios:

O primeiro grupo foi formado por categorias que apresentavam uma ou duas crônicas que estariam assim eleitas automaticamente para compor a amostra. Acreditamos que as crônicas dessas categorias demonstravam maior representatividade da seleção do próprio cronista, pois somente elas haviam sido selecionadas por ele. Descrevemos abaixo essas categorias e suas crônicas²¹, sendo também possível distingui-las pela cor azul, no Anexo III:

1. **Nacional:** O Brasileiro cem-milhões; Compre livro no táxi.
2. **Internacional:** Comprometido em Watergate.
3. **Política:** Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.
4. **Editorial:** O pai, hoje e amanhã.
5. **Sociedade:** O convidado agradece.
6. **Saúde:** Coração segundo; Oito em um.
7. **Montanhismo:** Duas mulheres.
8. **Economia & Mercado:** Conversa alheia; Mulher na Bolsa.
9. **Caderno Infantil:** Vamos brincar.
10. **Festas:** Reforma de persianas; Auto brasileiro de Natal.

²¹ Observamos algumas alterações nos títulos das crônicas, quando na migração do jornal para o livro. Assim, os títulos aqui indicados estão de acordo com sua publicação no livro.

Obviamente, o segundo grupo apresentava categorias com mais de duas crônicas nelas alocadas e, assim, sofreria uma análise visando reduzir o número de registros de indexação para também compor a amostra. Adotamos um segundo critério de seleção que consideramos relevante aos princípios da análise documental. Desse modo, direcionando nossa atenção a tematicidade das crônicas, resolvemos que, para compor de fato o segundo grupo, observaríamos a quantidade de descritores atribuídos em cada registro de indexação, no sentido de selecionar apenas dois registros em cada categoria, nos quais ocorresse maior número de descritores. Ressaltamos que nosso objetivo foi escolher registros relativos a crônicas que apresentassem maior tematicidade, o que parecia demonstrar que os indexadores haviam efetuado um trabalho maior de identificação de conceitos. No caso de empate relativo ao quantitativo de descritores, entre dois registros dentro de uma categoria, decidimos pelo registro que correspondesse à crônica que estivesse impressa no livro em primeiro lugar. Isso porque, consideramos que não havendo explicação para a ordenação das crônicas dentro de cada categoria apresentada na obra, nos parecia que o posicionamento era uma escolha também de Drummond, provavelmente, em razão do grau de importância que ele dava a cada uma delas.

Descrevemos abaixo essas categorias e suas crônicas, sendo também possível distingui-las pela cor vermelho, no Anexo III:

1. **Cidade:** Viadutos; O busto proibido.
2. **Comportamento:** Recalcitrante; Moça na chuva.
3. **Gente:** Serás ministro; Conversa de morango.
4. **Moda:** Umbigo; Nome de boutique.
5. **Artes & Letras:** Peça nova; Calça literária.
6. **Cultura & Ensino:** Gravação; Enciclopédia carioca.
7. **Ecologia:** Civilização; Poluição geral.
8. **Consumo:** Elefantex S. A.; Glória.
9. **Polícia:** Espadrado; Ladrões no terraço.
10. **Classificados:** Cartas de estimação; Viúva loura.

Dessa forma, foram estabelecidos dois conjuntos compostos, cada um deles, por 10 categorias, sendo que no primeiro estão alocadas 14 crônicas e, no segundo, 20 crônicas,

totalizando 34 crônicas para composição da amostra. Ressaltamos que o primeiro conjunto corresponde à mesma seleção feita pelo próprio Drummond, para cada categoria, pois se refere a sua totalidade. No segundo conjunto encontram-se apenas as crônicas com maior tematicidade. Ressaltamos que essa tematicidade foi por nós considerada mediante observação da quantidade de descritores atribuídos na análise documentária efetuada pelo Arquivo Museu de Literatura Brasileira.

6.2 Metodologia aplicada e fundamentação teórica adotada

No estudo sobre a natureza da crônica jornalística e sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade, constatamos que algumas abordagens seriam fundamentais para efetuarmos o exame dos resultados obtidos no AMLB. Desse modo, tomamos principalmente as concepções apresentadas por Dimas (1974), Teles (1979), Lacerda (1979), Moisés (1983), Arrigucci Junior (1987), Cony (2004?) e Kaimote (2004). São elas:

- A crônica jornalística distingue-se da crônica literária, por ter função de informar ou de comentar os fatos do cotidiano, sendo assim chamada jornalística por ser o jornal o seu veículo original, mas podendo também ser transposta ao livro.
- Ao estar próxima ao conto, a crônica tem sua ênfase no acontecimento que provocou a atenção do escritor.
- Dentre as muitas características da crônica jornalística, destacam-se as seguintes: jogo de imagens; fino humor; reflexão; posicionamento filosófico, político, estético, etc.; falta de rigor textual; linguagem atual e predominantemente referencial; tom comunicativo com possibilidade de diálogo entre cronista e leitor.
- A crônica jornalística pode registrar, reorganizar e redimensionar os fatos, proporcionando novos ângulos de interpretação.
- Para maior compreensão da obra do cronista, não basta saber os traços biográficos, mas sim é preciso analisar com maior profundidade as palavras em busca da transparência do subjetivo e pessoal.

- Drummond foi um cronista atento ao seu tempo e aos seus leitores, comovendo, distraindo, fazendo sorrir, escrevendo de forma a meditar e filosofar sempre que oportuno.
- A crônica de Drummond é vista como multiforme, por agregar poema, aforismo, traduções, fotos, diário, charge, entrevistas, cartas etc., sendo seus textos leves e inventivos caracterizando um estilo próprio.
- A crônica jornalística de Drummond apresenta-se como um veículo de divulgação cultural e como palco de experiências políticas e sociais que demonstram a consciência, a responsabilidade social e a busca por soluções para o seu século.
- Da simples leitura da crônica de Drummond aflora transcendência do acontecimento.

A partir da revisão de literatura sobre análise documentária, apresentada no quarto capítulo, consideramos também algumas abordagens como primordiais ao estudo da indexação das crônicas jornalísticas. Nos pautamos, principalmente, nas afirmações de Lancaster (1993, 2003), Hjørland (1992; 1997), Fujita (2003; 2004), Cordeiro (2000) e Campos (1998; 2006), em busca de direcionarmos o exame dos dados resultantes do processo de análise dos textos. Procuramos assim, obter subsídios teóricos para identificar a existência de critérios instituídos no trabalho do AMLB, mesmo que estivessem informalmente estabelecidos pela equipe.

Desse modo, o exame dos resultados da análise das crônicas jornalísticas de Drummond visou descobrir se os dados demonstravam a aplicação dos seguintes princípios de indexação de documentos literários, por nós identificados na revisão de literatura:

Quanto ao documento

- É necessário conhecer a natureza do documento.
- O estabelecimento de pontos de acesso é feito a partir da caracterização do documento, considerando o grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se tem e com as propriedades do documento.
- Os aspectos físicos e temáticos do documento devem ser identificados, para o estabelecimento dos pontos de acesso.

Quanto ao indexador e à análise

- O indexador deve ter conhecimento detalhado de seu contexto sociocognitivo e participar das principais decisões quanto às políticas, aos procedimentos e às regras.
- O indexador deve estar consciente das condições materiais e da estrutura organizacional dos sistemas de informação.
- O indexador deve conhecer os objetivos da leitura documentária.
- O indexador deve realizar a leitura documentária integral do texto, tendo conhecimento da obra do autor e tendo domínio de conceitos básicos das áreas abrangidas pela coleção.
- O indexador deve realizar leitura de forma interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, a partir também do conhecimento do contexto e da intencionalidade do documento.
- O indexador deve descrever os assuntos do documento, configurando um prognóstico de potenciais futuros e transparecendo maturidade de julgamento.
- O indexador deve avaliar os textos com discernimento, prevendo questões de pesquisa e considerando as propriedades do documento, de modo que descreva o significativo, o geral, o necessário e o típico.
- O indexador deve analisar, interpretar e representar o conteúdo do documento de modo que os aspectos particulares e o potencial informativo sejam identificados.
- O indexador deve polirrepresentar o potencial informacional por ele identificado.

Quanto às necessidades dos usuários

- Os interesses e as necessidades dos usuários potenciais devem ser considerados.

Quanto à organização/instituição

- Os objetivos organizacionais devem ser considerados.
- A política de indexação deve estar baseada no usuário, no serviço de recuperação da informação e no documento, configurando critérios bem definidos que minimizem a subjetividade do processo de análise.

6.3 Exame da amostra

Conforme abordamos no capítulo anterior, a análise documentária das crônicas de Carlos Drummond de Andrade foi realizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira em duas fases distintas. Na primeira fase, foi gradativamente constituída uma tipologia de informações que se configurou em uma tabela, posteriormente ajustada resultando em uma segunda tabela para registro dos dados resultantes da análise efetuada. Na segunda fase, após revisão dos resultados da análise documentária e digitalização das crônicas, os dados registrados na última tabela foram transferidos para a ficha catalográfica que acompanha cada uma das crônicas digitais no banco de imagens (ver Anexo IV).

Em vista do exposto, podemos inicialmente considerar que, mesmo apresentando uma estrutura planejada e gradualmente ajustada para o desenvolvimento da análise documentária das crônicas jornalísticas, os resultados do trabalho realizado no AMLB demonstram algumas dificuldades e problemas, em razão do não estabelecimento de manual de procedimentos e metadados que garantiria a explicação do conteúdo dos campos instituídos, tanto nas tabelas, quanto na ficha catalográfica do banco de crônicas digitais.

Os dados resultantes da primeira fase se apresentam bastante detalhados, parecendo ser uma tentativa de esgotar toda possibilidade de recuperar fatos pormenorizados, bem como os nomes e títulos mencionados por Drummond, mesmo que não tenham sido,

necessariamente, assunto da crônica. Isto significa que o cronista teria citado um nome, mas não teria falado necessariamente sobre o mesmo. Percebemos que assim haveria intenção dos indexadores em distinguir o que era assunto das crônicas, num intuito de identificar o tema central e o que seriam temas secundários que se apresentavam como pretextos para opiniões e posicionamentos do cronista.

Conforme abordamos, ao fim da primeira fase, encontramos uma tabela ajustada durante o processo implementado e constituída pelas seguintes categorias de informação: **Data; Título; Características; Tema Central; Termos Controlados; Discussão; Índice Onomástico e Índice Vocabular**. Todavia, na segunda fase do trabalho, as categorias estabelecidas na ficha do banco de crônicas digitalizadas são: **Título; Autor; Periódico; Data; Assunto; Referências Nominais e Observações**.

Portanto, nos deteremos, inicialmente, na análise da tabela resultante da primeira fase da análise documentária.

A categoria **Data** e **Título** contêm informações que consideramos básicas para a identificação das crônicas – data de publicação no jornal e título como publicado no jornal. Essas categorias referem-se aos aspectos formais, entretanto, a data é também um elemento de ordenação física da coleção, sendo, portanto, ponto de acesso direto e chave de localização física mesmo quando a busca capturou informações alocadas em outras categorias. Além disso, observamos que a data é um aspecto fundamental no posicionamento cronológico da pesquisa, pois geralmente o usuário solicita as informações referentes a uma data ou mesmo a um período. Desse modo, a informação contida na categoria estaria sendo utilizada em uma busca booleana, onde seria confrontada com outras informações de caráter temático. Não estamos nos referindo ao aspecto cronológico do próprio assunto, pois este aspecto estaria também representado na categoria **Termos Controlados**, mas sim a determinada informação que teria sido tratada pelo cronista em uma data específica.

Ressaltamos também que, na primeira fase do trabalho, não são encontradas as categorias referentes ao nome do jornal no qual a crônica foi publicada, nem ao nome do cronista, como ocorre posteriormente na segunda fase. Constatamos que foi considerado pela equipe que todos os documentos constituíam um conjunto das crônicas que foram publicadas no *Jornal do Brasil*, bem como todas seriam de autoria de Drummond.

Consideramos que as categorias **Data**, **Título**, **Características**, **Índice Onomástico** e **Índice Vocabular**²² buscavam atender à descrição dos aspectos físicos (forma), enquanto que as categorias **Tema Central**, **Termos Controlados** e **Discussão** buscavam atender à descrição dos aspectos intelectuais (conteúdo). Entretanto, notamos que, em alguns casos, a categoria **Características** refere-se também ao conteúdo. A questão pode ser observada na figura 7, quando o indexador registra que Drummond se presentifica na crônica. A nota refere-se ao fato de Drummond se fazer presente no acontecimento descrito, muitas vezes integrado no relato disfarçadamente através de algum personagem. Desse modo, podemos concluir que na categoria **Característica** encontramos informações referentes aos aspectos intelectuais, mas também referentes à forma textual, como por exemplo, divisão do texto em partes especificamente intituladas; observações quanto à crônica ter sido também publicada em livro; observações quanto ao texto se constituir ou conter um diálogo, carta etc. Desse modo, a categoria parece alocar comentários feitos pelo indexador com finalidades diversas.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
17.5.73	Mais um envolvido em Watergate	Crônica com diálogo Drummond se presentifica na crônica.	Política	POLÍTICA WATERGATE	O caso de Watergate.	Sirica, Mr; Drummond, Mr; Porter, Mr. Herbert; Kissinger; Sabino, Fernando Mr.; Nixon, Presidente; Neves, Davi Mr.; Dean, Mr; Stracham, Gordon, Mr.	
31.1.74	Ministro.		Política	COTIDIANO CANDIDATURA MINISTRO DE ESTADO	Pai acha que filho será Ministro.	Silva, Ministro Alves da.	

Figura 7: Exemplo de registros, em planilha, da análise documentária das crônicas na primeira fase.

Vimos no capítulo anterior, que a função da categoria **Tema Central** era alocar um descritor que representasse a temática da crônica em seu contexto mais amplo. Mesmo considerando que a categoria tenha sido mantida para constituir futuramente uma classificação por grandes temas, verificamos que alguns registros apresentam nesta categoria

²² Lembramos que as duas últimas categorias não se referem a nomes que fossem assunto das crônicas e sim citações e incidências vocabulares.

um termo que não reflete o intencionado pelo cronista, como, por exemplo, o termo “cotidiano” (Fig. 8). Consideramos que o conceito de “cotidiano” seja inerente da própria natureza da crônica jornalística, pois nela o cronista o registra. Como vimos no terceiro capítulo, o cotidiano é o motor de arranque da crônica. Pensamos: seria correto usar o termo como assunto caso o cronista estivesse discorrendo sobre a noção de cotidiano – o que não encontramos na amostra. O exemplo mostra exatamente nosso questionamento, pois é possível conferir que foram registrados dois conceitos na categoria **Termos Controlados** que são os assuntos da crônica, não se justificando assim o termo adotado na categoria **Tema Central**. Portanto, consideramos que o conteúdo da categoria **Tema Central** se mostra algumas vezes inadequado para refletir o assunto principal da crônica.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
24.8.72	O Brasileiro cem milhões		Cotidiano	BRASILEIRO NATALIDADE	Nasce o brasileiro de nº 100000000		

Figura 8: Exemplo de termo central inadequado.

Na categoria **Termos Controlados**, os dados demonstram o esforço dos indexadores em identificar e representar com especificidade todo o potencial temático do documento. Assim, nos parece que era buscado captar a intencionalidade da crônica, pois os descritores estabelecidos são termos específicos em relação ao conteúdo da categoria anterior, **Tema Central**, ou são referentes a temas secundários na abordagem do cronista (Fig. 9).

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
20.11.71	Poluição geral		Poluição	POLUIÇÃO BANHO CINEMA LIVRARIA	Banho , cinema, livraria, tudo polui	Assis, Machado.	

. Figura 9: Exemplo de registro com especificidade temática.

Entretanto, percebemos que em alguns casos a identificação e a representação da tematicidade não foi exaustiva e sim superficial. No exemplo que se segue (Fig. 10), vemos que além do tema central ter sido considerado como o próprio cotidiano, como já comentamos, os termos controlados configuram tão somente o local do acontecimento e o tipo de comunicação que se dava no acontecimento descrito. Nesse caso, nossa investigação demandou uma verificação do próprio texto, confirmando nossa percepção inicial que apontava para suspeitarmos que outros termos poderiam ser estabelecidos, melhor configurando os assuntos da crônica. Na verdade, a crônica trata do mau comportamento de um indivíduo no interior de um ônibus e da dificuldade com que o trocador desse coletivo se depara em lidar com a situação, além de complicá-la ao fazer uso de uma palavra desconhecida. O fato não está também explicitado na categoria **Discussão**, o que poderia ter facilitado ao indexador perceber os demais conceitos. Assim, consideramos que o descritor Comportamento poderia ser acrescentado à categoria **Termos Controlados**, bem como outros descritores que melhor contextualizariam o documento, como, por exemplo, Insulto, Passageiro, Trocador. Além disso, percebemos também que o texto não apresenta uma simples conversa e melhor seria representado através do termo Discussão, pois transparece uma polêmica travada entre os dois personagens do acontecimento.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
17.1.74	O recalci-trante.	Crônica com diálogo	Cotidiano	CONVERSA ÔNIBUS	Conversa no ônibus		

. Figura 10: Exemplo de registro com representação temática insuficiente.

Contudo, no exemplo abaixo (Fig. 11), é possível percebermos a intenção dos indexadores em captar a subjetividade do cronista, não claramente demonstrada no título da crônica. Nesse caso, provavelmente, Drummond aproveitava o pretexto dos acontecimentos do momento, como os avanços da cirurgia cardíaca, para “discretar”²³. Portanto, a tematicidade está representada nas categorias **Tema Central**, **Termos Controlados** e **Discussão**.

²³ Cf. COUTINHO, 1971, p. 120.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICA	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
26.10.71	Coração segundo.	Andrade, Carlos Drummond de. Se presentifica na crônica.	Ciência	CORAÇÃO SOFRIMENTO SENTIMENTO	Coração é substituído por um que sofre menos.	Assis, Machado de; Bandeira, Manuel; Ramos, Graciliano; Meirelles, Cecília; Assis, Machado; Andrade, Carlos Drummond de.	

Figura 11: Exemplo de registro, na primeira fase, onde se percebe captação da subjetividade.

Consideramos também que o vocabulário controlado, fruto das categorias **Tema Central** e **Termos Controlados**, poderia ter recebido algumas melhorias. Verificamos que a maioria dos termos não está conceituada e acreditamos também que existam possibilidades de estabelecimento de relações entre eles, que não foram efetuadas apesar de existir uma legenda explicativa para o uso das siglas correspondentes, situada no início da primeira página vocabulário (ver Anexo II). Como conseqüência disso, percebemos uma deficiência no controle de sinonímia e um equívoco ao serem utilizados verbos como descritores. Todavia, por indicar a data de publicação da crônica como chave de acesso para localização específica dos registros da tabela e como chave de localização física da própria crônica, o vocabulário nos pareceu ser um instrumento útil ao trabalho no AMLB, enquanto, não se dispuserem os recursos oferecidos por uma base de dados referencial.

O conteúdo desta categoria **Discussão** está também representado nas categorias **Tema Central** e **Termos Controlados**, como já mencionamos. A categoria apresenta a questão central da crônica de forma narrativa e, desse modo, vimos que os indexadores pretendiam explicar sucintamente aquilo que foi abordado pelo cronista em forma de um mini-resumo ou mesmo através de uma frase. Contudo, consideramos que ela se apresenta excessivamente sucinta na maioria dos registros, como anteriormente explanamos ao questionarmos o estabelecimento de descritores em um registro e ter sido necessário voltarmos à leitura da própria crônica (Fig. 12).

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICA	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
2.5.72	No gravador	Crônica em diálogo	Cotidiano	DIÁLOGO	Questionamento		Bacana; tremendo; barato; papo findo; ciao.

Figura 12: Exemplo de registro com dados da categoria Discussão demasiadamente sucintos.

A categoria **Índice Onomástico** apresenta nomes citados pelo cronista e que não foram necessariamente assunto na crônica. Portanto, notamos o cuidado dos indexadores em reconhecer quando esses nomes eram apenas mencionados, mas não se constituíssem em objeto de discussão do cronista, isto é, não fossem o foco temático do autor. Isto não diminui a importância destes dados, pelo contrário, são eles muitas vezes relevantes para elucidação de questões de pesquisa e por essa razão foram identificados, se bem que, em alguns registros, acreditamos que a indicação das citações possa ser ampliada. Contudo, segundo a coordenadora do AMLB, os nomes alocados nesta categoria foram objeto de normalização efetuada posteriormente por outro profissional externo à equipe, estando assim em processo de inclusão no banco de crônicas digitalizadas constituído na segunda fase. A medida evita duplicidade e visa reconhecer, o máximo possível, prenomes e sobrenomes isolados, apelidos, pseudônimos etc.

A categoria **Índice Vocabular** apresenta as incidências de termos e expressões no texto, com a finalidade de se levantar posteriormente quantas vezes o cronista os havia utilizado. Notamos na tabela da primeira fase que esse registro refere-se a expressões especiais (Fig. 13), não sendo assim obrigatório para todas as crônicas, porquanto, na amostra, somente oito crônicas apresentam conteúdo nesta categoria.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICA	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
10.6.71	Conversa de morango		Cotidiano	JUNHO MORANGO	Junho é o mês dos morangos; novas propriedades são atribuídas aos morangos.		Sucre vanillé; forêt; chateau; porcelaine; dentelle.

Figura 13: Exemplo do registro com conteúdo na categoria Índice Vocabular.

Para a investigação dos resultados da segunda fase da análise documentária realizada no AMLB, nosso foco são as fichas catalográficas que acompanham as crônicas digitais e que constituem nossa amostra.

Inicialmente podemos colocar que, como a ficha não é configurada por campos próprios de uma base de dados e sim se apresenta como uma área de edição de texto, o sistema realiza a recuperação dos dados na forma aleatória de busca de palavras. Portanto, consideramos que as crônicas digitais devam estar também referenciadas em sistema que ofereça uma estrutura de campos que permita a construção automática de índices dos dados e a recuperação específica nas categorias de informação, bem como possa realizar a busca booleana, permitindo assim o cruzamento das informações de forma a estipular em quais categorias os dados serão capturados.

As categorias estabelecidas nesta segunda fase são: **Título; Autor; Periódico; Data; Assunto; Referências Nominais e Observações**. Podemos assim observar uma mudança de estrutura em relação à estrutura final na primeira fase, não somente de nomenclatura das categorias, como também no posicionamento seqüencial das mesmas.

Desse modo, a ficha apresenta na organização de sua estrutura primeiramente a categoria **Título** e não mais a categoria **Data**. Não havia mais necessidade de se instituir a data de publicação da crônica como ponto de acesso inicial como chave para localização dos registros mesmo através de busca em outras categorias. Isso porque, o banco de crônicas digitais realiza a busca booleana pelo cruzamento de palavras, contudo, esse cruzamento de dados não determina em quais campos os dados serão capturados, e sim apenas interage com as palavras constantes tanto no texto digital da crônica como na ficha que acompanha a imagem.

A inclusão da categoria **Autor** e da categoria **Periódico**, conforme mencionamos no capítulo anterior, foi por nós considerada necessária para futuras necessidades relacionadas à inclusão, no mesmo banco, de documentos de autoria diversa e/ou publicados em outros periódicos. Desse modo, estaria desde agora identificada a coleção de crônicas de Drummond publicadas no *Jornal do Brasil*.

A categoria **Termos Controlados** passa a ser, nesta fase, denominada **Assuntos**, o que nos pareceu ser uma simplificação que se justifica pelas novas possibilidades de acesso. Conforme o exemplo abaixo (Fig. 14 e 15), percebemos também que há evidência da revisão

e da validação do trabalho, realizadas ao se iniciar a segunda fase, pois encontramos complementação dos descritores formulados. Inclusive, nos parece, que o problema que já identificamos no uso do termo Cotidiano, foi percebido, pois este termo não migrou para a categoria **Assuntos**, como poderia ter ocorrido caso representasse um tema mais abrangente da crônica, e como também ocorre em outros registros. Assim, vemos a inclusão do termo Táxi, complementando os conceitos identificados.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
13.4.72	Compre um livro no táxi	Crônica publicada em livro.	Cotidiano	Venda Livro	Tentativa de vender livros no táxi		

Figura 14: Registro elaborado na primeira fase, evidenciando a categoria Termos Controlados.

Descrição/Indexação (Banco de Crônicas Digitais)
<p>Título: Compre um livro no táxi</p> <p>Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de</p> <p>Periódico: Jornal do Brasil</p> <p>Data: 13.4.72</p> <p>Assunto: Venda; Livro; Táxi.</p> <p>Ref. nominais:</p> <p>Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.</p>

Figura 15: Registro elaborado na segunda fase, evidenciando nova denominação de categoria.

Percebemos que, a partir desta segunda fase, o vocabulário controlado não é mais utilizado como um índice para localização dos registros e das próprias crônicas. Entretanto, consideramos que ele deveria ser mantido, mesmo que não indicando a data como chave de busca, o que seria desnecessário. Desse modo, o vocabulário deveria migrar para uma base de autoridade, que permitiria inclusive estabelecer com maior eficiência os relacionamentos entre termos e nomes que são assunto nas crônicas. Portanto, sentimos falta desse recurso no trabalho que no momento se apresenta.

Em continuidade, podemos dizer que não encontramos a categoria **Discussão** na ficha do banco de crônicas digitais. Nos parece que a medida foi tomada em razão de se considerar que os descritores da categoria **Assuntos** seriam suficientes para representar a tematicidade

dos documentos. Julgamos que isso ocorreu devido ao conteúdo da categoria **Discussão** se apresentar muito sucinto, conforme já abordamos. Tal fato poderia ser corrigido tornando esse conteúdo mais significativo mediante nova redação e, assim, sua nova inclusão.

Referências Nominais é uma nova denominação da categoria **Índice Onomástico**, contudo, nossa amostra não apresenta nenhum conteúdo nesta categoria (Fig. 16). Conforme verificamos, os dados nela existentes na tabela da primeira fase, se encontram em processo de normalização. Consideramos tal medida fundamental para a padronização das formas, evitando-se perda de informação ou duplicidades. Entretanto, percebemos que em alguns casos a representação de citações não foi exaustiva, contudo, segundo a coordenadora, o trabalho está sendo complementado. O fato pode ser observado no exemplo abaixo (Fig. 17), onde percebemos que, na primeira fase, somente foram registrados na tabela dois nomes citados no texto e, nesse caso, conferimos, na crônica, que haveria possibilidade para o registro de outros nomes, como, por exemplo, o nome da companhia de energia elétrica Light.

Descrição/Indexação (Banco de Crônicas Digitais)
Título: O convidado agradece Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.12.71 Assunto: Jantar; Convidado; Agradecimento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

Figura 16: Registro elaborado na segunda fase, sem dados na categoria Referências. Nominais.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
9.12.71	O convidado agradece	Crônica publicada em livro.	Discurso	Jantar Convidado Agradecimento	Convidado de um jantar só faz agradecimentos.	Oranice; Gabri.	

Figura 17: Registro elaborado na primeira fase, com alguns dados na categoria Índice Onomástico.

Observações é também uma nova denominação da categoria **Características**. Pelas razões já expostas no quinto capítulo, apenas alguns dados migraram para a ficha do banco de

crônicas digitais, entretanto, percebemos a complementação de outras informações. Observamos que em alguns casos, quando a crônica foi selecionada para publicação posterior no livro *De notícias & não notícias faz-se a crônica*, o título sofre algumas modificações. Conforme exemplo abaixo (Fig. 18 e 19), a categoria recebe, na ficha desta segunda fase, não somente a informação sobre a publicação da crônica em livro, mas também o registro da alteração do título, o que nos pareceu muito significativo. Acreditamos que esta informação deverá também ser objeto de busca em um ponto de acesso secundário, que poderá ser estabelecido futuramente em uma base de dados referencial.

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
14.8.71	Episódio Urbano		Cotidiano	RESTAURANTE PAGAMENTO DE CONTA ASSALTO	Come-se no restaurante e a conta vem para casa; perigo de assaltos.		

Figura 18: Registro elaborado na primeira fase, evidenciando o título da crônica, no jornal.

Descrição/Indexação (Banco de Crônicas Digitais)
<p>Título: Episódio urbano Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 14.8.71 Assunto: Restaurante; Assalto. Obs.: Publ. em <i>De notícias e não notícias faz-se a crônica</i> e em 70 historinhas, com o título "Esparadrapo".</p>

Figura 19: Registro elaborado na segunda fase, acusando mudança no título da crônica.

A ficha do banco de crônicas digitais não contempla a categoria **Índice Vocabular** em razão da complexidade do trabalho para o momento.

A partir da observação da amostra, podemos considerar que alguns pontos devam ser aperfeiçoados, contudo, o detalhamento das informações parece demonstrar que os indexadores buscavam analisar os textos com discernimento e procurando prever questões de pesquisa, e assim, descrever o significativo e o necessário para usuários potenciais. Além disso, consideramos que os aspectos particulares dos documentos tenham sido identificados.

Conforme informações levantadas junto à equipe, sabemos que todos indexadores participantes do trabalho são profissionais capacitados e que possuem considerável conhecimento da natureza da crônica jornalística, bem como experiência em atividades de documentação no âmbito literário e no atendimento aos pesquisadores. Além disso, a missão e os objetivos do AMLB garantem a permanente aquisição de conhecimento nos estudos da literatura brasileira. Do mesmo modo, as consultoras externas que participaram do trabalho possuem também formação especializada na área. Entretanto, mesmo de posse de considerável conhecimento, a equipe previamente analisou a constituição da crônica jornalística de Drummond com a finalidade de estruturar sua indexação e sempre adequar as ações implementadas, visando aperfeiçoar as categorias de informação estabelecidas.

Não encontramos uma política de indexação formalmente instituída, contudo, parece-nos que a análise dos documentos foi desenvolvida respeitando-se a natureza da crônica, bem como procurou nortear-se pela percepção da demanda informacional existente e pela previsão da demanda de usuários potenciais. Percebemos que essa atitude foi possível devido à experiência da equipe e, desse modo, o empreendimento tinha também como base os objetivos do próprio órgão, em sua função de pesquisa no campo da literatura. As medidas tomadas e as ações corretivas, mesmo não formalizadas em documento, visaram adequar e aperfeiçoar o processo e eram de conhecimento de toda a equipe, tornando-se assim procedimentos que poderão compor uma política de indexação a ser observada e adotada para outros casos. Contudo, ressaltamos que os procedimentos implementados precisam ser, o quanto antes, registrados para compor uma política de indexação, tendo em vista estarem sendo neste trabalho testados e validados. Além disso, convém lembrar que nenhuma equipe é estável no tempo, e assim é necessário se registrar as decisões tomadas.

Vimos que, na primeira fase, foi estruturada uma tabela para registro dos dados que resultariam da leitura, análise, interpretação, síntese e representação dos documentos. Essa estrutura apresenta uma categorização de informações que, ao nosso ver, constitui-se no estabelecimento dos pontos de acesso ao documento. Percebemos que as categorias foram criadas e sofreram alterações de acordo com o reconhecimento das propriedades do documento e do potencial informativo. Além disso, as mudanças estavam também de acordo com o grau de importância dado pelos indexadores a determinadas informações e com os propósitos do trabalho. Consideramos que os resultados demonstram que essa tipologia provocou a observância de algumas regras de descrição física e intelectual, e também de

normalização de nomes, o que fica visível nas alterações que se apresentam ao final da primeira fase ou na segunda fase dos trabalhos, como no exemplo abaixo (ver Fig. 20 e 21).

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
29.6.72	Mulheres Montanhistas.	Crônica publicada em livro.	Mulher	Mulher Montanhismo	Mulheres vencem desafios da natureza	Oranice; Gabri.	

Figura 20: Registro elaborado na primeira fase, evidenciando o nível de detalhamento.

Descrição/Indexação (Banco de Crônicas Digitais)
<p>Título: Mulheres montanhistas</p> <p>Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de</p> <p>Periódico: Jornal do Brasil</p> <p>Data: 29.6.72</p> <p>Assunto: Mulher; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ); Bico de Papagaio (Rio de Janeiro, RJ).</p> <p>Ref. nominais:</p> <p>Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ I - Ao bico do papagaio".</p>

Figura 21: Registro elaborado na segunda fase, evidenciando maior detalhamento e padronização.

Conforme averiguamos, para profunda compreensão do texto era realizada sua leitura integral, de forma que os indexadores procuravam reconhecer o valor dos aspectos que caracterizariam cada documento. Para tal, como já dissemos, os indexadores tinham conhecimento da obra de Drummond, de sua intencionalidade e de seu contexto, o que permitia melhor identificar e compreender os conceitos constantes no documento.

Os resultados obtidos na indexação das crônicas e que compõem nossa amostra demonstram que a leitura documentária realizada pelos indexadores possibilitou a análise e a interpretação, produzindo assim metassentido evidenciado pela representação dos aspectos físicos e temáticos nas planilhas de registro. Esses dados demonstram também consonância com os objetivos e papel desempenhado pelo AMLB, como órgão de pesquisa em literatura brasileira. Desse modo, nos parece que o potencial informativo das crônicas foi ampliado de forma a resgatar pontos de acesso possíveis, isto é, a equipe de indexadores buscou

polirrepresentar os documentos, mesmo na tabela da primeira fase na qual os profissionais atuantes buscavam subsídios teóricos e práticos para planejar e adequar o processo de indexação mediante procedimentos teoricamente fundamentados. Contudo, ressaltamos que em alguns casos esse potencial ainda poderá ser complementado.

Na representação da tematicidade de cada uma das crônicas, os dados resultantes demonstram os aspectos particulares e a intencionalidade do documento. Essa representação parece ter se efetuado a partir da análise do conteúdo para identificação dos temas, mesmo que estes não estivessem explicitamente declarados na superfície textual. Sabemos que a equipe tem conhecimento sobre o contexto da produção literária de Drummond, bem como consciência do contexto social, político, econômico e histórico da época, realizando desse modo uma análise interpretativa do conteúdo informativo. O fato é significativo por considerarmos que o assunto identificado é o potencial objetivo do documento, sendo sua descrição um prognóstico de potenciais futuros com base no julgamento positivo ou negativo do indexador - sua maturidade de julgamento. Entretanto, julgamos ser necessária maior capacitação dos indexadores para o controle terminológico que se configurará em um vocabulário com maior estrutura que transpareça ao usuário as relações entre termos e nomes, além de apresentar os conceitos dos termos adotados.

Portanto, acreditamos que os indexadores buscaram identificar as propriedades do documento, diante das condições particulares da coleção das crônicas e de seu autor, e desse modo, esse trabalho de análise, interpretação e síntese não seria passível de informatização.

Especificamente, na segunda fase, quando foram revisados os dados obtidos e digitalizada a coleção de crônicas, passou-se a contar também com a busca aleatória em texto livre, isto é, o sistema permitiu que também fosse utilizada a linguagem natural, além da linguagem documentária constituída pelos descritores.

Através desses resultados foi possível constatar que foram implementadas ações de análise, de interpretação, de síntese e de representação dos aspectos físicos e intelectuais, buscando ampliar o potencial informativo e resgatar pontos de acesso possíveis, indexando forma e conteúdo. Contudo, o trabalho pode ainda ser aperfeiçoado, oferecendo assim uma significativa experiência para alcançarmos uma metodologia de análise documentária de crônicas jornalísticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução de sua recente obra sobre as crônicas de Olavo Bilac publicadas em jornais, Dimas (2006) apresenta uma consideração que acreditamos seja também aplicável à crônica jornalística de outros escritores, como, por exemplo, de Carlos Drummond de Andrade. Diz o estudioso sobre essa produção de Bilac:

Com base em tantas crônicas retiradas de revistas e jornais diversos, publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo, o leitor poderá formar opinião mais ampla sobre a sociedade brasileira que se acotovelava nessas duas cidades e o pesquisador consciencioso poderá encontrar material suficiente sobre diferentes facetas dessa mesma sociedade. Porque as crônicas aqui publicadas ultrapassam o literário e espalham-se por domínios conexos, nos quais o historiador, o psicólogo, o sociólogo, o economista, o jornalista, o antropólogo e demais estudiosos da sociedade brasileira poderão encontrar elementos suficientes que lhes alarguem o caminho de reflexão sobre nosso *éthos*. (DIMAS, 2006, p. 18).

A afirmação corrobora com nosso empreendimento neste estudo, ao reconhecer a importância das crônicas jornalísticas para a pesquisa nos diversos contextos e interesses.

Ao buscarmos fundamentação teórica e metodológica para a análise documentária desse gênero da literatura e do jornalismo, podemos tecer algumas considerações finais que acreditamos sejam pertinentes por estarem embasadas nos princípios identificados nas diversas concepções encontradas, bem como nos procedimentos identificados no estudo empírico.

Contudo, podemos afirmar que não chegamos a uma metodologia propriamente dita e sim a critérios de análise que consideramos importantes para o processamento das crônicas jornalísticas, tendo em vista reconhecer o potencial informativo e elaborar as informações documentárias a elas pertinentes.

Na verdade, maiores estudos deveriam proporcionar o conhecimento da natureza de cada gênero literário especificamente, para que possam ser levantadas características que indiquem quais pontos de acesso seriam relevantes para a identificação das informações documentárias. Vimos que não há rigidez para um tratamento único dos variados tipos de documentos, mas concluímos que podemos eleger um núcleo de diretrizes que nortearão o

estudo e a adequação do processo de análise e representação das informações. Portanto, apenas um conjunto de regras não atenderia à multiplicidade e à diversidade de casos, como também poderia haver interferência da subjetividade do próprio indexador que necessita julgar e decidir, ao pretender interpretar e sintetizar os dados obtidos através da leitura documentária.

A análise documentária de documentos literários parece requerer ações que visem minimizar essa subjetividade inerente ao processo, o que demonstra que a leitura documentária não poderá ser uma ação puramente técnica. Ao contrário, ela deverá ser reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, proporcionando um aprofundamento investigativo das reais intenções do autor e a identificação do potencial informacional do documento.

Consideramos que alguns critérios podem orientar a interpretação, não se configurando em um paradoxo lingüístico, pois se há algo a ser interpretado, deve ser possível identificá-lo e respeitá-lo com coerência. Os critérios devem visar características objetivamente identificáveis que poderão se constituir em categorias apropriadas a cada tipo documental, bem como se configurar a partir do planejamento da indexação determinado por uma política baseada no usuário, na organização/instituição e no documento. Essa política deverá também estar explicitada em documento próprio referente ao processamento dos documentos, tornando claros os propósitos e diretrizes que nortearão o fazer dos indexadores.

Acreditamos assim, que chegamos a um conjunto significativo de fundamentos sobre a crônica jornalística identificados nas falas de seus estudiosos, em prol de conhecer sua natureza.

Desse modo, consideramos que ao se distinguir da crônica literária, a crônica jornalística tem sua ênfase no acontecimento e apresenta características, tais como: o jogo de imagens; o fino humor; a reflexão; o posicionamento filosófico, político, estético, etc.; a falta de rigor textual; a linguagem atual e predominantemente referencial; o tom comunicativo com possibilidade de diálogo entre cronista e leitor. Portanto, ela pode registrar, reorganizar e redimensionar os fatos, proporcionando novos ângulos de interpretação, mas para conhecê-la de fato, é necessário compreendermos a obra do cronista em maior profundidade buscando a transparência do subjetivo e pessoal.

A crônica de Drummond é vista como multiforme, pois seu autor era atento ao seu tempo e aos seus leitores, escrevendo de modo a meditar e filosofar sempre que oportuno. Ela

também se apresenta como um veículo de divulgação cultural e como palco de experiências políticas e sociais que demonstram a consciência, a responsabilidade social e a busca por soluções para o seu século. Acredita-se assim, que da simples leitura da crônica de Drummond aflore transcendência do acontecimento.

No mesmo sentido, chegamos a um conjunto de princípios que identificamos e selecionamos mediante revisão de literatura sobre a análise documentária. Acreditamos que eles poderão ser adotados no processamento de documentos literários e, em especial, no processamento de crônicas jornalísticas, conforme aplicamos experimentalmente à produção cronista de Drummond publicada no *Jornal do Brasil*.

Quanto ao documento, vimos que é fundamental conhecer sua natureza, de modo a caracterizá-lo para o estabelecimento dos pontos de acesso, de acordo com as suas propriedades e com os propósitos que se tem, e, para tal, devem ser identificados os aspectos físicos e temáticos.

Quanto ao indexador e à análise, vimos que ele deve ter conhecimento detalhado de seu contexto sociocognitivo e participar das principais decisões quanto às políticas, aos procedimentos e às regras, estando assim consciente das condições materiais e da estrutura organizacional dos sistemas de informação.

No que tange especificamente à leitura documentária, no caso de documentos literários, como crônicas, é necessário que o indexador conheça os objetivos e realize uma leitura integral tendo conhecimento da obra do autor como também domínio de conceitos básicos das áreas abrangidas pela coleção. Essa leitura deverá ser interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, a partir também do conhecimento do contexto e da intencionalidade do documento. Se a leitura do texto integral prevê um tempo maior de análise por parte do indexador, é importante também evidenciar esta necessidade para alguns centros de pesquisa especializados, que possuem determinados tipos de usuários, como é o caso da AMLB. Por outro lado, é necessário que este indexador seja também um especialista na área da análise, com conhecimento em organização e busca de informação (o velho documentalista).

Os assuntos do documento devem ser descritos visando configurar um prognóstico de potenciais futuros e transparecendo maturidade de julgamento. Portanto, o indexador deve avaliar os textos com discernimento prevendo questões de pesquisa, de modo a descrever o significativo, o geral, o necessário e o típico. Dessa forma, a análise, interpretação e

representação do conteúdo do documento deve identificar os aspectos particulares e o potencial informativo, tendo em vista a polirrepresentação desse potencial.

Devem ser também considerados os interesses e às necessidades dos usuários potenciais, bem como os objetivos organizacionais. Portanto, a política de indexação deve estar baseada no usuário, no serviço de recuperação da informação e no documento, configurando critérios bem definidos que minimizem a subjetividade do processo de análise.

Assim, concluímos que, caracterizando-se pela subjetividade do narrador; por clareza de linguagem; por simpatia e estilo simples, comunicativo, direto e pessoal; e por liberdade e desembaraço ao descrever os fatos do cotidiano; a análise da crônica jornalística requer conhecimento de sua natureza, identificação de seus aspectos físicos e intelectuais, conhecimento de seu contexto e intencionalidade, e definição de objetivos a serem alcançados em razão das necessidades informacionais de usuários potenciais de um serviço de informação.

Diante dessa constatação e como contribuição deste estudo, podemos afirmar que foi possível reconhecer, na investigação implementada, que o processo de análise da crônica jornalística pode ser estruturado mediante identificação e estabelecimento de categorias de informação referentes aos seus aspectos físicos e intelectuais.

A uniformidade de critérios deve estar garantida, evitando a atuação dos indexadores de forma isolada. Portanto, mesmo a crônica não apresentando uma estrutura textual como se apresentam os artigos científicos, os indexadores não precisarão realizar seu trabalho tão somente baseados em critérios pessoais, muitas vezes apoiados no bom senso, na experiência, na formação pessoal ou hábito. E, para tal, deve ser elaborado metadados que formalize a tipologia de informações estabelecida, de forma a determinar o conteúdo de cada campo de registro de dados, além de nortear a normalização e padronização no banco de crônicas.

Acreditamos também que em centros de pesquisa especializada, a crônica jornalística se inclua no caso das obras literárias que requerem tratamento temático, o que será de grande valia para a pesquisa no âmbito das ciências sociais e literatura.

OBRAS CITADAS

ALBRECHTSEN, Hanne. Subject analysis and indexing: from automated indexing to domain analysis. **The Indexer**, London, v.18, n. 4, p. 219-24, oct. 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**: histórias, diálogos e divagações. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 182 p.

_____. Museu: fantasia? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1973.

_____. Em São Clemente, 134. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 238p.

AZEVEDO, Marco Antônio de. Informação e interpretação: uma leitura teórico-metodológica. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 122-133, jul./dez. 2004.

BEGHTOL, Clare. **The classification of fiction**: the development of a system base on theoretical principles. Metuchen: Scarecrow Press, 1994. x, 366 p.

BORKO, Harold; BERNIER, Charles L. **Indexing concepts and methods**. New York: Academic Press, 1978. 261 p. (Library and Information Science).

BRADFORD, Samuel Clement. **Documentação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292p.

CAMPOS, Maria Luiza de A. Especificidades do ensino de tratamento da informação. In: MACIEL, Alba Costa; LEFEBVRE, Gilda; GOMES, Hagar espanha; et al.. (Org.). **Estudos e Pesquisas**. Niterói: EDUFF, 1998, v. 2, p. 39-62.

_____. Indexação e descrição em arquivos: a questão da representação e recuperação de informações. **Arq. e Adm.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2006. p. 17-31.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CHAUMIER, Jacques. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Rev. Bras. Biblioteconon. e Doc.**, São Paulo, v. 21, n. 1-2, jan./jun. 1988a.

_____. **Travail et méthodes du/de la documentaliste**: séminaire de Jacques Chaumier. 3. ed. Paris: Éditions ESF-Entreprise moderne d'édition: Librairies techniques, 1988b. 49, 105 p.

CONY, Carlos Heitor. Cony: o jeito de contar é que faz o melhor do gênero. **Em prosa**, [s. 1.], [2004?]. Disponível em: < <http://www.uel.br/projeto/trialogos/emprosa/epcr10.htm>>. Acesso em: 30 maio. 2004.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Informação e movimento**: uma ciência da arte filmítica. Rio de Janeiro: Madgráfica Ed., 2000. 144 p. Bibliografia: p. 111-118.

COUTINHO, Afrânio. Teatro, conto, crônica, a nova literatura. In: _____. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul América, 1971. v. 6.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. Contribuição para a formulação de um quadro conceitual em análise documentária. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Coord.). **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações**. São Paulo, FEBAB, 1989. cap. 1 (p.15-30).

DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**, v. 4, n. 12, p. 46-51, 1974.

_____. **Bilac, o jornalista**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial, 2006. v. 1

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos ver **ANDRADE, Carlos Drummond de**

ECO, Umberto. **Conceito de texto**. São Paulo: EDUSP, 1984. 212 p.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 184 p.

FARROW, John F. A cognitive process model of document indexing. **Journal of documentation**, v. 47, n. 2, p. 149-166, 1991.

FERNANDES, Priscila. Entre a história e o jornalismo. **Em prosa**, [s. l.], [2004?]. Disponível em: <http://www.uel.br/projeto/trialogos/emprosa/ep_cr1.htm>. Acesso em: 30 maio. 2004.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. UnB, 1973. 437 p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./ dez. 2003. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000239/02/RDBCI-2004-9.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2005.

_____. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramZero**: revista de ciência da informação, v.5, n.4, ago. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago04/Art_01.htm>. Acesso em: 01 ago. 2005.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**: um sonho drummondiano. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001. 20 p.

GARDIN, Jean Claude et. al. **La logique du plausible**: essays d'epistemologie pratique. Paris: Maison de Science de L'Homme, 1981. 331 p.

_____. **La logique du plausible**: essays d'epistemologie pratique. Paris: Maison de Science de L'Homme, 1987. 299 p.

GOMES, Hagar Espanha (Coord.). **Organize sua biblioteca de literatura**. [s. l.: s. n.], [199-?]. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitl/literatura/index.htm>>. Acesso em: 10 maio 2004.

GOMES, Hagar Espanha; GUSMÃO, Heloisa Rios. **Guia prático para a elaboração de índices**. Niterói: Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação em Ciências Sociais e Humanidades da APB-RJ, 1983. 68 p.

HAYES, Susan M. Use of popular and literary criticism in providing subject Access to imaginative literature. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 32, n. 4, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HJORLAND, Birger. Análise de domínio na ciência da informação: onze abordagens, tanto tradicionais como inovadoras. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002. Título original: Domain analysis in information science: eleven approaches, traditional as well as innovative. Tradução ainda não publicada, de Hagar Espanha Gomes.

_____. The concept of "subject" in Information Science. **Journal of Documentation**, vol. 48, no. 2, side 172-200, 1992.

_____. **Information seeking and subject representation**: an activity-theoretical approach to information science. Westport, Conn.: Greenwood Pr. (New Directions in Information Management, no. 34), 1997. 213 p.

INGWERSEN, Peter. Cognitive perspectives of information retrieval interaction: elements of a cognitive IR theory. *Journal of Documentation*, v. 52, n. 1, p. 3-50, mar. 1996.

JAMBO, Arnaldo. **O outro papel da crônica**. In: VILELA, Teotônio Brandão. Andanças pela crônica. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1963. p. 3-5.

KAIMOTE, A. P. M. C. Fato e ficção em Crônicas de fim do milênio, de Antonio Callado. **ALEA**, v. 6, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2004.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Coord.). **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações**. São Paulo, FEBAB, 1989a. cap. 3 (p.45-57).

_____. Análise documentária e tipologias discursivas. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Coord.). **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações**. São Paulo, FEBAB, 1989b. cap. 2 (p.31-44).

_____. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Crônica**: nos não-limites, o livre percurso. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. 340 p.

LAGO JUNIOR, Sylvio. O ofício do ensaísta. **Logos-Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4-9, [2001?]. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~fcs/publicações/Logos13_online.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2004.

LANCASTER, F. Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 1993. 347 p.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. rev. ampl. e atual. até 2003. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

LANGRIDGE, Derek Wilton. **Subject analysis: principles and procedures**. London; New York: Bowker-Saur, 1989. 146 p.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. Biblioteconomia: produção e administração da interpretação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2005.

MENDES, Maria Tereza Pinto; SIMÕES, Maria da Graça. **Indexação por assuntos: princípios gerais e normas**. 2. ed. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b, 2002. 75 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002. cap. 3, p. 83-107.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 245-258.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

NUNES, Valentina da Silva. **A produção jornalística de Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil, 1969-1984**. 1994. 226 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

PIZAIA, Letícia. Os caminhos de Drummond. **Em prosa**, [s. l.], [2004?]. Disponível em: <http://www.uel.br/projeto/trialogos/emprosa/ep_cr7.htm>. Acesso em: 30 maio. 2004.

SAYÃO, Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. **CI. Inf.**, Brasília, v. 25., n. 3, p. 314-318, set./dez. 1996.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transifirmação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969. 152 p.

TELES, Gilberto Mendonça. Drummond. In: _____. **A retórica do silêncio: teoria e prática do texto literário**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 181-205.

VASCONCELLOS, Eliane; BASTOS, Dilza. Centro de Referência Carlos Drummond de Andrade. **Verbo de Minas: Letras, Juiz de Fora**, v. 4, n. 8, p. 73-84, jul./dez. 2005.

OBRAS CONSULTADAS

AMARO, Regina Keilo O. F. Análise do discurso: textos básicos para a análise documentária. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Coord.). **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações**. São Paulo, FEBAB, 1989. cap. 4 (p. 59-68).

BARBOSA, Rita de Cassia. **O cotidiano e as máscaras**: crônicas – 1930-1934, Carlos Drummond de Andrade. 1984. 219 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

CAMPOS, Astério Tavares. A indexação. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 69-72, jan./jun. 1987.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. 133 p.

_____. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 22-32, jan./abril 2004. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciainformacao/viewarticle.php?id=77&layout=html>>. Acesso em: 08 out. 2004.

_____. **A organização de unidades do conhecimento em hiperdocumentos**: o modelo conceitual como um espaço comunicacional para a realização da autoria. 2001. 186 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001.

CARNEIRO, Marília Vidigal. Diretrizes para uma política de indexação. **Rev. Esc. Bibliotecon.da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 221-241, set. 1985.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. Análise de assunto. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 32-43, jan./jun. 1980.

CHAUMIER, Jacques. **Analisis y lenguajes documentales**: el información documental. Barcelona: Mitre, 1986. 170 p.

CINTRA, Anna Maria Marques. Estudo de caso: leitura de um texto acadêmico por um leitor maduro em língua materna. In: FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. (Org.). **Linguística textual**: texto e leitura. São Paulo: EDUC, 1985. p. 161-169.

CINTRA, Anna Maria Marques. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p.29-37.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante (Coord.). **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v.

CRÔNICA. In: SILVA, António de Moraes. Dicionário da lingua portugueza. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. p. 497.

A CRÔNICA; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. 551 p.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. Análise documentária. In: SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p.39-62.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin; KOBASHI, Nair Yumiko; AMARO, Keiko Obata F. Revisão bibliográfica. . In: SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p.115-135.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**. v.20, n.4, p. 211-222, 1993.

_____. **Teoria da classificação ontem e hoje**. Tradução do inglês por Henry B. Cox. Palestra apresentada à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 12-17 de setembro de 1972. Anais. Brasília, IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p. 352-370. Disponível em:< http://www.conexaorio.com/bití/dahlbergteoria/dahlberg_teoría.htm>. Acesso em: 30 nov. 2004.

DIJK, Teun Adrianus van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992. 207p.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 55 p.

FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. (Org.). **Linguística textual: texto e leitura**. São Paulo: EDUC, Ed. da PUC-SP, 1985. 219 p. (Série Cadernos PUC, 22).

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **Estudos da significação na USP e na UNICAMP: um levantamento bibliográfico.** Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/alunos/publicacoes/textos/e00004.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Petrópolis : Vozes : Lisboa : Centro do Livro Brasileiro 1972. 260p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 1999.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; NARDI, Maria Izabel Aspeti; SANTOS, Silvana. A leitura em análise documentária. **Transinformação**, v.10, n.3, p. 13-31, set./dez. 1998.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. **Inventário do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade.** Rio de Janeiro, 1998. 514 p. (Série AMLB, 6).

GOPINATH, M. A.; DAS, Pradip. Classification and representation of knowledge. **Library Science with a slant to Documentation and Information Studies**, v. 34, n. 2, p. 85-90, 1997.

GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, E. (Org.). **Análise do discurso em ciências sociais.** São Paulo: Global, 1986. 283p.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Bandeira, Murilo e Drummond em periódicos. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004. p. 631-641.

HAGEN, Acácia Maria Maduro. Algumas considerações a partir de padronização da descrição arquivística. Brasília, **Ci. Inf.**, v. 27, n. 3, set. 1998.

HJORLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a New Horizon in Information Science: Domain-Analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

KAULA, Prithvi N. **Repensando os conceitos no estudo da classificação.** Do original em inglês: Rethinking on the concepts in the study of classification, publicado em Herald of Library Science, v. 23, n. 2, jan./apr. 1984, p. 30-44. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/kaula/index.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2005.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969. 64 p.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Leitura e interpretação em biblioteconomia**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. 91 p.

_____. A metalinguagem como lugar da interpretação: terminologia e bases de dados informatizadas. **DELTA**, São Paulo, v.15, n.1, fev. 1999. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional " Métalangage et terminologie", realizado em Grenoble, França, de 14 a 15 maio de 1998. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2005.

_____. Relação do sujeito com a linguagem: a teoria e a prática da indexação. **Transinformação**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 32-44, 1998.

MACHADO, Anna Rachel. **Entrevista com Jean-Paul Bronckart**. *DELTA*. [online]. Dec. 2004, vol.20, no.2 [cited 03 October 2005], p.311-328. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000200006&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.

MERQUIOR, José Guilherme. **As idéias e as formas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 346 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso : homenagem a Denise Maldidier**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994. 277p.

PEJTERSEN, Annelise Mark. The meaning of 'about' in fiction indexing and retrieval. **Aslib Proceedings**, v. 31, n.5, p. 251-257, 1979.

RIEDEL, Dirce Côrtes (Org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. 324 p. (Coleção Tempo e Saber).

ROBREDO, Jaime. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **DataGramZero**: revista de ciência da informação, v.5, n.1, fev. 2004. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/fev04/Art_05.htm>. Acesso em: 12 mar. 2004.

SILVA, Ivete Helou da. **Machado de Assis**: o cronista míope. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2002. 164 p. (Coleção Ensaio, v. 2).

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. Estratégias de leitura de texto em língua materna: uma investigação preliminar. . In: FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. (Org.). **Linguística textual**: texto e leitura. São Paulo: EDUC, 1985. p. 143-153.

UNISIST. Princípios de indexação. 1976. **Rev. Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 83-94, mar. 1981. Título original: Indexing principles.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 3. ed. [Portugal]: Publicações Europa-América, 1976. 382 p.

ANEXO I - Reprodução da capa da obra *De notícias e não notícias faz-se a crônica*.



ANEXO II: VOCABULÁRIO CONTROLADO E ÍNDICE

CASA DE RUI BARBOSA / AMLB

VOCABULÁRIO CONTROLADO

CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NA = nota de aplicação (quando necessária)
 UP = usado para
 USE = use o descritor a seguir
 VT = ver também o descritor a seguir
 (xx.xx.xx) = data da crônica para localização de cada aplicação do termo

- **1877**
(16.8.77)
- **1910**
(24.1.81)
- **1915**
(18.9.71)
- **1941**
(18.8.77 - 20.8.77 - 23.8.77 - 25.8.77 - 27.8.77 - 30.8.77)
- **1945**
(26.2.80 - 11.3.80 - 18.3.80)
- **1949**
(28.5.77)
- **1964**
(10.2.81)

-A-

- **ABAIXO-ASSINADO**
NA Documento coletivo, de caráter público ou restrito, que torna manifesta a opinião de grupo e/ou comunidade, ou representa os interesses dos que o assinam. Ref. Dic.Houaiss
(14.8.79)
- **ABOTOADURA**
(11.11.78)
- **ABREU, CASIMIRO DE, 1839-1860**
(24.2.77 - 12.3.77 - 2.4.77 - 26.9.77)
- **ABREU, MANUEL DE, 1894-1962**
(24.5.77)
- **ABRICÓ**
(24.11.81)
- **ABRIL**
(19.4.75)

- **ACADEMIA** VT ACADEMIA DE LETRAS
(7.5.74 - 7.4.81 - 2.6.81)
- **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**
(28.4.70 – 2.7.70 – 26.1.71 – 6.4.71 – 22.7.71 – 18.4.72 - 4.5.76 – 19.10.76– 10.5.77 - 25.5.78 - 14.12.78 - 3.7.79 - 10.11.81 - 7.7.83 - 14.7.83)
- **ACADEMIA DE LETRAS** VT ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
ACADÊMICO
NA Sociedade ou agremiação , particular ou oficial, com caráter literário. Para designar uma academia de letras específica, use o seu nome corporativo. Ref. Aurélio
(13.1.70 - 2.7.70 - 6.4.71 - 6.5.71 - 32.1.75)
- **ACADÊMICO**
NA Utilize o descritor para designar o membro de uma academia; em particular, da Academia Brasileira de Letras. Ref. Aurélio
(22.7.71 - 18.3.78)
- **ACERVO**
NA Conjunto de bens que integram um patrimônio. Ref. Aurélio
(31.3.70)
- **ACHADO**
NA Use o descritor para designar uma coisa achada. Ref. Aurélio
(8.6.76)
- **AÇÕES [FINANÇAS]** UP Ações da Bolsa
Ref. Enc. Saraiva; BN
(3.6.71 - 16.10.80)
- Ações da Bolsa USE **AÇÕES [FINANÇAS]**
- **ACONTECIMENTO**
NA Fato que causa sensação; caso notável. Ref. Aurélio
(18.10.69 - 4.11.71 - 19.1.74 - 28.12.80)
- **ACORDO**
(28.5.83)
- **ADÁGIO**
NA Sentença moral de origem popular. Ref. Dic.Houaiss
(3.5.79)
- **ADITAMENTO**
NA O que se junta ou adita a alguma coisa para esclarece-la ou completá-la. Ref. Aurélio
(15.3.73)
- **ADJETIVO**
(17.3.79)
- **ADMINISTRAÇÃO**
NA Ação de administrar, de dirigir os negócios públicos ou privados, de gerir bens. Ref. Koo/Hou
(7.8.79)
- **ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**
NA Use o descritor para designar a cadeira universitária de Administração de Empresas. Para designar a ação de administrar ou a gestão de negócios públicos ou particulares, use o descritor ADMINISTRAÇÃO.
(23.7.77)
- **ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**
(20.3.71 – 12.4.73)
- **ADULTÉRIO**
(7.12.76)
- **ADULTO**
(21.11.72)
- **AEROMOÇA**
(13.5.76)
- **AEROPORTO**

(18.10.79)

- **AFOGAMENTO**

NA Sufocação, seguida ou não de morte, em consequência de encharcamento pulmonar com água ou outras substâncias que impossibilitem o intercâmbio gasoso que ocorre na respiração. Ref. Aurélio

(5.10.72)

- **AFORISMO**

NA Sentença, proposição, máxima, apotegma, que em poucas palavras contém uma regra, um princípio de grande alcance, em qualquer ciência. Ref. Aulete

(27.3.75 - 22.12.83 - 24.12.83 - 27.12.83 - 29.12.83 - 31.12.83 - 10.4.84 - 14.4.84 - 17.4.84 - 24.4.84 - 1.5.84 - 22.9.84)

- **AGOSTO**

(29.7.75)

- **AGRADECIMENTO**

NA Use o descritor para designar o ato de agradecer, isto é, as palavras ou fatos com que o agradecimento se manifesta. Ref. Aurélio

(9.12.71 - 7.11.72 - 4.12.73 - 24.8.82 - 26.3.83)

- **ÁGUA**

(13.1.70 - 13.2.73 - 31.7.76)

- **ÁGUAS FORMOSAS[MG]**

(20.1.76)

- **AI-5**

(6.12.77)

- **ÁLCOOL**

(23.10.73 - 12.3.81)

- **ALEGRIA**

(10.4.79)

- **ALEIJADINHO, 1730-1814** UP Lisboa, Antônio Francisco, 1730-1814

(25.11.69 - 15.5.73)

- **ALENCAR, JOSÉ DE, 1829-1877**

(16.5.78 - 28.12.82)

- **ALFABETIZAÇÃO**

NA Use o descritor para designar a ação de alfabetizar, de propagar o ensino da leitura. Ref. Aurélio

(3.9.70)

- **ALFABETO**

(12.2.76 - 18.9.82)

- **ALFAQUEQUE**

NA Emissário que era encarregado de resgatar prisioneiros ou portador de cartas, ordens, notícias. Ref. Dic.Houaiss

(7.6.77 - 9.6.77)

- **ALIANÇA NACIONAL**

(1.4.80)

- **ALIMENTAÇÃO**

(27.8.70 - 27.9.77 - 13.9.79 - 14.2.80 - 9.2.82 - 17.7.82 - 10.2.83)

- **ALIMENTO**

(25.4.81)

- **ALMA**

(21.1.78 - 26.4.79)

- **ALMA PENADA**

(13.3.76)

- **ALMANAQUE**

NA Publicação que além de um calendário completo, contém matéria recreativa, humorística, científica, literária e informativa. Ref. Aurélio

(3.8.71)

- **ALMEIDA, CORREIA DE, PADRE, 1820-1905** (Almeida, José Joaquim Correia de Almeida, Padre, 1820-1905)
(4.2.82)
- **ALMEIDA, FRANCISCO MARTINS DE**
(4.8.83)
- **ALMEIDA, HORÁCIO DE, 1896-**
(28.10.76)
- **ALMOÇO**
(9.12.80 - 22.1.81 - 3.10.81 - 22.1.81 - 3.10.81)
- **ALPHOSUS, JOÃO**
(19.11.77)
- **ALTA COSTURA**
Ref. Thes.des.cul./VIET
(22.5.75)
- **ALUGUEL**
(14.11.78)
- **ALUMBRAMENTO**
NA Use o descritor para designar o estado de quem se deslumbra (maravilhamento). Ref. Dic. Houaiss
(29.6.78)
- **ALUNO**
NA Pessoa que recebe instrução e/ou educação de algum mestre, ou mestres, em estabelecimento de ensino ou particularmente. Use o descritor para designar tanto o gênero masculino quanto o feminino. Ref. Aurélio
(5.3.70 - 9.3.72 - 1.4.76 - 28.4.81)
- **ÁLVARUS**
(14.5.70)
- **ALVES, CASTRO, 1847-1871**
(6.7.71 - 1.7.80)
- **AMADO, GILBERTO**
(28.12.71)
- **AMANCEBAMENTO**
(29.7.76)
- **AMANTE**
(7.12.76)
- **AMAR**
NA Use o termo para designar o verbo amar, conceituado pelo cronista.
(8.6.76)
- **AMARAL, TARSILA DO, 1897-1973**
(20.1.73)
- **AMARELINHA**
(28.9.76)
- **AMAZONA**
NA Guerreira lendária que, na Antigüidade, teriam vivido às margens do mar Negro e que possuiriam grande espírito bélico e viril. Ref. Dic.Houaiss
(17.5.79)
- **AMBULANTE**
(25.4.74)
- **AMENDOEIRA**
(9.7.83)
- **AMENDOEIRA FALA**
NA Nome de obra.
(29.8.70)
- **AMÉRICA LATINA**

- (11.9.82)
- **AMIANTO**
(5.3.74)
- **AMIGO** VT AMIZADE
(3.11.70 - 14.4.70 - 1.7.71 - 30.9.72 - 30.9.76 - 26.2.77 - 12.4.77 - 23.5.81 - 5.4.83)
- **AMIZADE** VT AMIGO
(21.6.75 - 25.6.81)
- **AMIZADE COLORIDA**
(19.5.81)
- **AMOR**
(3.10.70 - 10.4.71 - 13.4.71 - 15.4.71 - 17.4.71 - 20.4.71 - 30.12.71 - 21.7.73 - 4.12.73 - 17.12.74 - 24.12.74 - 31.12.74 - 4.2.75 - 3.6.75 - 5.6.75 - 7.6.75 - 10.6.75 - 12.6.75 - 14.6.75 - 17.6.75 - 19.6.75 - 21.6.75 - 24.6.75 - 26.6.75 - 1.7.75 - 7.8.75 - 13.12.75 - 27.3.76 - 5.6.76 - 3.8.76 - 7.12.76 - 14.5.77 - 3.1.78 - 28.1.78 - 30.5.78 - 11.11.78 - 24.4.79 - 31.7.79 - 18.12.79 - 9.5.81 - 13.10.81 - 29.12.81 - 13.3.82 - 30.3.82 - 10.4.82 - 14.8.82 - 25.1.83 - 5.4.83 - 7.6.83 - 11.6.83 - 26.11.83 - 12.6.84)
- **AMOR-PERFEITO**
(25.3.75 - 17.3.77 - 17.4.82)
- **ANALFABETO**
(4.9.80)
- **ANARQUISMO**
(15.7.72)
- **ANATOMIA**
(23.2.78)
- **ANDORINHA**
(31.10.78 - 12.3.81)
- **ANDRADE, ARI DE, 1913-** (Andrade, Ari Pereira de, 1913-)
(14.4.81)
- **ANDRADE, CARLOS DRUMMOND DE, 1902-1987**
(14.5.70 - 3.10.70 - 7.11.72)
- **ANDRADE, MÁRIO DE, 1893-1945**
(4.6.70 - 4.10.75 - 12.7.77 - 4.3.80 - 25.2.82 - 1.4.82 - 22.5.82 - 20.7.82 - 16.12.82 - 31.5.83 - 18.10.83 - 22.11.83 - 24.11.83)
- **ANDRADE, OSVALD DE, 1890-1954** (Andrade, Oswald de Souza, 1890-1954)
(22.11.77 - 4.8.83)
- **ANDRADE, RODRIGO M. F. DE, 1893-1969**
(9.5.70 - 10.5.73 - 16.5.78)
- **ANDRÓGINO**
NA De aparência ou modos indefinidos, entre masculino e feminino, ou que tem traços marcantes do sexo oposto ao seu. Ref. Aurélio
(16.2.74)
- **ANEDOTA**
NE Narrativa breve, geralmente biográfica, de incidente verdadeiro, curioso e muitas vezes humorístico, ocorrido com personalidade conhecida em situações especiais.
(24.4.82)
- **ANIMAL** VT ANIMAL SILVESTRE
PACARANA
(7.10.71 - 4.3.72 - 9.9.72 - 13.2.73 - 5.5.73 - 24.12.74 - 9.10.75 - 2.10.76 - 8.1.77 - 12.5.77 - 6.2.79 - 31.1.80 - 17.4.80 - 21.8.80 - 24.3.81 - 14.5.81 - 17.6.82 - 28.10.82)
- **ANIMAL SILVESTRE**
(19.6.76)
- **ANIQUILAMENTO FÍSICO**
(6.6.74)

- **ANIQUILAMENTO MENTAL**

(6.6.74)

- **ANISTIA**

NA Ato do poder público que declara impuníveis delitos praticados até determinada data por motivos políticos ou penais, ao mesmo tempo que anula condenações e suspende diligências persecutórias. Ref. Dic.Houaiss

(8.4.78 - 28.6.79 - 25.8.79 - 25.3.80)

- **ANISTIA FISCAL**

NA Concessão dada aos contribuintes em atraso com os impostos, ou sujeitos a multas por infrações fiscais, a fim de que paguem os mesmos impostos livres de majoração, em novos prazos, que lhes são marcados, e se isentem de outras sanções a que estavam sujeitos. Ref. Thes.des.cul./VIET

(7.11.74)

- **ANIVERSÁRIO**

(18.4.70 - 18.5.71 - 27.5.71 - 28.8.71 - 2.9.71 - 6.11.71 - 9.11.71 - 3.6.72 - 8.7.72 - 27.7.72 - 7.11.72 - 2.12.72 - 5.12.72 - 5.6.73 - 11.12.73 - 23.5.74 - 1.5.75 - 27.12.75 - 6.7.76 - 15.7.76 - 24.7.76 - 18.3.78 - 24.8.78 - 9.9.78 - 12.10.78 - 23.1.79 - 7.7.79 - 26.4.80 - 30.8.80 - 21.10.80 - 19.3.81 - 30.1.82 - 1.4.82 - 3.4.82 - 23.10.82 - 30.10.82 - 9.12.82 - 11.1.83 - 18.1.83 - 16.7.83 - 13.8.83 - 3.11.83)

- **ANJO**

(17.10.70)

- **ANJO DA GUARDA**

(18.9.79)

- **ANJOS, AUGUSTO DOS, 1884-1914**

(5.1.80 - 15.8.80)

- **ANJOS, CIRO DOS**

(5.10.76)

- **ANO**

(21.12.82)

- **ANO 2000**

(5.7.73)

- **ANO BISSEXTO**

NA Designa o ano que tem 366 dias, sendo que a introdução de um dia extra no mês de fevereiro compensa a incomensurabilidade entre os períodos de translação e rotação da Terra. Ref. Aurélio

(29.2.72 - 3.1.76)

- **ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA**

(4.8.81)

- **ANO LETIVO**

(5.3.70)

- **ANO-NOVO**

NA Designa o ano entrante, a meia-noite do dia 31 de dezembro. Ref. Aurélio

(1.1.70 - 4.12.71 - 5.12.72 - 4.12.73 - 31.12.74 - 3.1.76 - 26.12.78 - 2.1.79 - 22.12.79 - 3.1.80 - 8.1.81 - 5.1.84)

- **ANO-VELHO**

NA Use o descritor para designar o ano que se finda.

(28.12.76)

- **ANOS 50**

(27.7.71)

- **ANTA**

(13.2.71)

- **ANTARES**

(10.1.78)

- **ANTIGO TESTAMENTO**

(5.9.81)

- **ANTIGÜIDADES**

NA Objetos antigos, raros ou de especial valor material, artístico, etc. Use o termo no plural. Ref. Aurélio

(26.4.77)

- **ANTIGÜIDADES EGÍPCIAS**
(9.4.83)
- **ANTIPOFF, HELENA, 1892-1974**
(7.8.79)
- **ANTITERRORISMO**
(4.9.80)
- **ANTÔNIO, CELSO**
(2.3.74 – 12.8.76)
- **ANTONIO, SANTO**
(13.6.72)
- **ANTROPOFAGIA**
(24.11.77)
- **ANTROPÓFAGO**
(29.8.81)
- **ANUÁRIO**
NA Publicação anual em que cada volume apresenta em resumo as realizações ou os acontecimentos do ano naquela área de conhecimento, ou em determinado lugar . Usar sob coordenação de um assunto, bem como sob nomes de lugar.
(28.12.71)
- **ANÚNCIO VT ANÚNCIO CLASSIFICADO**
(18.8.70 - 13.11.75 - 20.12.77 - 27.5.78)
- **ANÚNCIO CLASSIFICADO UP Classificado**
NA Anúncio de pequeno formato, geralmente sem ilustração , divulgado em seções especializadas de jornais e revistas. Chamado também, no Brasil, de "classificado". Ref. Aurélio
(28.3.72 - 20.7.72 - 7.1.75)
- **APARÍCIO**
(4.7.74)
- **APELIDO**
(5.12.70 - 24.12.70 - 5.1.71 - 9.9.75 - 16.9.75 - 23.9.75 - 30.9.75 - 7.10.75 - 14.10.75 - 21.10.75 - 28.10.75 - 4.11.75 - 11.11.75 - 18.11.75 - 2.12.75 - 9.12.75 - 23.12.75 - 30.12.75 - 6.1.76)
- **APOCALIPSE**
(29.5.79)
- **APOLLINAIRE, GUILLAUME**
(2.11.72)
- **APOLO 13**
(18.4.70)
- **APOSENTADO VT APOSENTADORIA**
(29.5.76 - 13.7.82)
- **APOSENTADORIA VT APOSENTADO**
NA Estado do empregado ou funcionário (civil ou militar) que, tendo atingido certa idade, certo tempo de serviço ou por motivo de saúde, é posto em inatividade e passa a receber uma pensão. Ref. Dic.dir./CRE; Koo/Hou
(31.12.70 - 15.7.71 - 4.1.75 - 16.1.75 - 10.4.75 - 7.2.80 - 1.5.80 - 15.11.80 - 23.12.80 - 17.9.81 - 30.3.82)
- **APRENDIZADO**
NA Ato ou efeito de aprender, especialmente profissão manual ou técnica. Ref. Aurélio
(27.12.69)
- **APRESENTAÇÃO**
NA Ato pelo qual alguém, seja por meio de escrita (em prefácio, folheto de propaganda, etc.), seja pela fala (discurso, programa de rádio ou televisão, etc.), apresenta alguém ou alguma coisa ao público, ou a si próprio. Ref. Aurélio
(1.10.69 - 11.5.76)
- **AQUI RIO**
(15.5.73)
- **AQUISIÇÃO DE LIVROS**
(18.1.72 - 30.5.74)

- **AR**
(13.2.73)
- **ARACATI**
(15.9.81)
- **ARANHA, OSWALDO, 1894-1960** (Aranha, Oswaldo Euclides de Souza, 1894-1960)
(8.12.83)
- **ARAÚJO, MURILO, 1894-1980**
(7.8.80)
- **ARCEBISPO**
(24.9.77)
- **ARCO-ÍRIS**
(10.12.81 - 14.6.84)
- **AREIA**
(13.11.71)
- **ARENA[PARTIDO]**
(14.10.71 - 15.5.75 - 24.6.78)
- **ARMOND, HONÓRIO**
(17.11.77)
- **ARQUITETURA**
(9.3.82)
- **ARQUIVO**
(19.8.72 - 19.11.81)
- **ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA**
(4.1.73 - 23.10.75)
- **ARQUIVO NACIONAL**
(27.5.72)
- **ARRAIAL**
NA Lugar onde se juntam romeiros, onde há tendas provisórias, barracas de comestíveis, de jogos e diversões, e ornamentado com música. Use, para designar um arraial específico de um lugar, o descritor associado ao nome geográfico em pauta. Ex: ARRAIAL e MINAS GERAIS
(14.1.71)
- **ARREPENDIMENTO**
(2.3.72)
- **ARTE** VT ARTE MODERNA
ARTISTA
(18.7.72 - 10.5.73 - 21.6.73 - 18.12.73 - 9.3.76 - 15.4.76 - 12.8.76 - 24.9.76 - 12.10.76 - 9.12.76 - 15.1.77 - 18.3.78 - 29.1.80 - 29.5.80 - 3.7.80 - 28.4.81 - 2.7.81 - 26.11.81 - 1.12.81 - 3.4.82 - 19.5.83)
- **ARTE MAIOR DO POETA, A**
NA Título de obra.
(6.1.77)
- **ARTE MODERNA** VT MODERNISMO
(27.4.72 - 23.9.72)
- **ARTESANATO**
(19.11.74 - 21.1.75 - 8.12.81)
- **ARTÍFICE**
(13.4.76)
- **ARTISTA** VT ARTE
ARTISTA BAIANO
NA Use o descritor para designar a pessoa que se dedica às belas-artes, que delas faz profissão. Ref. Aurélio
(23.12.71 - 13.4.76 - 20.9.77 - 2.12.80 - 6.8.81 - 28.5.83)
- **ARTISTA BAIANO**
(6.12.69)

- **ÁRVORE VT ÁRVORE DE PLÁSTICO**
(21.11.78 - 24.3.79 - 27.2.82 - 27.3.82)
- **ÁRVORE DE PLÁSTICO**
(2.3.72)
- **ASPECTOS HISTÓRICOS**
(17.4.75 - 9.3.76 - 15.4.76 - 4.10.77)
- **ASPIRAÇÃO**
(2.3.72)
- **ASSALTANTE**
(13.11.79)
- **ASSALTO**
NA Use o descritor para designar o ataque inesperado e com emprego de força, com o fito de roubar, seqüestrar, etc. Ref. Aurélio
(14.8.71 - 25.9.71 - 13.7.72 - 26.9.72 - 15.3.73 - 24.5.73 - 25.7.74 - 29.1.76 - 9.4.77 - 15.6.78 - 15.8.78 - 27.3.79 - 4.12.79 - 1.3.80 - 8.3.80 - 18.10.80 - 15.1.81 - 28.4.81 - 13.3.82 - 17.4.82 - 15.5.82 - 5.6.84)
- **ASSASSINATO**
(16.5.70 - 26.12.74 - 12.8.80 - 21.10.80)
- **ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE**
(26.4.84)
- **ASSEPSIA**
(2.3.72)
- **ASSINANTE**
(23.1.71)
- **ASSIS, MACHADO DE, 1839-1908** UP Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908
(11.12.69 - 5.12.81)
- **ASSISTÊNCIA SOCIAL**
(30.4.70)
- **ASSOALHO**
(13.11.71)
- **ASSOCIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTES DO BRASIL**
(22.3.73)
- **ASSOCIAÇÃO GERIÁTRICA**
(6.3.76)
- **ASSUNTO**
(20.4.82 - 15.6.82)
- **ASTROLOGIA**
(6.6.72)
- **ASTROLOMIA**
(26.5.70)
- **ATAÍDE, MANUEL DA COSTA**
(26.2.76)
- **ATANÁSIO**
(3.10.70)
- **ATENTADO**
(25.5.72 - 18.9.80)
- **ATOR**
(8.4.78)
- **ATRAÇÃO**
NA Conjunto de características e qualidades que despertam em outrem simpatia, desejo, amor etc. Ref. Dic.Houaiss
(15.3.73)
- **ATUALIDADE**

- (26.5.77)
- **AULA**
(26.6.76 - 17.11.81)
- **AUMENTO DE PREÇOS** VT INFLAÇÃO
(9.3.71 - 9.1.73 - 2.8.75 - 13.7.76 - 15.9.77)
- **AURA**
(29.6.74)
- **AUSÊNCIA**
(5.1.82)
- **AUTO**
(24.12.70)
- **AUTOBIOGRAFIA**
(10.1.70 - 11.4.70 - 4.7.70 - 18.7.70 - 1.8.70 - 14.11.70 - 12.6.71 - 26.6.71 - 10.7.71 - 21.8.71 - 4.9.71 - 22.1.72 - 19.2.72 - 6.5.72 - 10.6.72 - 8.7.72 - 15.7.72 - 29.7.72 - 5.9.72 - 27.7.74 - 5.2.77 - 19.2.77 - 20.9.80)
- **AUTOCENSURA**
NA Use o descritor para designar a repressão censória do próprio comportamento, palavras, ações, escritos etc. Ref. Dic.Houaiss
(22.7.75)
- **AUTÓGRAFO**
(5.2.70 - 27.8.81)
- **AUTOMOBILISMO** VT AUTOMÓVEL
(9.11.76)
- **AUTOMÓVEL** VT AUTOMOBILISMO
(28.4.70 - 7.8.71 - 25.4.72 - 22.8.72 - 15.11.73)
- **AUTOR** VT AUTOR BAIANO
NA Use o descritor para designar o escritor de obra artística, literária ou científica, tanto do gênero masculino quanto do feminino. Ref. Aurélio
(20.4.71 - 9.5.74 - 19.10.74 - 2.10.75 - 20.5.78 - 12.7.79 - 24.7.80 - 18.9.80 - 24.11.81 - 2.11.82 - 31.5.84)
- **AUTOR BAIANO**
(6.12.69)
- **AUTORIDADE PATERNA** VT PAI
(29.5.71)
- **AVALIAÇÃO PESSOAL**
(7.7.70)
- **AVE**
(11.11.78 - 25.8.81)
- **AVENIDA AFONSO PENA**
(2.12.78)
- **AVENIDA ATLÂNTICA[RIO DE JANEIRO, RJ]**
(20.6.74)
- **AVENIDA RIO BRANCO[RIO DE JANEIRO, RJ]**
(26.8.72)
- **AVENIDA VIEIRA SOUTO[RIO DE JANEIRO, RJ]**
(26.8.72)
- **AVENTURA**
(4.7.72)
- **AVENTURA DO MENINO CHICO ASSIS**
NA Título de obra.
(13.7.71)
- **AVIÃO**
(9.10.71 - 27.6.74 - 13.5.76 - 28.2.78)
- **AVISO**

(27.5.75)

- **AVIFAUNA**

NA *Conjunto das aves de uma região ou ambiente. Ref. Dic.Houaiss*

(25.1.83)

- **AVÓS** VT NETO

(26.11.70 - 6.4.71 - 1.5.76)

- **AZEVEDO, ÁLVARES DE**

(3.7.76)

- **AZEVEDO, VICENTE DE PAULO VICENTE DE, 1895-1979** UP VICENTE, GIL

(8.6.74)

- **AZULAY JERUSALÉM**

NA *Título de obra.*

(19.3.74)

- **AZULAY, DANIEL**

(19.3.74)

-B-

- **BAFÔMETRO**

(23.10.73)

- **BAHAMAS**

(10.6.76)

- **BAHIA**

(15.1.70 - 15.1.70 - 11.5.72 - 28.9.72 - 28.10.72 - 5.4.73 - 7.10.80)

- **BAÍA DE GUANABARA[RJ]**

(19.2.70 - 5.2.83)

- **BAILE** VT BAILE DO MUNICIPAL

(3.7.76 - 11.3.78 - 2.2.84)

- **BAILE DA ILHA FISCAL**

(9.2.82)

- **BAILE DO MUNICIPAL**

(8.3.73)

- **BAIXADA FLUMINENSE[RJ]**

(11.8.77 - 18.9.80)

- **BALANÇA**

(19.3.77)

- **BALANÇA DE PAGAMENTOS**

NA *Use o descritor para designar o confronto da totalidade de créditos e débitos da economia de um país em relação aos países estrangeiros, isto é, a soma de pagamentos efetuados no estrangeiro em comparação com a soma de recebimentos provenientes do estrangeiro, considerados pagamentos e recebimentos sob todos e os mais variados aspectos, neles se incluindo as compras e vendas de mercadorias, remessas feitas ou vindas do estrangeiro, inversão de capitais locais no estrangeiro e inversão de capitais estrangeiros no país. Ref. Vocab.jur./SIL*

(26.8.75)

- **BALANÇO**

(1.5.76)

- **BALÃO**

NA *Use o descritor para designar o artefato de papel fino, colado de maneira que imite formas variadas, em geral de fabricação caseira, o qual se lança ao ar durante as festas juninas, e que sobe por força do ar quente produzido em seu interior por buchas amarradas a uma ou mais bocas de arame. Ref. Aurélio*

(5.6.71 - 3.6.78)

- **BALEIA**

(2.11.76 - 4.11.76 - 19.8.78 - 17.7.79 - 28.7.79)

ANEXO III: SELEÇÃO DAS CRÔNICAS PUBLICADAS NA OBRA “DE NOTÍCIAS E NÃO NOTÍCIAS FAZ-SE A CRÔNICA”.

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
NACIONAL (2)						
1	Brasileiro cem-milhões.	O Brasileiro cem-milhões.	Título: O brasileiro cem-milhões Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.8.72 Assunto: Brasileiro; Natalidade. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Brasileiro cem-milhões”.	11	2	24.8.72
2	Compre livro no táxi.	Compre um livro no táxi.	Título: Compre um livro no táxi Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 13.4.72 Assunto: Venda; Livro; Táxi. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	13	3	13.4.72
INTERNACIONAL (1)						
3	Comprometido em Watergate.	Mais um envolvido em Watergate.	Título: Mais um envolvido em Watergate Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.5.73 Assunto: Política; Watergate. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Comprometido em Watergate".	17	2	17.5.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
POLÍTICA (1)						
4	Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.	Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.	Título: Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 23.8.73 Assunto: Jardim Botânico (Rio de Janeiro, RJ); Visita. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	21	2	23.8.73
EDITORIAL (1)						
5	O pai, hoje e amanhã.	O pai, hoje e amanhã.	Título: O pai, hoje e amanhã Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.8.72 Assunto: Pai; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	27	2	10.8.72
CIDADE (6)						
6	Viadutos.	Viadutos.	Título: Viadutos Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.7.71 Assunto: Viaduto; Moradia; Conversa. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a	31	3	1.7.71

			crônica.			
--	--	--	----------	--	--	--

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
7	Vosso prospecto.	Entrega rápida.	Título: Entrega rápida Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.2.73 Assunto: Cobertura; Propaganda. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícia faz-se a crônica, com o título " Vosso prospecto ".	33	2	17.2.73
8	O busto proibido.	O busto proibido.	Título: O busto proibido Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 5.10.72 Assunto: Moda; Vocabulário; Afogamento; Moça. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	35	4	5.10.72
9	O delicado.	O delicado.	Título: O delicado Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 22.2.74 Assunto: Emprego; Cobrador de pedágio; Concurso. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	37	3	22.2.74

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
10	Aconteceu alguma coisa.	Aconteceu alguma coisa.	Título: Aconteceu alguma coisa Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 26.9.72 Assunto: Liquidação; Eletrodoméstico. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.	39	2	26.9.72
11	Solilóquio.	Imagens: solilóquio do Cidadão.	Título: Imagens Outros títulos: "Solilóquio do cidadão"; "Tapumes alegres"; "Leila partindo". Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 20.6.72 Assunto: Ônibus; Tapume. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica., com o título "Solilóquio".	41	2	20.6.72
COMPORTAMENTO (12)						
12	Recalcitrante.	O recalcitrante.	Título: O recalcitrante Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.1.74 Assunto: Trocador; Ônibus; Passageiro; Portaria; Recalcitrante. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Recalcitrante".	43	5	17.1.74

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
13	Dia de mentiroso.	Mentir.	Título: Mentir Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.11.72 Assunto: Mentira. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título " Dia de mentiroso ".	45	1	30.11.72
14	Continuando a mentir.	Mentiras.	Título: Mentiras Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 16.8.73 Assunto: Mentira. Ref. nominais: Obs.: Publicada em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Continuando a mentir."	47	1	16.8.73
15	Horóscopo.	Problemas de Horóscopo.	Título: Problemas de horóscopo Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 23.5.72 Assunto: Horóscopo; Trabalho. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Horóscopo".	49	2	23.5.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
16	Quadro na parede.	O quadro na parede.	Título: O quadro na parede Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 6.12.73 Assunto: Quadro; Parede. Ref. nominais: Obs.: Publicada em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Quadro na parede".	51	2	6.12.73
17	Moça na chuva.	Moça na chuva.	Título: Moça na chuva Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 14.11.72 Assunto: Mulher; Chuva; Rio de Janeiro (RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	53	3	14.11.72
18	Entre palavras.	Entre palavras.	Título: Entre palavras Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 29.8.72 Assunto: Vocabulário. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	55	1	29.8.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
19	Excelências.	As excelências.	Título: As excelências Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 7.10.72 Assunto: Conversa; Gíria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Excelências".	57	2	7.10.72
20	Modos de xingar.	Modos de xingar.	Título: Modos de xingar Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.8.73 Assunto: Xingamento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	59	1	9.8.73
21	Receita.	A receita.	Título: A receita Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.4.73 Assunto: Cachaça; Receita. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Receita".	61	2	17.4.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
22	O outro.	O outro.	Título: O outro Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.12.72 Assunto: Outro; Opinião alheia. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	63	2	9.12.72
23	O verbo matar.	O verbo matar.	Título: O verbo matar Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 25.5.74 Assunto: Vocabulário; Matar; Conotação. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	65	3	25.5.74
GENTE (4)						
24	Serás ministro.	Ministro.	Título: Ministro Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 31.1.74 Assunto: Registro de nascimento; Nome próprio. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Serás ministro".	69	2	31.1.74

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
25	Conversa de morango.	Conversa de morango.	Título: Conversa de morango Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.6.71 Assunto: Junho; Morango. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.	71	2	10.6.71
26	Margarida.	Margarida.	Título: Margarida Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.5.72 Assunto: Garota; Namorado Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	73	2	30.5.72
27	Diálogo imaginário.	Diálogo imaginário.	Título: Diálogo imaginário Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 7.12.71 Assunto: Idoso; Entrevista. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	75	2	7.12.71

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
SOCIEDADE (1)						
28	O convidado agradece.	O convidado agradece.	Título: O convidado agradece Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.12.71 Assunto: Jantar; Convidado; Agradecimento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	79	2	9.12.71
MODA (3)						
29	A moda é muda.	A moda é muda.	Título: A moda é muda Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 29.9.73 Assunto: Moda masculina. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	83	1	29.9.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
30	Umbigo.	Umbigo 72.	Título: Umbigo. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.12.72 Assunto: Umbigo; Moda. Ref. nominais: Obs.: Insere trecho de poema de Vinícius de Moraes. Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica., com o título "Umbigo".	85	2	30.12.72
31	Nome de boutique.	Nome de boutique.	Título: Nome de "boutique" Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 16.11.72 Assunto: Boutique; Nome. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	87	2	16.11.72
ARTES & LETRAS (8)						
32	Peça nova.	Atenção: Peça nova.	Título: Atenção: peça nova Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 18.10.73 Assunto: Literatura; Som; Peça teatral; Censura. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Peça nova".	91	4	18.10.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
33	Questão de idade.	Questão de idade.	Título: Questão de idade Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 7.7.73 Assunto: Filme; Idoso. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	93	2	7.7.73
34	Viagem a Paris.	Viagem a Paris.	Título: Viagem a Paris Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.2.73 Assunto: Viagem; Paris. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	95	2	10.2.73
35	Banco barroco.	O banco barroco.	Título: O banco barroco Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 6.11.73 Assunto: Banco de madeira; Compra e venda. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Banco barroco", e em 70 historinhas.	98	2	6.11.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
36	Boneca triste.	Boneca triste.	Título: Boneca triste Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.9.71 Assunto: Homem; Boneca. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.	100	2	30.9.71
37	Calça literária.	Calça literária.	Título: Calça literária Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 27.4.71 Assunto: Roupas estampadas; Escrita; Poema. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.	103	3	27.4.71
38	Supersede.	A supersede.	Título: A supersede Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 18.4.72 Assunto: Academia Brasileira de Letras. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Supersede".	104	1	18.4.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
39	Conversa muito louca.	Conversa muito louca.	Título: Conversa muito louca Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 16.4.74 Assunto: Título. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	107	1	16.4.74
CULTURA & ENSINO (4)						
40	Amor entre livros	Amor entre livros.	Título: Amor entre livros Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.7.73 Assunto: Leitura. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	109	1	17.7.73
41	Gravação	No Gravador.	Título: No gravador Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 2.5.72 Assunto: Entrevista; Estudante. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Gravação".	111	2	2.5.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
42	Da utilidade dos animais	Da utilidade dos animais.	Título: Da utilidade dos animais Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 18.3.71 Assunto: Defesa dos animais. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	113	1	18.3.71
43	Enciclopédia carioca : I / Verbetes da bota; II / Verbetes do guarda-chuva; III / Verbetes do telefone.	A bota verbete (De uma enciclopédia em preparo).	Título: A bota verbete (De uma enciclopédia em preparo) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.7.71 Assunto: Bota; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título de "Enciclopédia/ I - Verbetes da bota".	116	4	3.7.71
		Verbetes do guarda-chuva (Para uma enciclopédia da vida cotidiana).	Título: Verbetes do guarda-chuva (Para uma enciclopédia da vida cotidiana) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.6.71 Assunto: Guarda-chuva; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Enciclopédia carioca/ II - Verbetes do guarda-chuva".	117		24.6.71

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
		Verbetes do telefone (De uma enciclopédia carioca).	Título: Verbete do telefone (De uma enciclopédia carioca) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.7.71 Assunto: Telefone; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Enciclopédia carioca III/ Verbete do telefone".	119		17.7.71
SAÚDE (2)						
44	Coração segundo.	Coração segundo.	Título: Coração segundo Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 26.10.71 Assunto: Coração; Sofrimento; Sentimento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.	123	3	26.10.71
45	Oito em um.	Oito em um.	Título: Oito em um. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.4.72 Assunto: Psicanálise. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	125	1	1.4.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
ECOLOGIA (5)						
46	Civilização.	Civilização.	<p>Título: Civilização. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 5.5.73 Assunto: Animal; Floresta; Amazônia Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica</p>	129	3	5.5.73
47	Peixe-boi.	Fala o peixe-boi.	<p>Título: Fala o peixe-boi Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 4.8.73 Assunto: Feira da Providência; Peixe-boi; Entrevista. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Peixe-boi".</p>	131	3	4.8.73
48	Barata.	A Imagem das coisas.	<p>Título: A imagem das coisas Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 18.12.73 Assunto: Barata; Arte. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não-notícias faz-se a crônica, com o título "Barata".</p>	133	2	18.12.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
49	Outra barata.	Uma barata.	Título: Uma barata Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 16.3.71 Assunto: Barata. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Outra barata".	135	1	16.3.71
50	Poluição geral.	Poluição geral.	Título: Poluição geral Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 20.11.71 Assunto: Poluição; Banho; Cinema; Livraria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não-notícias faz-se a crônica.	137	4	20.11.71
MONTANHISMO (1)						
51	Duas mulheres : I / ao Bico do Papagaio; II / pé na estrada; III / helicóptero.	Mulheres Montanhistas Pé na estrada Helicóptero	Título: Mulheres montanhistas Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 29.6.72 Assunto: Mulher; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ); Bico de Papagaio (Rio de Janeiro, RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ I - Ao bico do papagaio".	141	6	29.6.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
			<p>Título: Pé na estrada Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.7.72 Assunto: Mulher; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ); Bico de Papagaio (Rio de Janeiro, RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ II - Pé na estrada".</p>	143		1.7.72
			<p>Título: Helicóptero Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 4.7.72 Assunto: Mulher; Aventura; Helicóptero; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ III - Helicóptero".</p>	145		4.7.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
CONSUMO (6)						
52	Elefantex S. A.	Elefantex S. A. (Relatório da Diretoria).	Título: Elefantex S A (Relatório da diretoria) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.5.73 Assunto: Fábrica; Prestação de contas; Consumo. Ref. nominais: Obs.: Em forma de carta circular. Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Elefantex S. A."	147	3	3.5.73
53	Fama	A Glória.	Título: A Glória Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.4.74 Assunto: Bebê; Diálogo. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Fama".	149	2	30.4.74
54	Coisas de graça	As coisas de graça.	Título: As coisas de graça Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 5.2.72 Assunto: Casa de café. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Coisas de graça".	151	2	5.2.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
55	A de sempre	A de sempre.	Título: A de sempre Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.11.71 Assunto: Cerveja. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	153	1	30.11.71
56	Glória	Glória.	Título: Glória Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 23.12.71 Assunto: Mãe; Artista; Talento artístico; Filho; Cotidiano. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.	155	5	23.12.71
57	Pesquisa	Pesquisa.	Título: Pesquisa Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.8.71 Assunto: Pesquisa sócio-cultural. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	157	1	10.8.71

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
POLÍCIA (3)						
58	Esparadrapo	Episódio Urbano.	Título: Episódio urbano Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 14.8.71 Assunto: Restaurante; Assalto. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Esparadrapo".	159	2	14.8.71
59	Ladrões no terraço	Ladrões no terraço.	Título: Ladrões no terraço Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.11.71 Assunto: Aniversário; Segurança; Casal; Cinema; Terraço; Batida policial; Moleque. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.	161	7	9.11.71
60	Comprar revista	Dos cuidados necessários para comprar uma revista.	Título: Dos cuidados necessários para comprar uma revista Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.4.73 Assunto: Revista. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Comprar revista".	163	1	24.4.73

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
ECONOMIA & MERCADO (2)						
61	Conversa alheia.	Conversa dos outros.	Título: Conversa dos outros Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.4.71 Assunto: Comentário; Economia. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Conversa alheia".	167	2	1.4.71
62	Mulher na Bolsa.	Mulher na Bolsa.	Título: Mulher na bolsa Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.6.71 Assunto: Bolsa de valores; Ações (Finanças); Mulher; Elegante senhora. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.	169	4	3.6.71
CADERNO INFANTIL (1)						
63	Vamos brincar.	Vamos brincar.	Título: Vamos brincar Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 21.11.72 Assunto: Jogo; Adulto; Brinquedo. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	171	3	21.11.72

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
CLASSIFICADOS (3)						
64	Cartas de estimação : I / 50 anos depois; II / Hipóteses; III / Revelação; IV / E agora?; V / (In) conclusão	Cartas de estimação.	Título: Cartas de estimação Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.4.71 Assunto: Carta; Anúncio classificado. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica com o título "Cartas de estimação : I / 50 anos depois".	175	3	10.4.71
		Cartas de estimação II - Hipóteses	Título: Cartas de estimação II - Hipóteses Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 13.4.71 Assunto: Carta. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Cartas de estimação : II / Hipóteses".	177		13.4.71
		Cartas de estimação III - Revelação	Título: Cartas de estimação III - Revelação Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 15.4.71 Assunto: Carta. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Cartas de estimação : III / Revelação".	178		15.4.71

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
		Cartas de estimação IV - E agora?	Título: Cartas de estimação IV - E agora? Outros títulos: "Telefonema 1"; "Telefonema 2". Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.4.71 Assunto: Carta. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "IV / E agora?".	180		17.4.71
		Cartas de estimação V - (IN) Conclusão	Título: Cartas de estimação V - (IN) Conclusão Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 20.4.71 Assunto: Carta; Aatoria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica, com o título "V / (In) conclusão".	182		20.4.71
65	Colecionadora.	Colecionadora.	Título: A colecionadora Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 28.3.74 Assunto: Guarda-chuva. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	184	1	28.3.74

Nº CRÔ.	TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)	PÁG. LIVRO	Nº DESC	DATA JB
66	Viúva loura.	Viúva loura (Classificado do JB, 24-3-72).	Título: Viúva loura (Classificado do JB 24-3-72) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 28.3.72 Assunto: Viúva; Anúncio classificado. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.	186	2	28.3.72
FESTAS (2)						
67	Reforma de persianas.	Lição de Ano Novo.	Título: Lição de Ano Novo Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 31.12.70 Assunto: Aposentadoria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em O poder ultrajovem. Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Reforma de persianas".	191	1	31.12.70
68	Auto brasileiro de Natal.	Auto brasileiro de Natal.	Título: Auto brasileiro de Natal Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.12.70 Assunto: Auto; Natal. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não-notícias faz-se a crônica. Interposição de cantos, inclusive o do sabiá.	194	2	24.12.70

ANEXO IV: ESTUDO DA AMOSTRA REFERENTE AOS RESULTADOS DA ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

PRIMEIRO GRUPO: categorias com 1 ou 2 crônicas

1. Nacional:

O Brasileiro cem-milhões.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
24.8.72	O Brasileiro cem milhões		Cotidiano	BRASILEIRO NATALIDADE	Nasce o brasileiro de nº 100000000		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
O Brasileiro cem-milhões.	O Brasileiro cem-milhões.	Título: O brasileiro cem-milhões Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.8.72 Assunto: Brasileiro; Natalidade. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Brasileiro cem-milhões".

Compre livro no táxi.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
13.4.72	Compre um livro no táxi	Crônica publicada em livro	Cotidiano	VENDA LIVRO	Tentativa de vender livros no táxi		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Compre livro no táxi.	Compre um livro no táxi.	Título: Compre um livro no táxi Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 13.4.72 Assunto: Venda; Livro; Táxi. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

2. Internacional:

Comprometido em Watergate.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
17.5.73	Mais um envolvido em Watergate.	Crônica com diálogo Drummond se presentifica na crônica.	Política	POLÍTICA WATERGATE	O caso de Watergate	Sirica, Mr; Drummond, Mr; Porter, Mr. Herbert; Kissinger; Sabino, Fernando Mr.; Nixon, Presidente; Neves, Davi Mr.; Dean, Mr; Stracham, Gordon, Mr.	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Comprometido em Watergate.	Mais um envolvido em Watergate.	Título: Mais um envolvido em Watergate Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.5.73 Assunto: Política; Watergate. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Comprometido em Watergate".

3. Política:

Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
23.8.73	Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer		Cotidiano	JARDIM BOTÂNICO[RIO DE JANEIRO, RJ] VISITA	Visita ao Jardim Botânico	Do Ouvidor (Travessa)	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.	Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer.	Título: Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 23.8.73 Assunto: Jardim Botânico (Rio de Janeiro, RJ); Visita. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

4. Editorial:

O pai, hoje e amanhã.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
10.8.72	O Pai, hoje e amanhã		Cotidiano	PAI DIA DOS PAIS	Filho pode ou não ter pai		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
O pai, hoje e amanhã.	O pai, hoje e amanhã.	Título: O pai, hoje e amanhã Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.8.72 Assunto: Pai; Conceito. Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

5. Sociedade:

O convidado agradece.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
9.12.71	O convidado agradece		Discurso	JANTAR CONVIDADO AGRADECIMENTO	Convidado de um jantar só faz agradecimentos		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
O convidado agradece.	O convidado agradece.	Título: O convidado agradece Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.12.71 Assunto: Jantar; Convidado; Agradecimento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

6. Saúde:

Coração segundo.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
26.10.71	Coração Segundo	Andrade, Carlos Drummond de Se presentifica na crônica	Ciência	CORAÇÃO SOFRIMENTO SENTIMENTO	Coração é substituído por um que sofre menos.	Assis, Machado de; Bandeira, Manuel; Ramos, Graciliano; Meirelles, Cecília; Assis, Machado; Andrade, Carlos Drummond de	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Coração segundo.	Coração segundo.	Título: Coração segundo Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 26.10.71 Assunto: Coração; Sofrimento; Sentimento. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.

Oito em um.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
1.4.72	Oito em Um		Cotidiano	PSICANÁLISE	Desejo de fazer análise	Pessoa; Fernando; Caeiro, Alberto; Campos; Álvaro de; Reis, Ricardo; Soares, Bernardo; Freud; Jung; Adler; Rank; Horney; Chavier, Chico	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Oito em um.	Oito em um.	Título: Oito em um. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.4.72 Assunto: Psicanálise. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

7. Montanhismo:

Duas mulheres.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
29.6.72	Mulheres Montanhistas		Mulher	MULHER MONTANHISMO	Mulheres vencem desafios da natureza	Oranice; Gabri	
1.7.72	Pé na estrada		Mulher	MULHER MONTANHISMO	Mulher com espírito montanhista	Gabriela; Oranice; Gabri; Archer, Major; Maia, Raimundo de Castro	
4.7.72	Helicóptero		Mulher	MULHER AVENTURA HELICÓPERO	Espírito de aventura ao ar livre	Nunes, Gabriela; Duarte, Oranice; Maryan, Alice; A.P.; Valéry	Il faut tenter de vivre

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
<p>Duas mulheres : I / ao Bico do Papagaio; II / pé na estrada; III / helicóptero.</p>	<p>Mulheres Montanhistas Pé na estrada Helicóptero</p>	<p>Título: Mulheres montanhistas Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 29.6.72 Assunto: Mulher; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ); Bico de Papagaio (Rio de Janeiro, RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ I - Ao bico do papagaio".</p>
		<p>Título: Pé na estrada Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.7.72 Assunto: Mulher; Montanhismo; Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ); Bico de Papagaio (Rio de Janeiro, RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ II - Pé na estrada".</p>

Título: Helicóptero

Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de

Periódico: Jornal do Brasil

Data: 4.7.72

**Assunto: Mulher; Aventura; Helicóptero; Montanhismo;
Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ).**

Ref. nominais:

Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Duas mulheres/ III - Helicóptero".

8. Economia & Mercado:

Conversa alheia

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
1.4.71	Conversa dos outros		Cotidiano	CONVERSA ALHEIA COMENTÁRIO	Conversa alheia; comentários.		Factibilidade

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Conversa alheia.	Conversa dos outros.	Título: Conversa dos outros Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.4.71 Assunto: Comentário; Economia. Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Conversa alheia".

Mulher na Bolsa.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
3.6.71	Mulher na Bôlsa		Política	BOLSA DE VALORES AÇÕES [FINANÇAS]	Mulheres e homens acorem à bolsa p/ comprar ações		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Mulher na Bolsa.	Mulher na Bolsa.	Título: Mulher na bolsa Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.6.71 Assunto: Bolsa de valores; Ações (Finanças); Mulher; Elegante senhora. Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.

9. **Caderno Infantil:**

Vamos brincar.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
21.11.72	Vamos Brincar		Cotidiano	JOGO	Brinquedos para adultos; Jogos inventados	IBOPE	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Vamos brincar.	Vamos brincar.	<p>Título: Vamos brincar Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 21.11.72 Assunto: Jogo; Adulto; Brinquedo. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.</p>

10. Festas:

Reforma de persianas

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
31.12.70	Lição de Ano Novo	Crônica com diálogo	Aposentadoria	ANO-NOVO APOSENTADORIA	João Brandão vai ao banco em busca de benefício.	Nascentes, Professor; Cardoso, Teopompo	Bolei; babados; matusquela; cara; papo

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Reforma de persianas.	Lição de Ano Novo.	Título: Lição de Ano Novo Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 31.12.70 Assunto: Aposentadoria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em O poder ultrajovem. Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Reforma de persianas”.

Auto brasileiro de Natal.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
24.12.70	Auto-brasileiro de Natal						

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Auto brasileiro de Natal.	Auto brasileiro de Natal.	Título: Auto brasileiro de Natal Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.12.70 Assunto: Auto; Natal. Obs.: Publ. em De notícias e não-notícias faz-se a crônica. Interposição de cantos, inclusive o do sabiá.

SEGUNDO GRUPO: crônicas com maior nº de descritores em cada categoria

1. Cidade:

Viadutos

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
1.7.71	Viadutos	Crônica c/ diálogo Publicada?	Cotidiano	VIADUTO MORADIA AMIGO	Amigos moram em viadutos		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Viadutos.	Viadutos.	Título: Viadutos Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 1.7.71 Assunto: Viaduto; Moradia; Conversa. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

O busto proibido.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
5.10.72	O busto proibido	Crônica publicada	Cotidiano Vocabulário	MODA VOCABULÁRIO AFOGAMENTO MOÇA	Moça com maminhas de fora precisa ser salva no mar / Termos atuais	Barbosa, Rui; Lopes, Castro	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
O busto proibido.	O busto proibido.	Título: O busto proibido Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 5.10.72 Assunto: Moda; Vocabulário; Afogamento; Moça. Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

2. Comportamento:

Recalcitrante

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
17.1.74	O recalcitrante	Crônica com diálogo	Cotidiano	CONVERSA ÔNIBUS	Conversa no ônibus		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Recalcitrante.	O recalcitrante.	Título: O recalcitrante Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.1.74 Assunto: Trocador; Ônibus; Passageiro; Portaria; Recalcitrante. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Recalcitrante".

Moça na chuva.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
14.11.72	Moça na chuva		Mulher	MULHER CHUVA RIO DE JANEIRO	Rio de Janeiro com chuva		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Moça na chuva.	Moça na chuva.	Título: Moça na chuva Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 14.11.72 Assunto: Mulher; Chuva; Rio de Janeiro (RJ). Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

3. Gente:

Serás ministro

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
31.1.74	Ministro		Política	COTIDIANO CANDIDATURA MINISTRO DE ESTADO	Pai acha que filho será Ministro	Silva, Ministro Alves da	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Serás ministro.	Ministro.	Título: Ministro Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 31.1.74 Assunto: Registro de nascimento; Nome próprio. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Serás ministro”.

Conversa de morango.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
10.6.71	Conversa de morango		Cotidiano	JUNHO MORANGO	Junho é o mês dos morangos; novas propriedades são atribuídas aos morangos		Sucre vanillé; forêt; chateau; porcelaine; dentelle

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Conversa de morango.	Conversa de morango.	Título: Conversa de morango Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.6.71 Assunto: Junho; Morango. Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.

4. **Moda:**

Umbigo

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
30.12.72	Umbigo	Insero trecho de poema de Vinícius de Moraes. Crônica publicada em livro	MODA	. UMBIGO . MODA			

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Umbigo.	Umbigo 72.	Título: Umbigo. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 30.12.72 Assunto: Umbigo; Moda. Ref. nominais: Obs.: Insero trecho de poema de Vinícius de Moraes. Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.

Nome de boutique.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
16.11.72	Nome de boutique		Nome	BOUTIQUE MODA	Boutique da Zona Sul / variedade de roupas, sapatos, lenços	Fifinho; Bobó; Aniki; Cuca, lelé da; Dumba; Sexy; Obvius; Trapo; Tanajura; Elisa; chez; Capitulina; Vó; Milu	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Nome de boutique.	Nome de boutique.	Título: Nome de "boutique" Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 16.11.72 Assunto: Boutique; Nome. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.

5. Artes & Letras:

Peça nova

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
18.10.73	Atenção: Peça nova		Literatura	LITERATURA SOM PEÇA TEATRAL	Peça apenas com som	Michalski, Yan; Brandão, João	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Peça nova.	Atenção: Peça nova.	<p>Título: Atenção: peça nova Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 18.10.73 Assunto: Literatura; Som; Peça teatral; Censura. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Peça nova".</p>

Calça literária.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
27.4.71	Calça Literária	Crônica publicada em livro	Moda	ROUPA ESTAMPADA ESCRITA	Roupas estampadas. Tentativa de leitura nas roupas escritas.	Pelé; Pessoa, Fernando; Hendrix, Jemi; Janaína, Dona; rainha do mar; Bilac; Cecília, Alves, Castro	“Vou-me embora pra Pasárgada” “ Amor é fogo que arde sem se ver”

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Calça literária.	Calça literária.	Título: Calça literária Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 27.4.71 Assunto: Roupas estampada; Escrita; Poema. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícia faz-se a crônica.

6. Cultura & Ensino:

Gravação

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
2.5.72	No Gravador	Crônica em diálogo	Cotidiano	DIÁLOGO	Questionamento		Bacana; tremendo;barato;papo findo; ciao

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Gravação	No Gravador.	<p>Título: No gravador</p> <p>Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de</p> <p>Periódico: Jornal do Brasil</p> <p>Data: 2.5.72</p> <p>Assunto: Entrevista; Estudante.</p> <p>Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Gravação".</p>

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
3.7.71	A Bota Verbête		Vocabulário	BOTA CONCEITO	Definição do termo bota		Canyons; cowboy; western; boutique; short
24.6.71	Verbete do guarda-chuva		Vocabulário	GUARDA- CHUVA CONCEITO	Definição do guarda-chuva, de acordo c/ suas particularidades	Mota, Mauro; Chamberlain; Primeiro ministro; Ricardo, Cassiano; Margueritte, Paul e Victor	
17.7.71	Verbête do telefone		Vocabulário	TELEFONE CONCEITO	Definição do termo telefone	Graham, Alexander	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Enciclopédia carioca : I / Verbetes da bota; II / Verbete do guarda-chuva; III / Verbete do telefone.	A bota verbete (De uma enciclopédia em preparo).	<p>Título: A bota verbete (De uma enciclopédia em preparo) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.7.71 Assunto: Bota; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título de "Enciclopédia/ I - Verbete da bota".</p>
	Verbetes do guarda-chuva (Para uma enciclopédia da vida cotidiana).	<p>Título: Verbete do guarda-chuva (Para uma enciclopédia da vida cotidiana) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 24.6.71 Assunto: Guarda-chuva; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Enciclopédia carioca/ II - Verbete do guarda-chuva".</p>
	Verbetes do telefone (De uma enciclopédia carioca).	<p>Título: Verbete do telefone (De uma enciclopédia carioca) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 17.7.71 Assunto: Telefone; Conceito. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título "Enciclopédia carioca III/ Verbete do telefone".</p>

7. Ecologia:

Civilização

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
5.5.73	Civilização		Animais	ANIMAL FLORESTA AMAZÔNIA	Caça na Amazônia	Léautaud, Paul; Brandão, João	Inhambuxororós; inhambus; canelaroixa; Bam!; Tzim; Bzzz! Crash!

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Civilização.	Civilização.	Título: Civilização. Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 5.5.73 Assunto: Animal; Floresta; Amazônia Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica

Poluição geral.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
20.11.71	Poluição Geral		Poluição	POLUIÇÃO BANHO CINEMA LIVRARIA	Banho , cinema, livraria, tudo polui	Assis, Machado	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Poluição geral.	Poluição geral.	Título: Poluição geral Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 20.11.71 Assunto: Poluição; Banho; Cinema; Livraria. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não-notícias faz-se a crônica.

8. Consumo:

Elefantex S. A.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
3.5.73	Elefantex S A (Relatório da Diretoria)	Carta para os Acionistas	Legislação	LEGISLAÇÃO			

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Elefantex S. A.	Elefantex S. A. (Relatório da Diretoria).	Título: Elefantex S A (Relatório da diretoria) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 3.5.73 Assunto: Fábrica; Prestação de contas; Consumo. Ref. nominais: Obs.: Em forma de carta circular. Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Elefantex S. A.”.

Glória.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
23.12.71	Glória	Crônica publicada	Cotidiano	MÃE FILHO ARTISTA TELEVISÃO	Mãe considera seu filho um artista de TV		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Glória	Glória.	Título: Glória Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 23.12.71 Assunto: Mãe; Artista; Talento artístico; Filho; Cotidiano. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícia e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.

9. Polícia:

Esparadrapo

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
14.8.71	Episódio Urbano		Cotidiano	RESTAURANTE PAGAMENTO DE CONTA ASSALTO	Come-se no restaurante e a conta vem para casa; perigo de assaltos.		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Esparadrapo	Episódio Urbano.	Título: Episódio urbano Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 14.8.71 Assunto: Restaurante; Assalto. Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas, com o título "Esparadrapo".

Ladrões no terraço.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
9.11.71	Ladrões no Terraço		Cotidiano	ANIVERSÁRIO SEGURANÇA	Ir ou não ir a um aniversário.		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Ladrões no terraço	Ladrões no terraço.	Título: Ladrões no terraço Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 9.11.71 Assunto: Aniversário; Segurança; Casal; Cinema; Terraço; Batida policial; Moleque. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica e em 70 historinhas.

10. Classificados:

Cartas de estimação

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
10.4.71	Cartas de estimação		Cotidiano	CARTA DE AMOR	Pacote de cartas recebidas preocupa o cronista	Sinhá; Virgínia	

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Cartas de estimação : I / 50 anos depois; II / Hipóteses; III / Revelação; IV / E agora?; V / (In) conclusão	Cartas de estimação.	Título: Cartas de estimação Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 10.4.71 Assunto: Carta; Anúncio classificado. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica com o título “Cartas de estimação : I / 50 anos depois”.

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
	Cartas de estimação II - Hipóteses	<p>Título: Cartas de estimação II - Hipóteses Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 13.4.71 Assunto: Carta. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Cartas de estimação : II / Hipóteses”.</p>
	Cartas de estimação III - Revelação	<p>Título: Cartas de estimação III - Revelação Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 15.4.71 Assunto: Carta. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica, com o título “Cartas de estimação : III / Revelação”.</p>

Viúva loura.

Primeira Fase

DATA	TÍTULO	CARACTERÍSTICAS	TEMA CENTRAL	TERMOS CONTROLADOS	DISCUSSÃO	ÍNDICE ONOMÁSTICO	ÍNDICE VOCABULAR
28.3.72	Viúva loura (Classificado do JB -24-3-72)	Crônica em diálogo	Cotidiano	VIÚVA ANÚNCIO CLASSIFICADO	Viúva de 21 anos		

Segunda Fase (Informatizada)

TÍTULO NO LIVRO	TÍTULO NO JB	Descrição/Indexação (Base DocPro)
Viúva loura.	Viúva loura (Classificado do JB, 24-3-72).	Título: Viúva loura (Classificado do JB 24-3-72) Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de Periódico: Jornal do Brasil Data: 28.3.72 Assunto: Viúva; Anúncio classificado. Ref. nominais: Obs.: Publ. em De notícias e não notícias faz-se a crônica.